Eva Maria Lakatos
Marina de Andrade Marconi

Metodologia do Trabalho Científico

- Procedimentos básicos
- Pesquisa bibliográfica, projeto e relatório
- Publicações e trabalhos científicos

4ª Edição
Revista e Ampliada

atlas

EDITORA ATLAS S.A.
Rua Conselheiro Nébias, 1384 (Campos Elísios)
Tel.: (011) 221-9144 (PABX)
01203-904 – São Paulo (SP)

EVA MARIA LAKATOS
MARINA DE ANDRADE MARCONI

METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO

- **Procedimentos Básicos**
- **Pesquisa Bibliográfica, Projeto e Relatório**
- **Publicações e Trabalhos Científicos**

4ª EDIÇÃO

SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. – 1992

© 1992 by EDITORA ATLAS S.A.
Rua Conselheiro Nébias, 1384 (Campos Elísios)
01203-904 São Paulo (SP)
Tel.: (011) 221-9144 PABX

3. ed. 1991; 4. ed. 1992

ISBN 85-224-0859-9

Impresso no Brasil/**Printed in Brazil**

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. O Código Penal brasileiro determina, no artigo 184:

"DOS CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE INTELECTUAL
Violação de direito autoral
Art. 184. Violar direito autoral:
Pena – detenção de três meses a um ano, ou multa.
§ 1º Se a violação consistir na reprodução, por qualquer meio, de obra intelectual, no todo ou em parte, para fins de comércio, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, ou consistir na reprodução de fonograma e videofonograma, sem autorização do produtor ou de quem o represente:
Pena – reclusão de um a quatro anos e multa."

Capa: Paulo Ferreira Leite

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lakatos, Eva Maria.
Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos / Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. - - 4. ed. - - São Paulo: Atlas, 1992.

Bibliografia.
ISBN 85-224-0859-9

1. Metodologia 2. Pesquisa 3.Trabalhos científicos – Redação I. Marconi, Marina de Andrade. II Título.

92-1789 CDD-001.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Metodologia da pesquisa 001.42
2. Pesquisa : Metodologia 001.42

A meu pai
Tibor Lakatos
E.M.L.

A meu filho Paulo,
minha nora Maria Helena
e meu neto Fernando
M.A.M.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS, 13

1 PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS, 15

1.1 Leitura, 15
1.1.1 Importância, 15
1.1.2 Natureza da leitura, 16
1.1.2.1 Espécies de leitura, 16
1.1.3 O que se deve ler, 17
1.1.3.1 Identificação, 17
1.1.4 Como se deve ler, 18
1.1.4.1 Leitura proveitosa, 18
1.1.4.2 Defeitos a serem evitados, 20
1.1.5 Tipos de leitura, 20
1.1.5.1 Scanning, 20
1.1.5.2 Skimming, 20
1.1.5.3 Do significado, 20
1.1.5.4 Do estudo, 20
1.1.5.5 Crítica, 20
1.1.5.6 De erudição, 21
1.1.6 Outras classificações, 21
1.1.6.1 Leitura informativa, 21
1.1.6.2 Fases da leitura informativa, 22
1.2 Análise de texto, 23
1.2.1 Conceitos, 23
1.2.2 Finalidades, 23
1.2.3 Procedimento, 24
1.2.4 Recomendações, 24
1.2.5 Tipos de análise, 25
1.2.5.1 Análise dos elementos, 25
1.2.5.2 Análise de relações, 26
1.2.5.3 Análise de estrutura, 26
1.2.6 Outros tipos de análise, 27
1.2.7 Roteiro de análise, 28
1.3 Seminário, 29
1.3.1 Conceito, 29
1.3.2 Finalidade, 29

1.3.3 Objetivos, 29
1.3.4 Componentes, 30
1.3.5 Duração, 31
1.3.6 Temas, 31
1.3.7 Modalidades, 31
1.3.7.1 Clássico, 31
1.3.7.2 Clássico em grupo, 32
1.3.7.3 Em grupo, 32
1.3.8 Roteiro de seminário, 32
1.3.9 Exemplo de roteiro para seminários, 33
1.3.10 Exemplo de seminário, 35
1.4 Conferência, 36
1.4.1 Organização, 37
1.4.1.1 Pensar com antecedência, 37
1.4.1.2 Preparação, 37
1.4.2 Apresentação, 37
1.4.3 Tempo, 38
1.5 Curriculum vitae, 38

LITERATURA RECOMENDADA, 42

2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA, 43

2.1 Pesquisa: Conceito e tipos, 43
2.2 Fases da pesquisa bibliográfica, 44
2.2.1 Escolha do tema, 44
2.2.2 Elaboração do plano de trabalho, 46
2.2.3 Identificação, 47
2.2.4 Localização, 47
2.2.5 Compilação, 48
2.2.6 Fichamento, 48
2.2.7 Anâlise e interpretação, 48
2.2.8 Redação, 51
2.3 Fichas, 51
2.3.1 Aspecto físico, 52
2.3.2 Composição das fichas, 52
2.3.2.1 Cabeçalho, 52
2.3.2.2 Referência bibliográfica, 55
2.3.2.3 Corpo ou texto, 55
2.3.2.4 Indicação da obra, 56
2.3.2.5 Local, 56
2.3.3 Conteúdo das fichas, 57
2.3.3.1 Ficha bibliográfica, 58
2.3.3.2 Ficha de citações, 59
2.3.3.3 Ficha de resumo ou conteúdo, 60
2.3.3.4 Ficha de esboço, 60
2.3.3.5 Ficha de comentário ou analítica, 61
2.3.4 Exemplos de fichas, 62
2.3.5 Disposição do fichário, 68
2.3.5.1 Arranjo alfabético de cabeçalhos específicos de assuntos, 68
2.3.5.2 Arranjo alfabético de cabeçalhos genéricos de assuntos, 69

2.3.5.3 Arranjo sistemático ou classificado, 70
2.4 Resumos, 72
2.4.1 Conceito, finalidade e caráter, 72
2.4.2 Como resumir, 73
2.4.3 Tipos, 74
2.4.4 Exemplos, 75

LITERATURA RECOMENDADA, 77

3 PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS, 79

3.1 Comunicação – Trabalhos de congressos, 79
3.1.1 Comunicação científica, 79
3.1.2 Aspectos da comunicação, 80
3.1.2.1 Finalidade, 80
3.1.2.2 Informações, 80
3.1.2.3 Estrutura, 80
3.1.2.4 Linguagem, 81
3.1.2.5 Abordagem, 81
3.1.3 Tipos de comunicação, 82
3.1.4 Estrutura da comunicação, 82
3.1.5 Elaboração da comunicação, 83
3.1.6 Estágios da comunicação, 83
3.1.7 Apresentação formal, 84
3.1.8 Exemplo de comunicação, 84
3.2 Artigos científicos, 84
3.2.1 Estrutura do artigo, 85
3.2.1.1 Preliminares, 85
3.2.1.2 Sinopse, 85
3.2.1.3 Corpo do artigo, 85
3.2.1.4 Parte referencial, 85
3.2.2 Conteúdo do artigo científico, 86
3.2.3 Tipos de artigos científicos, 86
3.2.3.1 Argumento teórico, 87
3.2.3.2 Artigo de análise, 87
3.2.3.3 Classificatório, 87
3.2.4 Motivação, 88
3.2.5 Estilo, 88
3.2.6 Avaliação, 88
3.3 Informe científico, 89
3.4 Resenha crítica, 89
3.4.1 Conceito e finalidade, 89
3.4.2 Requisitos básicos, 90
3.4.3 Importância da resenha, 90
3.4.4 Estrutura da resenha, 91
3.4.5 Modelo de resenha, 92
3.4.6 Exemplo de resenha, 94

LITERATURA RECOMENDADA, 97

4 PROJETO E RELATÓRIO DE PESQUISA, 99

4.1 Noções preliminares, 99
4.2 Estrutura do projeto, 99
4.2.1 Apresentação, 101
4.2.2 Objetivo, 102
4.2.2.1 Tema, 102
4.2.2.2 Delimitação do tema, 102
4.2.2.3 Objetivo geral, 102
4.2.2.4 Objetivos específicos, 102
4.2.3 Justificativa, 103
4.2.4 Objeto, 103
4.2.4.1 Problema, 103
4.2.4.2 Hipótese básica, 104
4.2.4.3 Hipóteses secundárias, 104
4.2.4.4 Variáveis, 104
4.2.4.5 Relação entre variáveis, 105
4.2.5 Metodologia, 105
4.2.5.1 Método de abordagem, 106
4.2.5.2 Métodos de procedimento, 106
4.2.5.3 Técnicas, 107
4.2.5.4 Delimitação do universo (descrição da população), 108
4.2.5.5 Tipo de amostragem, 108
4.2.5.6 Tratamento estatístico, 108
4.2.6 Embasamento teórico, 110
4.2.6.1 Teoria de base, 110
4.2.6.2 Revisão da bibliografia, 110
4.2.6.3 Definição dos termos, 111
4.2.6.4 Conceitos operacionais e indicadores, 111
4.2.7 Cronograma, 112
4.2.8 Orçamento, 112
4.2.9 Instrumento(s) de pesquisa, 113
4.2.10 Bibliografia, 113
4.3 Exemplo, 114
4.4 Pesquisa piloto ou Pré-teste, 129
4.5 Estrutura do relatório, 130
4.5.1 Apresentação, 131
4.5.2 Sinopse, 131
4.5.3 Sumário, 132
4.5.4 Introdução, 132
4.5.5 Revisão bibliográfica, 132
4.5.6 Metodologia, 132
4.5.7 Embasamento teórico, 132
4.5.8 Apresentação dos dados e sua análise, 132
4.5.9 Interpretação dos resultados, 133
4.5.10 Conclusões, 133
4.5.11 Recomendações e sugestões, 134
4.5.12 Apêndices, 134
4.5.13 Anexos, 134
4.5.14 Bibliografia, 134

LITERATURA RECOMENDADA, 135

5 TRABALHOS CIENTÍFICOS, 137

5.1 Aspectos gráficos e materiais da redação, 137
5.1.1 Tamanho das folhas e disposição do texto, 137
5.1.2 Partes do trabalho, 138
5.1.2.1 Preliminares, 138
5.1.2.2 Corpo do trabalho, 139
5.1.2.3 Parte referencial, 140
5.2 Monografia, 151
5.2.1 Conceitos, 151
5.2.2 Características, 152
5.2.3 Objetivos, 153
5.2.4 Tipos de monografia, 154
5.2.5 Estrutura da monografia, 155
5.2.6 Escolha do tema, 156
5.2.7 Esquema, 157
5.2.7.1 Esquema de tópicos – Exemplo, 157
5.2.7.2 Esquema de frases – Exemplo, 157
5.3 Dissertação, 158
5.3.1 Conceitos, 158
5.3.2 Tipos, 159
5.3.3 Escolha do tema, 159
5.3.4 Problemas, hipóteses e variáveis, 161
5.3.5 Esquema, 162
5.3.6 Avaliação metodológica do trabalho, 164
5.3.7 Redação, 165
5.4 Tese, 165
5.4.1 Conceitos, 165
5.4.2 Objetivos, 166
5.4.3 Estrutura, 166
5.4.3.1 Introdução, 167
5.4.3.2 Desenvolvimento, 168
5.4.3.3 Parte referencial, 169

5.4.4 Construção de conceitos, 169
5.4.4.1 Conceitos, constructos e termos teóricos, 169
5.4.4.2 Definição operacional, 170
5.4.5 Construção de argumentos, 171
5.4.5.1 Conceito e natureza da reflexão, 171
5.4.5.2 Estrutura do desenvolvimento da argumentação, 171
5.4.5.3 Tipos de argumentação, 173
5.4.6 Redação, 173
5.4.6.1 Regras para a redação, 174
5.4.6.2 Estilo, 174

LITERATURA RECOMENDADA, 174

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 177

6.1 Indicações bibliográficas no texto, 177
6.1.1 Citações, 177
6.1.2 Indicação da fonte das citações, 179

6.2 Notas de rodapé, 182
6.2.1 Finalidades, 182
6.2.2 Disposição, 183
6.2.3 Indicação das fontes de citação, 183
6.3 Bibliografia final, 186
6.3.1 Publicações avulsas consideradas no todo, 186
6.3.2 Publicações avulsas consideradas em parte, 188
6.3.3 Artigos de periódicos, 189
6.3.4 Artigos de jornais, 189
6.3.5 Autor, 190
6.3.5.1 Pessoa física, 190
6.3.5.2 Entidade coletiva, 191
6.3.6 Título, 192
6.3.7 Edição, 193
6.3.8 Local de publicação, 193
6.3.9 Editor, 194
6.3.10 Data, 194
6.3.11 Outros elementos, 195

LITERATURA RECOMENDADA, 195

BIBLIOGRAFIA, 197

AGRADECIMENTOS

Aos professores que gentilmente nos cederam seus programas e deram sugestões para a realização desta obra: Adair Cáceres Pessini, Aidil Jesus da Silveira Paes de Barros, José Benedito dos Santos Camargo, Juan Antonio Rodrigues Fernandes, Dra. Maria Regina Adoglio Rodrigues Neto, Márcia Nemes, Neide Aparecida de Souza Lehfeld, Dra. Odília Fachin, Dr. Pasquale Di Paolo, Dr. Valmor Bolan, Pe. Walmor Zucco.

À Professora Eliana Branco Malanga, doutora em Ciências, diretora de Comunicação da TEMA Assessoria (pesquisas, monografias, teses), pela colaboração nos exemplos de fichas, resumos e resenha.

Ao Professor Jaciro Campante, doutor em História, da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, Campus de Franca, pela colaboração no exemplo de roteiro e de seminário.

AS AUTORAS

Nesta terceira edição, queremos estender nossa gratidão a:

Luiz Herrmann, Diretor-Presidente da Editora Atlas S.A., por tornar possível o trabalho de escrever obras didáticas, com seu apoio e compreensão.

Ailton Bomfim Brandão, Diretor de Marketing da Editora Atlas S.A., pois seus conselhos e orientação foram essenciais à nossa atividade.

João Bosco Medeiros, Coordenador Editorial, por seus conselhos, principalmente relativos à Língua Portuguesa e suas intrincadas questões.

Tadashi Kimura, Contador da Editora Atlas S.A., por sua compreensão, que resultou na tranqüilidade necessária para escrever.

1

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

1.1 LEITURA

Ler significa conhecer, interpretar, decifrar. A maior parte dos conhecimentos é obtida através da leitura, que possibilita não só a ampliação, como também o aprofundamento do saber em determinado campo cultural ou científico.

Ler significa também eleger, escolher, ou seja, "distinguir os elementos mais importantes daqueles que não o são e, depois, optar pelos mais representativos e mais sugestivos" (Salvador, 1980: 100).

Sendo os textos uma fonte inesgotável de idéias e conhecimentos, deve-se ler muito e continuadamente. Entretanto, não basta ler indiscriminadamente, é preciso saber ler. A leitura é válida somente quando assimilada. Tanto o estudante quanto o intelectual precisam ler constantemente.

1.1.1 Importância

A leitura constitui-se em um dos fatores decisivos do estudo e imprescindível em qualquer tipo de investigação científica. Favorece a obtenção de informações já existentes, poupando o trabalho da pesquisa de campo ou experimental.

A leitura propicia a ampliação de conhecimentos, abre horizontes na mente, aumenta o vocabulário, permitindo melhor entendimento do conteúdo das obras. Através dela podem-se obter informações básicas ou específicas.

Pode-se dizer que a leitura tem dois objetivos fundamentais: serve como meio eficaz para aprofundamento dos estudos e aquisição de cultura geral. Todavia, impõe-se uma seleção para a leitura, em razão da quantidade e qualidade dos livros e periódicos em circulação. Primeiro, não se tem condições físicas e tempo para se ler tudo; segundo, nem tudo que há merece ser lido.

Gagliano (1979: 85) afirma que "toda leitura cultural tem sempre um destino, não caminha a esmo. Esse destino pode ser a busca, a assimilação, a retenção, a crítica, a comparação, a verificação e a integração de conhecimentos".

1.1.2 Natureza da Leitura

Há três espécies de leitura: uma, para entretenimento ou distração; outra, para aquisição de cultura geral, erudição; e a terceira, tendo em vista a ampliação de conhecimentos em determinado campo do saber. As duas primeiras não exigem, praticamente, um grande esforço intelectual, ao passo que a última requer atenção especial e concentração.

1.1.2.1 ESPÉCIES DE LEITURA

a) **De Entretenimento ou Distração** – visando apenas ao divertimento, passatempo, lazer, sem maiores preocupações com o aspecto do saber. Talvez tenha um mérito: o de despertar, no leitor, o interesse e em conseqüência a formação do hábito da leitura. Neste item estão incluídos alguns tipos de periódicos e de obras literárias.

b) **De Cultura Geral ou Informativa** – tendo como objetivo tomar conhecimento, de modo geral, do que ocorre no mundo, mas sem grande profundidade. Engloba trabalhos de divulgação, ou seja, livros, revistas e jornais. As notícias de jornais atualizados, nacionais ou estrangeiros, são, muitas vezes, fontes de importantes informações, pois situam uma época.

c) **De Aproveitamento ou Formativa** – cuja finalidade é aprender algo de novo ou aprofundar conhecimentos anteriores. Exige do leitor atenção e concentração. Essa espécie de leitura deve ser efetuada em livros e revistas especializados.

Para Vega (1969:26), a leitura implica quatro operações: reconhecimento, organização, elaboração e valoração. Significam:

a) **Reconhecer** – entender o significado dos símbolos gráficos utilizados no texto.

b) **Organizar** – entrosar o significado das palavras na frase, nos parágrafos, nos capítulos etc.

c) **Elaborar** – estabelecer significados adicionais em torno do significado imediato e original dos símbolos gráficos utilizados no texto.

d) **Valorar** – cotejar os dados da leitura com os meios ideais, conceitos e sentimentos, a fim de aceitar ou refutar as afirmações ou supostas verdades.

A seqüência dessas operações não é fixa, varia de acordo com o leitor, suas condições ou preferências.

1.1.3 O que se Deve Ler

É muito importante a escolha da leitura e, para isso, faz-se necessário que, no início, alguém oriente, indicando as obras mais adequadas ou mais importantes.

"Quem estuda um texto tem por objetivo aprender algo, rever detalhes ou buscar respostas para certas indagações" (Gagliano, 1979:73). Como nem todos os textos atendem a determinado objetivo, surge a necessidade da seleção. Mas também não basta selecionar só o que interessa; tem-se de levar em consideração aquilo que é confiável.

Em se tratando de estudantes, iniciantes da vida intelectual, a seleção, a princípio, deve ser feita sob a orientação do professor. Depois, à medida que houver mais familiaridade com o mundo dos livros, a habilidade de seleção será mais fácil, natural.

Deve-se escolher o livro ou artigo pelo título, autor e edição e, de preferência, a melhor edição crítica existente ou as bem-conceituadas.

A leitura, tanto quanto possível, deve ser feita em obras originais, na língua do autor; na falta destas, escolher traduções que ofereçam garantia de fidelidade.

A elaboração de uma tese de mestrado ou tese de doutoramento e outras exige muita leitura e, se possível, de toda a bibliografia referente ao assunto.

1.1.3.1 IDENTIFICAÇÃO

O primeiro passo na busca de material para leitura, comum a todos os leitores, consiste na identificação do texto que se tem pela frente. Deve-se ler:

a) **o título** – pois ele estabelece o assunto e, às vezes, a intenção do autor;

b) **a data da publicação** – para certificar-se de sua atualização ou aceitação (pelo número de edições), a não ser que seja uma obra considerada clássica;

c) **a ficha catalográfica** – a fim de verificar as credenciais ou qualificações do autor;

d) **a "orelha"** – onde, geralmente, se encontra uma apreciação da obra;

e) **o índice ou sumário** – para se ter uma idéia da divisão e tópicos abordados;

f) **a introdução ou prefácio** – procurando encontrar indícios da metodologia e objetivos do autor;

g) **a bibliografia** – final e as citações de rodapé – tendo em vista as obras consultadas.

Deve-se, ainda, olhar uma ou outra página, para saber que tipo de abordagem fez o autor. Se a obra for de interesse, assinale a sua futura utilização.

Os livros podem ser úteis de duas maneiras: para leituras ou para consultas. De qualquer forma, há necessidade prévia de seleção.

Selecionam-se, então, dois tipos de obras: as que podem ajudar nos estudos, em face dos conhecimentos técnicos e atualizados que contêm, e as que oferecem subsídios para a elaboração de trabalhos científicos.

O estudante deve procurar, na medida do possível, preocupar-se com a formação de uma biblioteca de obras selecionadas, dado que elas são o instrumento de trabalho do estudioso, do intelectual e do cientista.

Em geral inicia-se pelas obras básicas, indicadas pelos professores; depois, outras mais especializadas que tratem de assuntos mais amplos, porém, dentro da área de interesse profissional.

1.1.4 Como se Deve Ler

"É preciso ler para obter informações básicas e para procurar informações específicas" (Barrass, 1979:137).

A maneira de ler, todavia, varia de acordo com o fim a que se propõe o leitor.

Para Salomon (1972:33), o bom leitor é aquele que:

"1. Lê com objetivo determinado.
2. Lê unidades de pensamento.
3. Tem vários padrões de velocidade.
4. Avalia o que lê.
5. Possui bom vocabulário.
6. Tem habilidade para conhecer o valor do livro.
7. Sabe quando deve ler um livro até o fim, quando interromper a leitura definitiva ou periodicamente.
8. Discute freqüentemente o que lê com os colegas.
9. Adquire livro com freqüência e cuida de ter sua biblioteca particular.
10. Lê vários assuntos.
11. Lê muito e gosta de ler.
12. O bom leitor é aquele que não só é bom na hora da leitura (...) é constantemente bom leitor. Não só lê, mas sabe ler."

1.1.4.1 LEITURA PROVEITOSA

Para que a leitura tenha um resultado satisfatório, algumas considerações devem ser levadas em conta:

a) **Atenção** – aplicação cuidadosa da mente ou espírito em determinado objeto, para haver entendimento, assimilação e apreensão dos conteúdos básicos encontrados no texto.

b) **Intenção** – interesse ou propósito de conseguir algum proveito intelectual através da leitura.

c) **Reflexão** – consideração e ponderação sobre o que se lê, observando todos os ângulos, tentando descobrir novos pontos de vista, novas perspectivas e relações. Favorece a assimilação de idéias alheias, o esclarecimento e o aperfeiçoamento das próprias, além de ajudar a aprofundar conhecimentos.

d) **Espírito crítico** – avaliação de um texto. Implica julgamento, comparação, aprovação ou não, aceitação ou refutamento das colocações e pontos de vista. Permite perceber onde está o bom ou o verdadeiro, o fraco, o medíocre ou o falso.

Ler com espírito crítico significa ler com reflexão, não admitindo idéias sem analisar, ponderar; nem proposições sem discutir; nem raciocínio sem examinar. É emitir juízo de valor.

e) **Análise** – divisão do tema no maior número de partes possível, determinação das relações entre elas e entender sua organização.

Segundo Bloom (1971:119), "as capacidades que requer a análise estão situadas em um nível mais alto que as necessárias para compreensão e aplicação."

f) **Síntese** – reconstituição das partes decompostas pela análise e resumo dos aspectos essenciais, deixando de lado o secundário e o acessório, mas dentro de uma seqüência lógica de pensamento.

g) **Velocidade** – certo grau de velocidade, mas com eficiência, faz-se necessário. Os estudantes, os responsáveis pelos trabalhos científicos devem consultar e ler quantidades razoáveis de obras e documentos. Em razão da explosão bibliográfica especializada é necessário que se leia com certa velocidade, para se tomar conhecimento das novas teorias, idéias, colocações etc. Deve-se ler rápido, mas de modo a entender o que se lê, visando ao bom aproveitamento.

Gagliano (1979:71-72) indica algumas regras elementares para a leitura:

"1. Jamais realizar uma leitura de estudo sem um propósito definido.
2. Reconhecer sempre que cada assunto, cada gênero literário requer uma velocidade própria de leitura.
3. Entender o que se lê.
4. Avaliar o que se lê.
5. Discutir o que se lê.
6. Aplicar o que se lê.

1.1.4.2 DEFEITOS A SEREM EVITADOS

Além de se observarem os requisitos necessários para que a leitura se torne proveitosa, deve-se também procurar evitar algumas atitudes que só prejudicam o bom aproveitamento. Entre elas estão:

a) **Dispersão do espírito** – falta de concentração, deixando a imaginação divagar de um lado para outro. A formação intelectual consiste, em grande parte, na disciplina da mente.

b) **Inconstância** – o trabalho intelectual, sem uma devida perseverança, não atinge o objetivo, não chega a nada concreto.

c) **Passividade** – a leitura passiva, sem trabalho da mente, sem raciocínio, reflexão, discussão, impede o verdadeiro progresso intelectual.

d) **Excessivo espírito crítico** – preocupação exagerada em censurar, criticar, refutar ou contradizer prejudica o raciocínio lógico.

e) **Preguiça** – em procurar esclarecimentos de coisas desconhecidas contidas no texto. Sem a compreensão da terminologia específica, nem sempre se pode entender o texto.

f) **Deslealdade** – distorção do pensamento do autor. Quando há má fé ou se falsificam as idéias contidas no texto, compromete-se o caráter científico de qualquer obra.

A investigação ou a apreciação deixa de ser uma verdade científica.

1.1.5 Tipos de Leitura

Harlow (1980:113-114) apresenta cinco tipos de leitura:

1.1.5.1 **SCANNING** – procura de um certo tópico da obra, utilizando o índice ou a leitura de algumas linhas, parágrafos, visando encontrar frases ou palavras-chave.

1.1.5.2 **SKIMMING** – captação da tendência geral, sem entrar em minúcias, valendo-se dos títulos, subtítulos, ilustrações (se houver). Leitura dos parágrafos, tentando encontrar a metodologia e a essência do trabalho.

1.1.5.3 **DO SIGNIFICADO** – visão ampla do conteúdo, principalmente do que interessa, deixando de lado aspectos secundários, lendo tudo de uma vez, sem voltar atrás.

1.1.5.4 **DE ESTUDO** – absorção mais completa do conteúdo e de todos os significados, devendo ler, reler, utilizar o dicionário e fazer resumos.

1.1.5.5 **CRÍTICA** – estudo e formação de ponto de vista sobre o texto, comparando as declarações do autor com conhecimentos anteriores. Avaliação dos dados

quanto à solidez da argumentação, a fidedignidade e atualização. Se são corretos e completos.

Moral (1955:63-65) indica apenas um tipo de leitura, a de erudição, abrangendo três subdivisões:

1.1.5.6 **DE ERUDIÇÃO** – voltada para o entendimento. Subdivide-se em:

a) **Leitura-trabalho** – visando ao conhecimento científico do texto. Leitura lenta, com anotações e resumos.

b) **Leitura-crítica** – análise do conteúdo, fazendo juízo de valor. Abrange leitura, resumo e classificação ordenada do conteúdo.

c) **Leitura-descanso** – ou de prazer, que pode ser um exercício proveitoso, desde que seja adotado um bom método.

A abordagem de Salomon (1972:47) é um pouco diferente da dos outros autores citados. Apresenta os seguintes tipos de leitura: "silenciosa, oral, técnica, de informação, de estudo, de higiene e de prazer".

1.1.6 Outras Classificações

A classificação dos tipos de leitura apresentados por Cervo e Bervian (1978:25-60) apresenta três modalidades: formativa, de distração e informativa. Entretanto, eles se preocupam apenas com a última.

1.1.6.1 **LEITURA INFORMATIVA** – ou coleta de informações. Deve-se ler tendo em vista um objetivo determinado. A leitura informativa abrange quatro fases:

a) **De Reconhecimento ou Pré-Leitura** – permite ao leitor verificar a existência ou não das informações que necessita, dando, ao mesmo tempo, uma visão global do assunto.

b) **Seletiva** – seleção das informações de interesse, após a localização das mesmas. A seleção deve ser feita tendo em vista as proposições do trabalho, ou seja, os problemas, as hipóteses, os objetivos etc.

c) **Crítica ou Reflexiva** – implica estudo, reflexão, entendimento dos significados. Exige esforço reflexivo realizado através das operações de análise, comparação, diferenciação, síntese e julgamento.

d) **Interpretativa** – significa entender a intenção do autor. Abrange três aspectos:

- saber o que o autor realmente afirma;
- correlacionar as afirmações do autor com os problemas para os quais se procura a solução;

- julgar o material coletado em relação ao critério de verdade e cuidar para que todas as afirmações sejam comprovadas. Concluída a análise e o julgamento, passa-se ao processo de síntese.

A esquematização dos tipos de leitura, apresentada por Salvador (1980:94-102), é a mais detalhada de todas, embora indique a mesma visão de Cervo e Bervian, ou seja, formativa, informativa e de distração. Ele também apenas se preocupa com uma delas, a informativa, porém, com uma subdivisão mais completa.

Para Salvador, a leitura informativa é aquela que visa apenas à coleta de informações para determinado propósito. Engloba três objetivos principais:

a) certificar-se do conteúdo do texto;
b) correlacionar os dados coletados com o problema a ser solucionado;
c) verificar a validade das informações do autor.

1.1.6.2 FASES DA LEITURA INFORMATIVA

A leitura informativa engloba as seguintes fases:

a) **De Reconhecimento ou Prévia** – leitura rápida, cuja finalidade é procurar um assunto de interesse ou verificar a existência de determinadas informações.

b) **Exploratória ou Pré-Leitura** – leitura de sondagem, tendo em vista localizar as informações, uma vez que já se tem conhecimento de sua existência.

c) **Seletiva** – leitura que visa à seleção das informações mais importantes relacionadas com o problema em questão.

d) **Reflexiva** – mais profunda do que as outras, refere-se ao reconhecimento e à avaliação das informações, das intenções e dos propósitos do autor.

e) **Crítica** – avalia as informações do autor. Implica saber escolher, diferenciar as idéias principais das secundárias e hierarquizá-las pela ordem de importância, procurando obter não só uma visão sincrética e global do texto como também, e principalmente, a intenção do autor.

f) **Interpretativa** – leitura com o intuito de verificar os fundamentos da verdade enfocados pelo autor.

Pelo exposto, pode-se verificar que a leitura é de suma importância para todos os que se interessam pela ampliação ou aprofundamento dos conhecimentos, que são vários os tipos de leitura e que sua utilização vai depender dos objetivos do leitor.

1.2 ANÁLISE DE TEXTO

Uma obra ou um texto pode ser estudado de diferentes maneiras. A forma vai depender dos objetivos propostos pelo leitor.

1.2.1 Conceitos

Analisar significa estudar, decompor, dissecar, dividir, interpretar. A análise de um texto refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos.

Consiste, pois, no estudo extenso de uma obra ou parte dela, "desintegrando-a, procurando separar os distintos elementos e partes que a compõem, até conseguir penetrar na idéia primeira que a originou, até achar esse item misterioso que é a chave do autor" (Castagnino, 1953:26).

Para Bloom (1971:120), a análise significa "fracionamento do material em suas partes constitutivas, a determinação das relações que prevalecem entre tais partes e compreender de que maneira estão organizadas".

Segundo Barquero (1979:68), analisar é "descobrir não só o esqueleto – isto é, o plano do texto – mas também estruturar suas idéias de maneira hierárquica segundo sua maior ou menor importância".

Para Massaud Moisés (1979:15), "a análise deve conduzir à crítica", ou seja, deve fornecer à crítica "os dados indispensáveis para que ela exerça seu mister judicativo (de julgamento), mas nunca a substituir ou dispensar".

Analisar é, portanto, decompor um todo em suas partes, a fim de poder efetuar um estudo mais completo. Porém, o mais importante não é reproduzir a estrutura do plano, mas indicar os tipos de relações existentes entre as idéias expostas.

A análise pode também ser aplicada às técnicas e recursos, tendo em vista transmitir significados ou tirar conclusões de determinado texto.

A análise desenvolve-se por meio da explicação, da discussão e da avaliação.

Através da análise podem-se observar os componentes de um conjunto e perceber suas possíveis relações, ou seja, de uma idéia-chave geral passar-se para um conjunto de idéias mais específicas.

1.2.2 Finalidades

A análise do texto ou a maneira de estudá-lo depende sempre do fim a que se destina. Os textos de estudo de caráter científico requerem, por parte de quem analisa, um método de abordagem e certa disciplina intelectual.

A análise do texto tem como objetivo levar o estudante a:

a) aprender a ler, a ver, a escolher o mais importante dentro do texto;
b) reconhecer a organização e estrutura de uma obra ou texto;
c) interpretar o texto, familiarizando-se com idéias, estilos, vocabulários;
d) chegar a níveis mais profundos de compreensão;
e) reconhecer o valor do material, separando o importante do secundário ou acessório;
f) desenvolver a capacidade de distinguir fatos, hipóteses e problemas;
g) encontrar as idéias principais ou diretrizes e as secundárias;
h) perceber como as idéias se relacionam;
i) identificar as conclusões e as bases que as sustentam.

1.2.3 Procedimento

Escolhida a obra ou selecionado o texto, que deve ter sentido completo, procede-se à leitura integral do mesmo, para se ter uma visão do todo.

Reler o texto, assinalando ou anotando palavras ou expressões desconhecidas, valendo-se de um dicionário para esclarecer seus significados.

Dirimidas as dúvidas, fazer nova leitura, visando à compreensão do todo. Se necessário, consultar fontes secundárias.

Tornar a ler, procurando a idéia principal ou palavra-chave, que tanto pode estar explícita quanto implícita no texto; às vezes, confundida com aspectos secundários ou acessórios.

Localizar acontecimentos ou idéias, comparando-os entre si e procurando semelhanças e diferenças existentes.

Agrupá-los pelo menos por uma semelhança importante e organizá-los em ordem hierárquica de importância.

Interpretar as idéias e/ou fenômenos, tentando descobrir conclusões a que o autor chegou e depreender possíveis ilações.

1.2.4 Recomendações

Na redação final há que se observar o seguinte:

a) evitar a mera descrição dos problemas levantados ou de seu conteúdo;

b) lembrar sempre que se trata de análise de texto; portanto, seu conteúdo deve estar presente na redação, servindo de ponto de partida de fundamento e de exemplificação e inclusive de citações;

c) observar as regras para citações;

d) redigir com clareza, evitando muita adjetivação e obedecendo a uma ordem lógica de pensamento;

e) interpretar, estabelecer relações, evidenciar aspectos importantes;

f) levantar hipóteses e, se for o caso, encontrar conclusões;

g) manter fidelidade ao texto.

Não se esquecer que a análise permite conhecer um texto por dentro, evidenciando aspectos objetivos e imediatos, mas não cabe a ela julgar, o que é próprio da crítica.

1.2.5 Tipos de Análise

A análise, segundo Bloom (1971:121), divide-se em três tipos:

a) **identificação e classificação dos elementos** – fragmentação do material em suas partes constitutivas;

b) **explicitação das relações entre tais elementos** – verificação de suas conexões e interações;

c) **reconhecimento dos princípios de organização** – tendo em vista sua disposição e estrutura.

1.2.5.1 ANÁLISE DOS ELEMENTOS

Este tipo de análise consiste no levantamento de todos os elementos básicos constitutivos de um texto, a fim de se compreender o mesmo.

Os elementos podem aparecer de modo explícito ou implícito, dependendo de como o autor os apresenta. Alguns são facilmente identificáveis, não tendo o leitor grandes dificuldades para encontrá-los. Outros, ao contrário, exigem mais esforço, mais leituras, análise mais profunda, reflexão e, às vezes, pesquisas de outras fontes para melhor entendimento da mensagem do autor.

Elementos a serem observados nesta fase:

a) referências bibliográficas, credenciais do autor;

b) tema, problemas, hipóteses e metodologia que, às vezes, são explicitados na introdução;

c) estrutura do plano de trabalho ou texto;
d) vocabulário, estilo, forma;
e) fatos históricos, fenômenos, acontecimentos etc.;
f) modelo teórico, doutrina, teorias;
g) idéias principais e secundárias;
h) afirmações de fato e normativas; juízos de valor;
i) conclusões ou afirmações.

1.2.5.2 ANÁLISE DAS RELAÇÕES

Realizado o levantamento dos diferentes elementos constitutivos do texto passa-se à fase seguinte, ou seja, a da análise das relações.

Este tipo de análise tem como objetivos encontrar as principais relações e em estabelecer conexões com os diferentes elementos constitutivos do texto.

Devem-se determinar as relações entre as hipóteses e as provas, entre as hipóteses e as conclusões, entre estas e as provas e, ainda, entre as próprias categorias de provas apresentadas.

Uma análise mais completa exige não só a evidência das partes principais do texto, mas também a indicação de quais delas se relacionam com o tema ou hipótese central.

A análise das relações permite verificar se há ou não coerência em relação aos elementos, entre as diferentes partes do texto e entre elas e a idéia central.

As relações podem ser encontradas entre:

a) idéias secundárias;
b) fatos específicos que confirmam uma opinião;
c) pressupostos básicos de uma tese ou reflexão sobre a qual se apóia;
d) hipóteses e dados coletados;
e) elementos de causa e efeito;
f) elementos de argumentação e as afirmações pertinentes ou não;
g) as hipóteses e as falácias de raciocínio;
h) causas e detalhes importantes ou não de um relatório.

1.2.5.3 ANÁLISE DA ESTRUTURA

A estrutura é "a forma, nascida da organização dos elementos que a compõem (elementos que nada significam por eles mesmos e que não adquirem sentido a não ser por sua participação no conjunto)" (Barquero, 1971:86).

No exame da estrutura ou princípios da organização, analisam-se partes de um todo, procurando evidenciar as relações existentes entre elas.

Este tipo de análise encontra-se em nível mais complexo do que os dois anteriores, constituindo-se, portanto, tarefa mais difícil para o leitor.

As estruturas podem ser:

a) **Estática** – resultante de um processo anterior (sucessão de fenômenos preestabelecidos). Possuem estrutura estática a novela, um livro de história etc.

A ordem estrutural estabelece o tipo de disposição: enumeração dos elementos constitutivos básicos, descrição das relações de todos os elementos (como um todo e entre si) e análise do processo que os originou.

b) **Dinâmica** – geradora de um processo. O ordenamento consiste em enumerar as partes constitutivas básicas e descrever seu funcionamento e finalidade. Neste tipo estão enquadrados os trabalhos de ciências sociais.

Na análise da estrutura, o leitor esbarra sempre com um obstáculo: raramente o autor indica, de forma clara, o sistema de organização adotado. Entretanto, a partir de uma análise cuidadosa, pode-se inferir a intenção do autor, seu ponto de vista, seu posicionamento frente aos dados pesquisados.

Sem o conhecimento destes aspectos, o leitor não tem condições de compreender, analisar e reconhecer o valor de um texto ou obra.

Para se verificar a estrutura de um texto devem-se analisar:

a) os materiais e a maneira de trabalhar em relação aos elementos e à distribuição dos mesmos;

b) a forma e o esquema das diferentes obras, objetivando entender seu significado;

c) a intenção do autor, seu modo de pensar;

d) os conceitos adotados pelo autor;

e) as técnicas de manipulação de opinião;

f) a posição tomada pelo autor.

1.2.6 Outros tipos de Análise

Severino (1982:87-98) elaborou um modelo de análise de texto que abrange cinco itens que são: análise textual, análise temática, análise interpretativa, problematização e síntese.

a) **Análise Textual** – leitura visando ao levantamento de todos os elementos importantes do texto, ou seja, credenciais do autor, metodologia, estilo, vocabulário, fatos, autores e doutrinas.

b) **Análise Temática** – apreensão do conteúdo, isto é, tema, problemas, idéias (central e secundárias), raciocínio e argumentação. É importante a análise para a elaboração de resumos e de organogramas.

c) **Análise Interpretativa** – a mais difícil de todas. Apresenta dois aspectos:

   1. interpretação ou explicitação da posição filosófica, influências, concepções e associações de idéias expostas pelo autor;

   2. crítica ou avaliação, julgamento do conteúdo e discussão.

d) **Problematização** – levantamento dos problemas e discussão.

e) **Síntese Pessoal** – reunião dos elementos de um todo, após reflexão.

Para a análise do texto, Gagliano (1979:91-95) apresenta um esquema que inclui apenas três itens: análise textual, temática e interpretativa.

a) **Análise Textual** – leituras visando obter uma visão do todo, assinalando: vocabulário, dúvidas, fatos, doutrinas, obras, autores e um esquema do texto.

b) **Análise Temática** – compreensão e apreensão do texto, ou seja, idéias, problemas, processos de raciocínio, comparações e esquema do pensamento do autor.

c) **Análise Interpretativa** – demonstração dos tipos de relações entre as idéias do autor em razão do contexto científico e filosófico, de diferentes épocas, e exame crítico e objetivo do texto: discussão e resumo.

1.2.7 Roteiro de Análise

Um quarto tipo de análise de texto (criado pelo Prof. Jaciro Campanante – UNESP – Franca) apresenta uma divisão com cinco tópicos:

a) **Fontes e Bibliografia** – levantamento das diferentes fontes utilizadas pelo autor na elaboração do texto ou obra: bibliografia (completa ou sumária), documentação (fontes primárias ou secundárias), pesquisa de campo ou de laboratório.

b) **Aspecto Metodológico** – verificação da metodologia empregada. Quais os métodos e técnicas utilizados pelo autor; se são pertinentes ou não; se pertencem à própria ciência ou a outras.

c) **Dificuldades** – relação das dificuldades apresentadas pelo autor na realização do trabalho: material de difícil acesso, documentação incompleta, não organizada, campo vasto, falta de informações, metodologia inadequada,

ausência de material, falta de interesse das autoridades e de pessoal qualificado, contradição dos autores em relação ao tema estudado.

d) **Reflexão Crítica** – abrangendo os seguintes itens:
   - análise e interpretação do conteúdo (tema, idéias, problemas, raciocínio);
   - julgamento do texto em relação às circunstâncias culturais, econômicas, sociais, históricas, filosóficas e outras;
   - verificação da validade e coerência da argumentação: originalidade, profundidade da análise e objetividade no tratamento do tema;
   - análise e interpretação dos tipos de relações e os princípios de organização (estrutura) do texto;
   - apreciação e julgamento das idéias defendidas e das conclusões a que o autor chegou.

e) **Sugestões Temáticas** – tipos de sugestões que o leitor pode levantar após a leitura do texto ou da obra – ampliação, aprofundamento, complementação do tema; novas abordagens ou enfoques diferentes; comparações com outras obras e autores.

1.3 SEMINÁRIO

1.3.1 Conceito

Seminário é uma técnica de estudo que inclui pesquisa, discussão e debate. Em geral, é empregada nos cursos de graduação e pós-graduação.

1.3.2 Finalidade

A finalidade do seminário é "pesquisar e ensinar a pesquisar" (Arroyo, 1964:52). Essa técnica desenvolve não só a capacidade de pesquisa, de análise sistemática de fatos, mas também o hábito do raciocínio, da reflexão, possibilitando ao estudante a elaboração clara e objetiva de trabalhos científicos. Visa mais à formação do que à informação.

1.3.3 Objetivos

A mais completa abordagem sobre os objetivos do seminário é apresentada por Nérici (1973:229-230):

a) "ensinar pesquisando;

b) revelar tendências e aptidões para a pesquisa;

c) levar a dominar a metodologia científica de uma disciplina;

d) conferir espírito científico;

e) ensinar a utilização de instrumentos lógicos de trabalho intelectual;

f) ensinar a coletar material para análise e interpretação, colocando a objetividade acima da subjetividade;

g) introduzir, no estudo, interpretação e crítica de trabalhos mais avançados em determinado setor de conhecimento;

h) ensinar a trabalhar em grupo e desenvolver o sentimento de comunidade intelectual entre os educandos e entre estes e os professores;

i) ensinar a sistematizar fatos observados e a refletir sobre eles;

j) levar a assumir atitude de honestidade e exatidão nos trabalhos efetuados;

l) dominar a metodologia científica geral."

1.3.4 Componentes

Em seminário trabalha-se em grupos que variam de 5 a 12 integrantes; quando o grupo é muito grande convém dividi-lo em subgrupos.

O grupo é formado pelo diretor (organizador, coordenador) relator, secretário e demais participantes. Esporadicamente pode aparecer um comentador.

O relator é representante do grupo; os subgrupos devem também ter relatores.

Componentes:

a) **Diretor ou Coordenador** – geralmente, o professor ou especialista em determinado assunto. Cabe a ele propor os temas a serem estudados, indicar a bibliografia, estabelecer uma agenda de trabalho e duração. Deve orientar as pesquisas, presidir e coordenar as sessões do seminário. Ao final, deve fazer uma apreciação geral dos resultados, complementando alguns itens, se necessário.

b) **Relator** – é aquele que expõe os resultados dos estudos referentes a um tema específico do programa de trabalhos.

A exposição pode ser feita por um elemento, indicado pelo grupo, ou por todos, repartindo as partes. Se o estudo for individual, a responsabilidade recai exclusivamente sobre aquele aluno; mas, se houve um grupo de estudos, ela é atribuída a todos os integrantes.

c) **Secretário** – é o estudante designado para anotar as conclusões parciais e finais do seminário, após os debates.

d) **Comentador** (se houver) – é o aluno escolhido pelo coordenador do seminário. Deve estudar com antecedência o tema a ser apresentado, com o intuito de fazer críticas adequadas à exposição, antes da discussão e debate dos demais participantes da classe.

e) **Demais participantes** – são todos os que participam do seminário (a classe toda). Depois da exposição, devem participar, fazendo perguntas, pedindo esclarecimentos, colocando objeções, reforçando argumentos ou dando alguma contribuição.

1.3.5 Duração

O seminário, em geral, tem lugar no horário comum de aulas. Pode ter a duração de um ou vários dias, dependendo da extensão, profundidade dos estudos e disponibilidade do tempo.

As sessões, todavia, devem durar de duas a três horas, no máximo, para melhor aproveitamento.

As pesquisas e os estudos de um tema, para serem apresentados em seminário, requerem várias reuniões prévias do grupo expositor.

1.3.6 Temas

Os temas do seminário são os mais variados possível, pois essa técnica de estudo pode ser aplicada em qualquer setor do conhecimento.

Algumas fontes:

a) temas constantes de um programa disciplinar, mas que necessitam de conhecimentos mais aprofundados;

b) temas complementares a um programa disciplinar;

c) temas novos, divulgados em periódicos especializados, referentes à disciplina em questão;

d) temas atuais, de interesse geral, com idéias renovadoras;

e) temas específicos, atualizados, adequados a um programa de seminário.

1.3.7 Modalidades

O seminário, na sua estrutura e funcionamento, apresenta três modalidades:

1.3.7.1 CLÁSSICO

Seminário clássico ou individual é aquele em que os estudos e a exposição ficam a cargo apenas de um estudante.

O estudo pode abranger um determinado assunto ou parte dele.

1.3.7.2 CLÁSSICO EM GRUPO

Nesse caso, os estudos são realizados por um pequeno grupo (cinco ou seis elementos). A exposição do tema tanto pode ser apresentada por um dos membros, escolhido pelo grupo, ou repartida entre eles, ou seja, cada um apresentando uma parte.

Em vez de um comentador pode haver um "grupo comentador". Este tipo de seminário exige uma crítica mais estruturada.

1.3.7.3 EM GRUPO

No seminário em grupo todos os elementos da classe devem participar, havendo tantos grupos quantos forem os subtítulos do tema.

Primeiramente, estuda-se o tema geral, para uma visão global; depois, cada grupo aprofunda a parte escolhida.

1.3.8 Roteiro de Seminário

A técnica do seminário obedece ao seguinte roteiro:

a) O diretor ou o coordenador propõe um determinado estudo, indica a bibliografia mínima, escolhe o comentador e estabelece um cronograma de atividades.

Cada grupo escolhe, por sua vez, o relator e o secretário.

b) Formado o grupo, inicia-se o trabalho de pesquisa, de procura de informações através de bibliografias, documentos, entrevistas com *experts*, observações etc. Depois, o grupo se reúne para discutir o material coletado, confrontar pontos de vista, formular conclusões e organizar o material, sempre assessorado pelo diretor. Etapas:

- determinação do tema central que, como um "fio condutor", estabelece a ordenação do material;
- divisão do tema central em tópicos;
- análise do material coletado, procurando subsídios para os diferentes tópicos, sem perder de vista objetivos derivados do tema central;
- síntese das idéias dos diferentes autores analisados, resumo das contribuições, visando à exposição que deve apresentar:
  - introdução – breve exposição do tema central (proposição), dos objetivos e da bibliografia utilizada;
  - desenvolvimento dos tópicos numa seqüência organizada: explicação, discussão e demonstração;

- conclusão – síntese de toda a reflexão, com as contribuições do grupo para o tema.

c) Concluídos os estudos, a classe se reúne, sob a orientação do coordenador.

d) O relator, em plenário, apresenta os resultados dos estudos, obedecendo a uma seqüência lógica e ordenada.

e) O comentador, após a exposição, intervém com objeções ou subsídios.

f) a classe, a seguir, participa das discussões e debates, solicitando esclarecimentos, refutando afirmações ou reforçando argumentos.

g) Ao final, o diretor do seminário faz uma síntese do trabalho apresentado. Se achar incompleto, pode recomendar outros estudos.

1.3.9 Exemplo de Roteiro para Seminários

1. INTRODUÇÃO

As atividades discentes são desenvolvidas de acordo com os assuntos programados sob a forma de roteiros comunicados, discutidos e auto-avaliados por todos os participantes dos seminários.

Os grupos constituídos (de 3 ou 4 alunos), nos termos da bibliografia recomendada e sorteada, com a orientação do professor, preparam com uma semana de antecedência o roteiro para o seminário e respectivas cópias distribuídas entre os participantes.

2. ROTEIRO

O roteiro deve ser sobretudo um instrumento de trabalho do aluno que está sendo habilitado para o exercício do magistério e iniciado na pesquisa.

Ele deve expressar o apreendido, isto é, aquilo que se presta à aprendizagem ou se apresenta como um apontamento didático para a consulta.

Não deve ser mero resumo ou síntese apresentada.

3. PROCEDIMENTO TÉCNICO NA ELABORAÇÃO DO ROTEIRO

a) **Plano**

- deve expressar através das unidades (com títulos, subdivisões) as palavras-chave adequadamente escolhidas;
- provar que leu com espírito crítico, revelar habilidade intelectual, não confundindo o pensamento do autor com os fatos por ele trabalhados;
- estabelecer correlações para os aspectos comuns ou para que os assuntos interligados (espacial e temporalmente) sejam apresentados dentro de uma mesma unidade ou divisão;

- dar preferência à indicação das circunstâncias que revelam mudanças na evolução conjuntural do processo.

b) **Conteúdo**

- deve ser apresentado dividido em unidades, com linguagem objetiva e concisa; não se deter em pormenores;
- transcrever trechos (apenas quando necessário);
- evitar reproduzir títulos e subtítulos da obra consultada.

c) **Conclusão**

- interpretação pessoal;
- linguagem objetiva e concisa.

d) **Introdução**

- pessoal;
- linguagem objetiva e concisa.

e) **Bibliografia**

- indicação completa, nos termos das normas vigentes.

f) **Participantes do grupo**

g) **Data**

4. AVALIAÇÃO

A) Sobre o procedimento na elaboração do roteiro

a) **exatidão da matéria**

b) **planejamento**

- unidade e equilíbrio do plano;
- sequência no desenvolvimento.

c) **adequação da matéria**

- à classe;
- ao tempo disponível.

d) **seleção da matéria**

- qualidade;
- quantidade.

B) Sobre a exposição oral

a) **qualidade da exposição**

- controle de si;
- voz e vocabulário;
- relacionamento com a classe.

b) **seleção e uso do material didático**

- uso do quadro-negro;
- uso de ilustrações, textos etc.;
- outros recursos didáticos empregados.

C) Critérios

Cada item deve ser expresso em O (ótimo), B (bom), R (regular), F (fraco) e M (mau).

1.3.10 Exemplo de Seminário

Tema: História da América

PRIMEIRAS EMPRESAS DESCOBRIDORAS ORGANIZADAS NA ESPANHA

Introdução

- alguns fatores que se conjugaram e contribuíram para o início da expansão ultramarina;
- algumas mudanças sócio-econômicas.

Papel do Atlântico

- os espanhóis, através do Atlântico, praticavam a navegação, a pesca e o comércio;
- a posse das ilhas Canárias motivava a busca de outras ilhas;
- obtinham na costa da África os meios de pagamento de que necessitavam.

Nova mentalidade e busca de rota alternativa

- o homem europeu começava a aspirar ao prazer e à felicidade, desfrutados durante a vida e não depois da morte;
- sonha com a possibilidade de sucesso material na busca de uma rota alternativa para a obtenção de metais (meios de pagamento).

Contribuição e influência italiana

- a expansão turca no Mediterrâneo contribuiu para a fixação de mercadores nos reinos hispânicos;
- introduziram novas práticas de comércio e uma modalidade de colonização que consistia na fundação de feitorias para o comércio e a pirataria.

Recursos técnicos e humanos

- evolução técnica na construção das embarcações que se distanciavam do litoral e prolongavam a permanência no mar;
- novas cargas para manutenção e novos equipamentos náuticos;
- em cada nova viagem os pilotos colocavam em prática conhecimentos técnicos e intuitivos (sobre astronomia e instrumentos auxiliares improvisados);
- a função de cada tripulante estava delimitada pela hierarquia instituída no momento da partida da expedição.

Recursos econômicos

- as primeiras expedições que partiam de Lepe e Cádiz contavam com os primeiros recursos oferecidos pelos mercadores e banqueiros estrangeiros(sobretudo genoveses);
- os lucros resultantes das expedições bem-sucedidas eram divididos entre os referidos homens de negócios e os participantes.

Modalidades de empresa

- descobridora;
- mercantil (erguer feitoria para o comércio);
- colonizadora (povoar de modo permanente com colonos).

Conclusões

- a expansão ultramarina pelo Atlântico foi uma forma ou uma das respostas para superar a crise conjuntural européia caracterizada pela escassez de meios de pagamentos;
- pilotos, mercadores e banqueiros estrangeiros contribuíram com técnicas e recursos para os empreendimentos que partiam da Espanha;
- alguns dos espanhóis bem-sucedidos não deram prosseguimento às atividades, porque visavam sobretudo ao enobrecimento através do comércio.

Bibliografia

- CÉSPEDES DEL CASTILLO, Guillermo. VIVES, J. Vicens, dir. ed. Las Indias en el reinado de los reyes católicos. In: **História social y económica de España y América.** Barcelona: 1974, v. 2, p. 433-441.

1.4 CONFERÊNCIA

A conferência – exposição científica oral e em público – deve ser realizada por especialista que, em geral, apresenta o estado de uma pesquisa ou os resultados de um trabalho concluído. Na sua organização podem constar dados bibliográficos, desde que atualizados, e as ilustrações necessárias para explicação do tema.

Comumente, são nos congressos que os especialistas levam a sua contribuição, expondo aspectos concretos da pesquisa.

As diretrizes para uma apresentação oral divergem das que orientam os trabalhos escritos: são mais simples e sem muita minúcia, para que o público possa compreen-

der e assimilar melhor o que está sendo exposto. Se houver interesse na publicação, o conferencista, posteriormente, poderá ampliá-la, acrescentando detalhes desnecessários em uma exposição oral.

1.4.1 Organização

O segredo de uma boa conferência é prepará-la bem e com certa antecedência.

1.4.1.1 PENSAR COM ANTECEDÊNCIA

Escolher o tema, saber quem constitui a audiência, estabelecer os objetivos e delimitar o tempo.

1.4.1.2 PREPARAÇÃO

Coligir informações e selecionar um número limitado de tópicos importantes, desenvolvendo-os em uma seqüência lógica. Abrange:

a) **Introdução** (breve) – esboço de uma finalidade, objetivos e problema a ser tratado.

b) **Corpo da Conferência** (texto) – apresentação das idéias principais, comunicadas em frases curtas e claras. Repetição do que foi dito, mas em outras palavras, para que o ouvinte possa compreender melhor as etapas da conferência.

c) **Conclusão** – resumo dos principais tópicos abordados no texto, procurando deixar o tema central na mente do ouvinte.

1.4.2 Apresentação

O conferencista deve permanecer de pé, em frente do público ouvinte, deixando seu olhar vagar sobre todos, sem fixar diretamente uma ou outra pessoa, e tentar atrair a atenção e o respeito do auditório desde o início.

Evitar cacoetes e tiques, variar o tom de voz e sua velocidade, falar com autoridade e clareza são outros tantos requisitos importantes.

Usar vocabulário técnico, mas adequado, compreensível e cuidadosamente escolhido, tendo em vista o tipo e o número de pessoas presentes. A conferência para grande público tem sempre caráter formal.

Geralmente há debates, discussões e esclarecimentos ao final da exposição, com tempo determinado. As perguntas dos ouvintes devem ser anotadas, para darem-se respostas corretas. Comentários e respostas devem ser breves.

1.4.3 Tempo

Na apresentação de uma conferência, convém distribuir os tópicos a serem abordados pelo tempo disponível. Em geral, trinta minutos são suficientes para uma conferência bem planejada. A distribuição pode ser da seguinte forma: 3 minutos para a introdução, 24 minutos para o corpo do trabalho (geralmente em três sessões) e 3 minutos para a conclusão.

Do tempo disponível devem-se reservar alguns minutos para o uso do quadro-negro, de projeções etc.

Nunca alongar em demasia a exposição: o público se cansa e perde o interesse.

1.5 CURRICULUM VITAE

1. IDENTIFICAÇÃO

   1.1 Dados Pessoais
   Nome. Nacionalidade. Naturalidade
   Nascimento (dia, mês, ano)
   Filiação (pai e mãe)
   Residência (rua, cidade, Estado, CEP, telefone)

   1.2 Função

   1.3 Dados de Identificação
   Cédula de Identidade. Título de Eleitor. CIC.
   Carteira de Reservista

2. FORMAÇÃO PRÉ-UNIVERSITÁRIA

   2.1 Curso Primário

   2.2 Curso Ginasial (ou equivalente)

   2.3 Curso Colegial (ou equivalente)

3. FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

   3.1 De Graduação Superior

   3.2 De Pós-Graduação

      3.2.1 De Mestrado

      3.2.2 De Doutoramento

4. OUTROS CURSOS

4.1 De Especialização

4.2 De Aperfeiçoamento

4.3 De Extensão Universitária

4.4 De Expansão Cultural

5. ESTÁGIOS, BOLSAS, AUXÍLIO

5.1 No País

5.2 No Exterior

6. TÍTULOS ACADÊMICOS

6.1 De Graduação

6.2 De Pós-Graduação

6.2.1 De Mestre

6.2.2 De Doutor

6.2.3 De Livre-docente

6.2.4 De Adjunto

6.2.5 De Titular

6.3 De Concurso Público

7. REGISTROS PROFISSIONAIS

7.1 Curso Superior

7.2 Curso Médio

7.3 Outros

8. CONCURSOS NO MAGISTÉRIO OFICIAL

8.1 No Magistério Superior

8.2 No Magistério Secundário

9. ATIVIDADES DIDÁTICAS

9.1 No Magistério Superior

9.1.1 De Graduação

9.1.2 De Pós-Graduação

9.2 No Magistério Secundário

10. CONTRIBUIÇÃO À DIFUSÃO DE CONHECIMENTOS

10.1 Cursos Ministrados

10.1.1 De Especialização

10.1.2 De Aperfeiçoamento

10.1.3 De Extensão Universitária

10.1.4 Outros

10.2 Participação em Outros Cursos

10.3 Palestras Proferidas

10.3.1 Em Curso Superior

10.3.2 Em Curso Médio

10.3.3 Em Outras Instituições

11. ATIVIDADES CIENTÍFICAS

11.1 Pesquisas Realizadas

11.2 Trabalhos Concluídos

12. PUBLICAÇÕES

12.1 Dissertação de Mestrado

12.2 Teses Universitárias

12.3 Livros

12.3.1 Especializados

12.3.2 Didáticos

12.4 Artigos em Periódicos (especializados)

12.5 Comunicações em Congressos e outros Eventos

12.6 Referências a Trabalhos Publicados

12.7 Trabalhos de Divulgação

12.7.1 Roteiros de Aulas

12.7.2 Revisões, Traduções

12.7.3 Artigos em Jornais

13. CONGRESSOS CIENTÍFICOS E OUTROS EVENTOS

13.1 Contribuição a Congressos e Outros Eventos

13.1.1 Trabalhos Apresentados (Comunicações)

13.1.2 Coordenação de Eventos (Presidente, Secretário)

13.2 Participação em Congressos

13.2.1 No Brasil

13.2.2 No Exterior

13.3 Sociedades Científicas, Culturais, Técnicas e Outras

13.3.1 Associações

13.3.2 Grupos de Trabalho

14. ATIVIDADES FORMADORAS

14.1 Orientação de Trabalhos

14.1.1 Teses Universitárias de Doutorado

14.1.2 Dissertação de Mestrado

14.1.3 Monografias Escolares

14.1.4 Formação Didática de Docentes

14.1.5 Outras

15. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS

15.1 Mestrado, Doutoramento, Livre-docente, Adjunto, Titular

15.1.1 Presidente da Banca

15.1.2 Membro

15.2 Concursos Públicos

15.2.1 No Magistério Superior

15.2.2 No Magistério Secundário

15.2.3 Outros

16. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS

16.1 Funções Administrativas

16.1.1 Em Exercício

16.1.2 Já Exercidas

17. COMISSÕES

17.1 Na Instituição em que Atua

17.2 Em Outras Instituições

18. PRÊMIOS E DISTINÇÕES

18.1 Prêmios

18.2 Distinções (homenagens, títulos, paraninfo)

19. SERVIÇOS DE EXTENSÃO À COMUNIDADE

19.1 Atividades Não Acadêmicas

20. OUTRAS ATIVIDADES

20.1 Viagens ao Exterior

20.2 Excursões Culturais

21. CONHECIMENTO DE LÍNGUAS

Língua .....

Entende ( )

Fala ( )

Lê ( )

Escreve ( )

LITERATURA RECOMENDADA

BARQUERO, Ricardo Velilla. *Como se realiza un trabajo monográfico.* Barcelona: EUNIBAR, 1979, Segunda Parte, Capítulo 2.

BARRASS, Robert. *Os cientistas precisam escrever:* guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979. Capítulos 11 e 14.

BLOOM, Benjamin S. et al. *Taxonomia de los objetivos de la educación:* la classificación de las metas educacionales. Buenos Aires: El Ateneo, 1971. Segunda Parte.

CASTAGNINO, Raul H. *El análisis literária.* Buenos Aires: NOVA, 1953. Primeira Parte, Capítulo 3 e Segunda Parte, Capítulo 2.

CERVO, Amado Luis, BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. Capítulo 4.

FRAGATA, Júlio S. I. *Noções de metodologia:* para elaboração de um trabalho científico. Porto: Tavares Martins, 1980. Capítulos 2 e 6.

GAGLIANO, A. Guilherme. *Método científico:* teoria e prática. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977. Capítulos 6 e 7.

HARLOW, Eric, COMPTON, Henry. *Comunicação:* processo, técnicas e práticas. São Paulo: Atlas, 1980. Capítulos 6 e 11.

LARROYO, Francisco. *Pedagogia de la enseñanza superior.* 2. ed. México: Porrua, 1964.

MINICUCCI, Agostinho. *Dinâmica de grupo:* manual de técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1977. Capítulo 27.

MOISÉS, Massaud. *Guia prático de análise literária.* São Paulo: Cultrix, 1970. Capítulos 1 e 2.

NÉRICI, Imídeo. G. *Metodologia de ensino superior.* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967. Capítulo 15.

——— . *Introdução à didática geral.* 10. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1971. v. 2. Capítulo 9.

——— . *Educação e metodologia.* 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973, Capítulo 3.

RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica:* guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1980. Capítulo 2.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia:* elementos de metodologia do trabalho científico. Belo Horizonte: Interlivros, 1972. Primeira Parte, Capítulo 2.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica:* elaboração de trabalhos científicos. Porto Alegre: Sulina, 1980. Capítulo 2.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico.* São Paulo: Cortez & Moraes, 1975. Capítulo 3.

VEGA, Xavier de la. *Manual de documentación.* Barcelona: Labos, 1969. Primeira Parte, Capítulo 4.

2

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

2.1 PESQUISA: CONCEITO E TIPOS

A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos. Especificamente é "um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo de conhecimento" (Ander-Egg, 1978:28).

Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas. Os dois processos pelos quais se podem obter os dados são a **documentação direta** e a **indireta.**

A primeira constitui-se, em geral, no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem. Esses dados podem ser conseguidos de duas maneiras: através da **pesquisa de campo** ou da **pesquisa de laboratório.** Ambas se utilizam das técnicas de observação direta intensiva (observação e entrevista) e de observação direta extensiva (questionário, formulário, medidas de opinião e atitudes técnicas mercadológicas).

A segunda serve-se de fontes de dados coletados por outras pessoas, podendo constituir-se de material já elaborado ou não. Dessa forma, divide-se em **pesquisa documental** (ou de fontes primárias) e **pesquisa bibliográfica** (ou de fontes secundárias).

Os documentos de fonte primária são aqueles de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações. Englobam todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica. Podem ser encontrados em arquivos públicos ou particulares, assim como em fontes estatísticas compiladas por órgãos oficiais e particulares. Incluem-se aqui como fontes não escritas: fotografias, gravações, imprensa falada (televisão e rádio), desenhos, pinturas, canções, indumentárias, objetos de arte, folclore etc.

A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias é a que especificamente interessa a este trabalho. Trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em

forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista "o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações" (Trujillo, 1974: 230). A bibliografia pertinente "oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente" (Manzo, 1971:32).

A descrição do que é e para que serve a pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

2.2 FASES DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica compreende oito fases distintas:

a) escolha do tema;
b) elaboração do plano de trabalho;
c) identificação;
d) localização;
e) compilação;
f) fichamento
g) análise e interpretação;
h) redação.

2.2.1 Escolha do Tema

O tema é o assunto que se deseja provar ou desenvolver, "é uma dificuldade, ainda sem solução, que é mister determinar com precisão, para intentar, em seguida, seu exame, avaliação crítica e solução" (Asti Vera, 1976:97).

Escolher um tema significa levar em consideração fatores internos e externos.

Os internos consistem em:

a) selecionar um assunto de acordo com as inclinações, as aptidões e as tendências de quem se propõe a elaborar um trabalho científico;

b) optar por um assunto compatível com as qualificações pessoais, em termos de *background* da formação universitária e pós-graduada;

c) encontrar um objeto que mereça ser investigado cientificamente e tenha condições de ser formulado e delimitado em função da pesquisa.

Os externos requerem:

a) a disponibilidade do tempo para realizar uma pesquisa completa e aprofundada;

b) a existência de obras pertinentes ao assunto em número suficiente para o estudo global do tema;

c) a possibilidade de consultar especialistas da área, para uma orientação tanto na escolha da documentação específica quanto na análise e interpretação da mesma.

Além disso, não há necessidade de duplicação de estudos, uma vez que há uma vasta gama de temas a serem pesquisados. Devem-se evitar assuntos sobre os quais recentemente foram feitos estudos, o que torna difícil uma nova abordagem.

Embora a escolha do tema possa ser determinada ou sugerida pelo professor ou orientador, quando se trata de um principiante, o mais freqüente é a opção livre.

As fontes para a escolha do assunto podem originar-se da experiência pessoal ou profissional, de estudos e leituras, da observação, da descoberta de discrepâncias entre trabalhos ou da analogia com temas de estudo de outras disciplinas ou áreas científicas.

Após a escolha do assunto, o passo seguinte é a sua delimitação. É necessário evitar a eleição de temas muito amplos que ou são inviáveis como objeto de pesquisa aprofundada ou conduzem a divagações, discussões intermináveis, repetições de lugares-comuns ou "descobertas" já superadas.

Para Salvador (1980:46-48), a delimitação do assunto implica:

A) **Distinguir o sujeito e o objeto da questão.** "O sujeito é a realidade a respeito da qual se deseja saber alguma coisa. É o universo de referência. Pode ser constituída de objetos, fatos, fenômenos ou pessoas a cujo respeito faz-se o estudo com dois objetivos principais: ou de melhor apreendê-los ou com a intenção de agir sobre eles." "O objeto de um assunto é o tema propriamente dito" Corresponde àquilo que se deseja saber ou realizar a respeito do sujeito. "É o conteúdo que se focaliza, em torno do qual gira toda a discussão ou indagação."

Exemplo:

Organização do Trabalho – o sujeito é *trabalho*; o objeto é *organização.*

B) **Especificar os limites da extensão tanto do sujeito quanto do objeto.** Pode ser realizado através de:

a) *Adjetivos explicativos ou restritivos.* "Pelos adjetivos explicativos, designam-se as qualidades, condições ou estados essenciais ao sujeito ou

objeto. Ao contrário, pelos adjetivos restritivos, indicam-se as qualidades, condições ou estados acidentais do sujeito ou objeto. O adjetivo explicativo é um desdobramento das partes constituintes de um ser, ao passo que o adjetivo restritivo ou acidental é um acréscimo arbitrário."

Exemplo:

– adjetivo explicativo: *Organização social do trabalho.*

– adjetivo restritivo: *Organização atual do trabalho.*

b) *Complementos nominais de especificação.* "São pessoas ou coisas que, acrescentadas a substantivos ou adjetivos, especificam a ação ou sentimentos que os mesmos substantivos ou adjetivos designam."

Exemplo: Organização social do trabalho de produção artesanal.

c) *Determinação das circunstâncias.* "Às vezes, pode ser necessário determinar as circunstâncias que limitam mais ainda a extensão do assunto, especialmente as circunstâncias de tempo e espaço."

Exemplo:

Organização social do trabalho de produção artesanal durante a Idade Média na Europa Ocidental.

2.2.2 Elaboração do Plano de Trabalho

A elaboração do Plano de Trabalho pode preceder o fichamento, quando então é provisório, ou ocorrer depois de iniciada a coleta de dados bibliográficos, quando já se dispõe de mais subsídios para elaboração do plano definitivo, o que não quer dizer estático. Isso porque o aprofundamento em determinadas etapas da investigação pode levar a alterações no todo do trabalho.

Na elaboração do plano deve-se observar a estrutura de todo o trabalho científico: introdução, desenvolvimento e conclusão.

a) **Introdução.** Formulação clara e simples do tema, sua delimitação, importância, caráter, justificativa, metodologia empregada e apresentação sintética da questão.

b) **Desenvolvimento.** Fundamentação lógica do trabalho, cuja finalidade é expor e demonstrar suas principais idéias. Apresenta três fases:

- *Explicação.* Explicar é apresentar o sentido de um tema, é analisar e compreender, procurando suprimir o ambíguo ou o obscuro.
- *Discussão.* É o exame, a argumentação e a explicação do tema: explica, discute, fundamenta e enuncia as proposições.
- *Demonstração.* É a dedução lógica do trabalho, implicando o exercício do raciocínio.

O desenvolvimento do tema exige a divisão do mesmo em tópicos logicamente correlacionados. As partes do trabalho não podem ter uma organização arbitrária, mas baseada na estrutura real ou lógica do tema, sendo que as partes devem estar "sistematicamente vinculadas entre si e ordenadas em função da unidade de conjunto". Para tal, "é necessário saber distinguir o fundamental do secundário, o principal do subordinado e distribuir eqüitativa e gradualmente as partes segundo este critério" (Salvador, 1980:62).

c) **Conclusão.** Consiste no resumo completo, mas sintetizado, da argumentação desenvolvida na parte anterior. Devem constar da conclusão a relação existente entre as diferentes partes da argumentação e a união das idéias e, ainda, a síntese de toda a reflexão.

A fase da elaboração do plano de trabalho engloba ainda a formulação do problema, o enunciado de hipóteses e a determinação das variáveis. Uma descrição detalhada e exaustiva, com exemplos, pode ser encontrada na obra *Metodologia científica,* das mesmas autoras (Atlas, 1982, Capítulos 4 e 5). De forma reduzida encontra-se no item 5.3.4.

2.2.3 Identificação

É a fase de reconhecimento do assunto pertinente ao tema em estudo.

O primeiro passo seria a procura de catálogos onde se encontram as relações das obras. Podem ser publicados pelas editoras, com a indicação dos livros e revistas editados, ou pertencer a bibliotecas públicas, com a listagem por título dos trabalhos. Há ainda os catálogos específicos de alguns periódicos, com o rol dos artigos publicados anteriormente.

O segundo passo, tendo em mãos o livro ou periódico, seria o levantamento, pelo Sumário ou Índice, dos assuntos nele abordados. Outra fonte de informações refere-se aos *abstracts* contidos em algumas obras que, além de oferecerem elementos para identificar o trabalho, apresentam um resumo analítico do mesmo.

O último passo teria em vista a verificação da bibliografia ao final do livro ou do artigo, se houver, constituída, em geral, pela indexação de artigos de livros, teses, folhetos, periódicos, relatórios, comunicações e outros documentos sobre o mesmo tema.

2.2.4 Localização

Tendo realizado o levantamento bibliográfico, com a identificação das obras que interessam, passa-se à localização das fichas bibliográficas nos arquivos das bibliotecas públicas, nas de faculdades oficiais ou particulares e outras instituições.

O Catálogo Coletivo Nacional, situado no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, atende a consultas, realizadas por carta ou telefone, sobre trabalhos existentes em diferentes bibliotecas do País. Também possui um Banco de Tese, cujos trabalhos podem ser consultados ou mesmo reproduzidos com a anuência do autor. A relação das teses consta de um catálogo encontrado, em geral, nas bibliotecas de faculdades.

2.2.5 Compilação

É a reunião sistemática do material contido em livros, revistas, publicações avulsas ou trabalhos mimeografados. Esse material pode ser obtido por meio de fotocópias, xerox ou microfilmes.

2.2.6 Fichamento

À medida que o pesquisador tem em mãos as fontes de referência, deve transcrever os dados em fichas, com o máximo de exatidão e cuidado, como se verá a seguir no item 2.3.

A ficha, sendo de fácil manipulação, permite a ordenação do assunto, ocupa pouco espaço e pode ser transportada de um lugar para outro. Até certo ponto, leva o indivíduo a pôr ordem no seu material. Possibilita ainda uma seleção constante da documentação e de seu ordenamento.

Em face do exposto, deve-se tentar convencer o aluno da importância, necessidade e utilidade das fichas, principalmente por facilitar o desenvolvimento das atividades acadêmicas e profissionais.

2.2.7 Análise e Interpretação

A primeira fase da análise e da interpretação é a crítica do material bibliográfico, sendo considerado um juízo de valor sobre determinado material científico. Divide-se em *crítica externa* e *interna*.

A *crítica externa* é feita sobre "o significado, a importância e o valor histórico de um documento, considerado em si mesmo e em função do trabalho que está sendo elaborado" (Salomon, 1972:256). Abrange:

a) **crítica do texto.** Averigua se o texto sofreu ou não alterações, interpolações e falsificações ao longo do tempo. Investiga principalmente se o texto é autógrafo (escrito pela mão do autor) ou não; em caso negativo, se foi ou não revisto pelo autor; se foi publicado pelo autor ou outra pessoa o fez; que modificações ocorreram de edição para edição;

b) **crítica da autenticidade.** Determina o autor, o tempo, o lugar e as circunstâncias da composição;

c) **crítica da proveniência.** Investiga a proveniência do texto. Varia conforme a ciência que a utiliza. Em História tem particular importância o estudo de onde provieram os documentos; em Filosofia, interessa muito mais discernir até que ponto uma obra foi mais ou menos decalcada sobre outra.

Quando se trata de traduções, o importante é verificar a fidelidade do texto examinado em relação ao original.

A **crítica interna** é aquela que aprecia o sentido e o valor do conteúdo. Compreende:

a) **crítica de interpretação ou hermenêutica.** Averigua o sentido exato que o autor quis exprimir. Facilita esse tipo de crítica o conhecimento do vocabulário e da linguagem do autor, das circunstâncias históricas, ambientais e de pensamento que influenciaram a obra, da formação, mentalidade, caráter, preconceitos e educação do autor. "Compreender um texto equivale a haver entendido o que o autor quis dizer, os problemas que postulou e as soluções que propôs para os mesmos" (Asti Vera, 1979:127);

b) **crítica do valor interno do conteúdo.** Aprecia a obra e forma um juízo sobre a autoridade do autor e o valor que representa o trabalho e as idéias nele contidas.

A segunda fase compreende a decomposição dos elementos essenciais e sua classificação, isto é, verificação dos componentes de um conjunto e suas possíveis relações. Dito de outra forma, passa-se de uma idéia-chave geral para um conjunto de idéias mais precisas.

Exemplo:

As relações sociais no trabalho, no sistema corporativo, variam segundo as alterações da tecnologia e da divisão do trabalho?

Para detalhar a questão, indagamos:

- a tecnologia manual origina algum tipo de
  - trabalho padronizado?
  - trabalho rotinizado?
  - trabalho especializado?
- a divisão do trabalho ocorre
  - com base no produto final ou
  - na atuação individual no processo de produção?
- se não há alterações na tecnologia e na divisão do trabalho

- as relações baseiam-se no processo produtivo ou
- na estrutura e valores da organização?

Dessa forma podem-se concretizar, através de uma análise progressiva e cada vez mais concreta, as idéias iniciais gerais e mais abstratas.

Como passar de uma idéia geral para outras idéias gerais, depois de cada uma ter sido desmembrada em idéias progressivamente menos gerais? Há várias possibilidades, sendo as mais comuns: por associação, por oposição e por semelhança.

Exemplo:

Diante do uso e abuso da comunicação de massa invadindo o âmbito das atividades diárias do homem ainda somos livres?

Quais são as características que deve ter a publicidade para respeitar a liberdade da pessoa humana?

A veiculação pela TV de anúncios de diamantes em horários de maior audiência da classe de baixo poder aquisitivo não cria frustrações, limitando as aspirações do ser humano?

Passou-se da:

- análise da comunicação de massa
  à
- análise da publicidade
  e à
- análise da utilização de um veículo de comunicação de massa pela publicidade.

A terceira fase é a generalização. Hoje, principalmente depois da difusão das idéias de Popper e o desenvolvimento, por parte desse autor, do método hipotético-dedutivo, coloca-se em dúvida a validade da generalização. Entretanto, como o cientista não coleciona dados, como se fosse uma colcha de retalhos, mas os relaciona entre si, construindo novas teorias científicas, a partir das generalizações, estas constituem etapas imprescindíveis da análise e interpretação dos dados. Dessa forma, após a classificação, fundamentada em traços comuns, "podem-se formular afirmações verdadeiras, aplicáveis a um conjunto ou à totalidade dos elementos selecionados" (Barquero, 1979:78).

Vantagens da generalização:

a) permite a classificação, uma vez que um elemento particular pode ser incluído no geral;

b) evidencia novas questões, dado que, uma vez percebido o caráter geral de uma questão, pode-se fragmentá-la em outras tantas questões particulares, mais simples e concretas; por outro lado, dessas questões particulares, por intermédio da associação, semelhança e analogia, obtém-se uma geral que, novamente, permite sua divisão, e assim por diante.

Exemplo:

- a mecanização da produção,
- divisão do trabalho em tarefas simples e repetitivas,
- a exigência da padronização da produção,

levam o homem a um processo de robotização?

A quarta fase exige uma análise crítica, utilizando instrumental e processos sistemáticos e controláveis. A objetividade, a explicação e a justificativa são três elementos importantes para se chegar à sua validade.

Nesse processo utiliza-se o método indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo ou dialético. Para maiores detalhes, ver *Metodologia científica,* das mesmas autoras (Atlas, 1982, Capítulo 2).

Finalmente, a interpretação exige a comprovação ou refutação das hipóteses. Ambas só podem ocorrer com base nos dados coletados. Deve-se levar em consideração que os dados por si só nada dizem, é preciso que o cientista os interprete, isto é, seja capaz de expor seu verdadeiro significado e compreender as ilações mais amplas que podem conter.

2.2.8 Redação

A redação da pesquisa bibliográfica varia de acordo com o tipo de trabalho científico que se deseja apresentar. Pode ser uma monografia, uma dissertação ou uma tese. Para maiores detalhes ver o Capítulo 5.

2.3 FICHAS

Para o pesquisador, a ficha é um instrumento de trabalho imprescindível. Como o investigador manipula o material bibliográfico, que em sua maior parte não lhe pertence, as fichas permitem:

a) identificar as obras;
b) conhecer seu conteúdo;
c) fazer citações;
d) analisar o material;
e) elaborar críticas.

Criado no século XVII pelo Abade Rozier, da Academia Francesa de Ciências, o sistema de ficha é atualmente utilizado nas mais diversas instituições, para serviços

administrativos, e nas bibliotecas, onde, para consulta do público, existem fichas de autores, de títulos, de séries e de assuntos, todas em ordem alfabética.

2.3.1 Aspecto Físico

É desejável que se dê uma atenção especial ao aspecto físico das fichas, uma vez que todo trabalho científico requer a utilização de um grande número delas e sua preparação pode estender-se por muitos anos. Dado o seu contínuo emprego, é mais viável ao estudioso a opção por um tamanho único de fichas, mesmo que utilize vários fichários.

Os tamanhos mais comuns de fichas são:

Tipo grande	12,5 cm x 20,5 cm
Tipo médio	10,5 cm x 15,5 cm
Tipo pequeno (internacional)	7,5 cm x 12,5 cm

Sendo as fichas utilizadas tanto para indicação bibliográfica quanto para resumo, entre outras formas, é conveniente que a escolha do tamanho seja baseada em características individuais, ou seja, quem tem letra pequena não necessita, obviamente, de muito espaço para escrever, ao contrário dos que possuem letra grande; para pessoas mais sintéticas o ideal é a ficha pequena, o mesmo não ocorrendo com as muito prolixas, que devem escolher fichas médias ou grandes.

Precisando-se utilizar o reverso das fichas, para continuar as anotações, será mais adequado fazer coincidir a última linha do anverso com a primeira do reverso, de forma que a ficha possa ser girada sobre si mesma. Essa prática tem a vantagem de permitir a leitura do verso sem retirar a ficha do seu lugar. Quando as anotações de uma ficha precisam, continuar em uma segunda ou mais fichas, é imprescindível que se repita o cabeçalho com a indicação, em letras maiúsculas, da seqüência, como se verá mais adiante.

2.3.2 Composição das Fichas

A estrutura das fichas, de qualquer tipo, compreende três partes principais: cabeçalho, referência bibliográfica e corpo ou texto. As outras, optativas, são, em ordem de seqüência, principalmente nas fichas bibliográficas, a indicação da obra (quem, principalmente, deve lê-la) e o local em que ela pode ser encontrada (qual biblioteca).

2.3.2.1 CABEÇALHO

O cabeçalho compreende: o título genérico remoto, o título genérico próximo, o título específico, o número de classificação da ficha (Salvador, 1980:113-117) e a letra indicativa da seqüência (quando se utiliza mais de uma ficha, em continuação).

Esses elementos são escritos na parte superior da ficha, em duas linhas: na primeira, consta apenas, à esquerda, o título genérico remoto, na segunda, em quatro quadrinhos, da esquerda para a direita, o título genérico próximo, o título específico, o número de classificação e o código indicativo da seqüência (que permanece em branco quando se utiliza uma só ficha, frente e frente e verso).

Para se ter o título específico e o número de classificação da ficha é necessário que se faça, ao início de cada estudo, um planejamento do assunto que se irá pesquisar,com a respectiva divisão de tópicos.

Exemplo:

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista

1 Introdução

2 Ocupações Marginais

2.1 Conceito de Ocupação Marginal

2.2 Características das Ocupações Marginais

2.2.1 Características Econômicas

2.2.2 Características Sócio-culturais

3 Ocupações Marginais e Mobilidade Social

3.1 Desigualdade Social

3.2 Mobilidade Social

3.2.1 Modelos Explicativos da Mobilidade Social

3.2.2 A Metodologia da Mobilidade

3.2.3 Mobilidade e Distância Social

4 Ocupações Marginais na Área Urbana

4.1 Setor Artesanal

4.2 Setor de Comércio

4.3 Setor de Serviços

5 Ocupações Marginais na Área Rural

5.1 Setor da Agricultura

5.2 Setor da Pecuária

5.3 Setor de Mineração

6 Conclusões

Como auxílio do plano podem-se compor os cabeçalhos, como se segue:

1)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Introdução		1	

2)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais	Conceito de...	2.1	

3)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais	Características das...	2.2	

4)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Características das...	Características Econômicas	2.2.1	

5)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Características das...	Caract. Sócio-Culturais	2.2.2	A

6)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Características das...	Caract. Sócio-Culturais	2.2.2	B

No exemplo 1), *Ocupações Marginais no Nordeste Paulista,* como tema geral, é o título genérico remoto que permanece constante em todas as fichas; Introdução é o título genérico próximo; não há título específico, pois essa parte não se subdivide; finalmente, o algarismo 1 é o número de classificação da ficha.

Os exemplos 2) e 3) apresentam, como todas as fichas feitas para o mesmo estudo, igual título genérico remoto, *Ocupações Marginais no Nordeste Paulista;* ambas apresentam o mesmo título genérico próximo, *Ocupações Marginais,* diferenciando-se pelo título específico. *Conceito de...* e *Características das...* que correspondem à *segunda* parte do trabalho: *Ocupações Marginais;* os algarismos *1* e *2*, que se seguem ao ponto *(2.1* e *2.2),* indicam as subdivisões dessa *segunda* parte, respectivamente, *Conceito de...* e *Características das...*

No exemplo 4) verifica-se uma alteração: se o título genérico remoto permanece o mesmo (*Ocupações Marginais no Nordeste Paulista*), o título genérico próximo se mo-

difica, passando a ser o do *segundo* item da *segunda* parte, *Características das...*O título específico é agora *Características Econômicas, primeira* subdivisão do *segundo* item da *segunda* parte, portanto, com o seguinte número de classificação: 2.2.1.

É evidente que *cada autor* consultado para cada parte, item e subitens do trabalho terá uma *ficha separada,* conservando-se o mesmo cabeçalho, com o mesmo título genérico remoto, o mesmo título genérico próximo, o mesmo título específico e o mesmo número de classificação. Assim, as fichas distinguir-se-ão uma das outras pelas referências bibliográficas que se seguem ao cabeçalho.

Por sua vez, quando o corpo ou o texto não couber em uma só ficha, necessitando-se de duas ou mais, para que as seguintes não se percam, deve-se colocar letras maiúsculas indicativas da seqüência, logo após o número de classificação da ficha, como o ilustram os exemplos 5 e 6.

Quando não se tem, de antemão, um plano elaborado ou se deseja fazê-lo depois das consultas bibliográficas, a única coisa que é preenchida no cabeçalho é o título genérico remoto, deixando-se em branco o restante, que será completado depois do planejamento do trabalho.

Exemplo:

Artesanato			
•			

2.3.2.2 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

A referência bibliográfica deve sempre seguir as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas – como consta no último capítulo. Para proceder-se corretamente é importante consultar a Ficha Catalográfica da obra, que traz todos os elementos necessários e, na ausência dela, a folha de rosto e outras partes do livro, até obter as informações completas.

Quando se trata de revistas e outros periódicos, muitas vezes os elementos importantes da referência bibliográfica localizam-se na lombada.

Finalmente, em caso de jornais, a primeira página é que fornece a maioria das indicações.

2.3.2.3 CORPO OU TEXTO

O conteúdo das fichas varia segundo o tipo das mesmas, como se verá a seguir.

2.3.2.4 INDICAÇÃO DA OBRA

Deve-se pensar que as fichas, depois de utilizadas para a realização de um trabalho, poderão ser novamente empregadas na vida acadêmica ou profissional. Dessa forma, é desejável a indicação da obra, quer para estudos e pesquisas em disciplinas específicas, quer para estudantes de determinada área.

2.3.2.5 LOCAL

É possível que, depois de fichada uma obra, haja necessidade de voltar a consultá-la. Assim, é também importante a indicação do local em que se acha disponível o material.

Exemplo:

cabeçalho	Ocupações Marginais no Nordeste Paulista		
	O.M. e Mobilidade Social	3	
referência bibliográfica	PASTORE, José. **Desigualdade e mobilidade social.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1979, 217 p.		
corpo ou texto			
Indicação da obra	Indicado para estudantes de Ciências Sociais e para a disciplina de Sociologia		
local	Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais da USP		

Pelo título da obra que serviu de exemplo, pode-se perceber que o livro de Pastore é utilizável em mais de uma parte ou item do trabalho planejado. Quando ocorre ca-

so semelhante, ficha-se o livro como um todo, para a parte indicada. É a ficha principal. Outras apresentarão o fichamento de parte da obra: devem ser tantas fichas quantos forem os capítulos do livro que dizem respeito a outros tantos itens e subitens do trabalho. São as fichas secundárias.

Exemplo:

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Mobilidade Social	Modelos Explicativos da. . .	3.2.1	
PASTORE, José. Modelos explicativos da mobilidade social. In: **Desigualdade e mobilidade social.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1979, p. 15-27			

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Mobilidade Social	Modelos Explicativos da...	3.2.1	
SOROKIN, Pitirim A. Espaço social, distância social e posição social. In: CARDOSO, Fernando Henrique & IANNI, Octávio. **Homem e sociedade.** 3. ed. São Paulo: Nacional, 1966, p. 223-230.			

2.3.3 Conteúdo das Fichas

O conteúdo que constitui o corpo ou texto das fichas varia segundo sua finalidade. Pode ser:

A) Bibliográfica, que se subdivide em
   a) bibliográfica de obra inteira; e
   b) bibliográfica de parte de uma obra.

B) Citações.

C) Resumo ou de Conteúdo.

D) Esboço.

E) Comentário ou Analítica.

O primeiro passo será o de descrever cada uma das formas para, ao final, apresentar exemplos.

2.3.3.1 FICHA BIBLIOGRÁFICA

Segundo Salvador (1980:118), a ficha bibliográfica, de obra inteira ou parte dela, pode referir-se a alguns ou a todos os seguintes aspectos:

a) o campo do saber que é abordado;

b) os problemas significativos tratados;

c) as conclusões alcançadas;

d) as contribuições especiais em relação ao assunto do trabalho;

e) as fontes dos dados, que podem ser: documentos; literatura existente; estatísticas (documentação indireta de fontes primárias ou secundárias; documentação direta, com os dados colhidos pelo autor); observação; entrevista; questionário; formulário etc.;

f) os métodos de abordagem e de procedimento utilizados pelo autor:

abordagem	**procedimento**	
Indutivo	Histórico	Tipológico
Dedutivo	Comparativo	Funcionalista
Hipotético-dedutivo	Monográfico	Estruturalista
Dialético	Estatístico	Etnográfico etc.

g) a modalidade empregada pelo autor:

   Geral, Específica, Intensiva, Extensiva (exaustiva), Técnica, Não Técnica, Descritiva, Analítica etc.;

h) a utilização de recursos ilustrativos, tais como: tabelas, quadros, gráficos, mapas, desenhos etc.

Salvador ainda recomenda:

a) *ser breve.* Quando se desejam maiores detalhes sobre a obra, o ideal é a ficha de resumo ou conteúdo, ou, melhor ainda, a de esboço. Na ficha bibliográfica algumas frases são suficientes;

b) *utilizar verbos ativos.* Para se caracterizar a forma pela qual o autor escreve, as idéias principais devem ser precedidas por verbos tais como: *analisa, compra, contém, critica, define, descreve, examina, apresenta, registra, revista, sugere* e outros;

c) *evitar repetições desnecessárias.* Não há nenhuma necessidade de colocar expressões como: *este livro, esta obra, este artigo, o autor* etc.

2.3.3.2 FICHA DE CITAÇÕES

Consiste na reprodução fiel de frases ou sentenças consideradas relevantes ao estudo em pauta. Devem-se observar os seguintes cuidados:

a) *toda citação tem de vir entre aspas.* É através desse sinal que se distingue uma ficha de citações das de outro tipo. Além disso, a colocação das aspas evita que, mais tarde, ao utilizar a ficha, se transcreva como do fichador os pensamentos nela contidos.

b) *após a citação, deve constar o número da página de onde foi extraída.* Isso permitirá a posterior utilização no trabalho, com a correta indicação bibliográfica;

c) *a transcrição tem de ser textual.* Isso inclui os erros de grafia, se houver. Após eles, coloca-se o termo *sic*, em minúsculas e entre colchetes.

Exemplo: (hipotético):

"Chegou-se à conclusão de que o garimpeiro é, antes de tudo, um homem do campo desocado (sic) para a cidade, mas conservador da cultura rural, embora venha assimilando, gradativamente, aspectos da cultura citadina" (p. 127);

d) *a supressão de uma ou mais palavras deve ser indicada,* utilizando-se, no local da omissão, três pontos, precedidos e seguidos por espaços, no início ou final do texto e entre parênteses, no meio.

Exemplo:

"Essa liberdade é a marca predominante no comportamento do garimpeiro: (...) esse desejo de liberdade leva-o a optar, sempre que possível, pela garimpagem, ao invés do trabalho nas lavouras; só em última instância o garimpeiro aceita a opção de serviço na roça. ..." (p. 130);

e) *a supressão de um ou mais parágrafos também deve ser assinalada,* utilizando-se uma linha completa de pontos.

Exemplo:

"A religião está bastante associada a crendices semelhantes às existentes no ambiente rural brasileiro; todo o ciclo da vida, do nascimento à morte, é acompanhado por um conjunto de práticas supersticiosas, cercando-se o

nascimento de uma série de crenças e benzimentos, mesmo que se respeite e pratique o batismo.

. . . . . .

Nem sempre a necessidade é de saúde para a pessoa ou familiares, mas para a obtenção de sucesso no trabalho, arranjar um emprego" (p. 108-109);

f) *a frase deve ser complementada, se necessário:* quando se extrai uma parte ou parágrafo de um texto, este pode perder seu significado, necessitando de um esclarecimento, o qual deve ser intercalado, entre colchetes.

Exemplo:

"Esse rio [Sapucaí], que limita Patrocínio Paulista com Batatais e Altinópolis, é afluente do Rio Grande" (p. 16-17);

g) *quando o pensamento transcrito é de outro autor, tal fato tem de ser assinalado.* Muitas vezes o autor fichado cita frases ou parágrafos escritos por outra pessoa. Nesse caso, é imprescindível indicar, entre parênteses, a referência bibliográfica da obra da qual foi extraída a citação.

Exemplo:

"... as gupiaras se encontram ora numa, ora noutra margem do rio" (p. 36) (MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais.* 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p. 17).

2.3.3.3 FICHAS DE RESUMO OU DE CONTEÚDO

Apresenta uma síntese bem clara e concisa das idéias principais do autor ou um resumo dos aspectos essenciais da obra. Características:

a) *não é um sumário ou índice das partes componentes da obra,* mas exposição abreviada das idéias do autor;

b) *não é transcrição,* como na ficha de citações, mas é elaborada pelo leitor, com suas próprias palavras, sendo mais uma interpretação do autor;

c) *não é longa:* apresentam-se mais informações do que a ficha bibliográfica, que, por sua vez, é menos extensa do que a do esboço;

d) *não precisa obedecer estritamente à estrutura da obra:* lendo a obra, o estudioso vai fazendo anotações dos pontos principais. Ao final, redige um resumo, contendo a essência do texto.

2.3.3.4 FICHA DE ESBOÇO

Tem certa semelhança com a ficha de resumo ou conteúdo, pois refere-se à apresentação das principais idéias expressas pelo autor, ao longo da sua obra ou parte dela, porém de forma mais detalhada. Aspectos principais:

a) *é a mais extensa das fichas,* apesar de requerer, também, capacidade de síntese, pois o conteúdo de uma obra, parte dela ou de um artigo mais extenso é expresso em uma ou algumas fichas;

b) *é a mais detalhada,* em virtude de a síntese das idéias ser realizada quase que de página a página;

c) *exige a indicação das páginas,* em espaço apropriado, à esquerda da ficha, à medida que se vai sintetizando o material. Pode ocorrer que uma idéia do autor venha expressa em mais de uma página. Nesse caso, a indicação da página será dupla.

Exemplo: 53/4.

Quando em uma ou mais páginas não há nada de interessante, elas são puladas, continuando-se a indicação das páginas a partir das seguintes.

2.3.3.5 FICHA DE COMENTÁRIO OU ANALÍTICA

Consiste na explicitação ou interpretação crítica pessoal das idéias expressas pelo autor, ao longo de seu trabalho ou parte dele. Pode apresentar:

a) *comentário sobre a forma* pela qual o autor desenvolve seu trabalho, no que se refere aos aspectos metodológicos;

b) *análise crítica do conteúdo,* tomando como referencial a própria obra;

c) *interpretação de um texto obscuro* para torná-lo mais claro;

d) *comparação da obra com outros trabalhos sobre o mesmo tema;*

e) *explicitação da importância da obra para o estudo em pauta.*

2.3.4 Exemplos de Fichas

Ficha Bibliográfica

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	

MARCONI, Marina de Andrade. **Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista.** São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.

Insere no campo da Antropologia Cultural. Utiliza documentação indireta de fontes secundárias e direta, colhidos os dados através de formulário. Emprega o método de abordagem indutivo e o de procedimento monográfico e estatístico. A modalidade é específica, intensiva, descritiva e analítica.

Apresenta a caracterização física do Planalto Nordeste Paulista.

Analisa a organização econômica do planalto, descrevendo o aspecto legal do sistema de trabalho e das formas de contrato, assim como a atividade exercida e as ferramentas empregadas em cada fase do trabalho. Registra os tipos e equipamentos das habitações e examina o nível de vida das famílias.

Descreve o tipo de família, sua composição, os laços de parentesco e compadrio e a educação dos filhos. Examina a escolaridade e a mobilidade profissional entre gerações.

Apresenta as práticas religiosas com especial destaque das superstições, principalmente as ligadas ao garimpo.

Discrimina as formas de lazer, os hábitos alimentares, de higiene e de vestuário.

Levando em consideração o uso de uma linguagem específica, inclui um Glossário.

Conclui que o garimpeiro ainda conserva a cultura rurícola, embora em processo de aculturação. Exerce o nomadismo. É solidário. O traço de irresponsabilidade é mais atenuado do que se esperava.

Apresenta quadros, gráficos, mapas e desenhos.

Esclarece aspectos econômicos e sócio-culturais da atividade de mineração de diamantes na região rural de maior número de garimpeiros no Nordeste Paulista.

- Indicado para estudantes de Ciências Sociais e para as disciplinas de Antropologia Cultural e Social.
- Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade

Ficha de Citações

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	

MARCONI, Marina de Andrade. **Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista.** São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.

"Entre os diversos tipos humanos característicos existentes no Brasil, o garimpeiro apresenta-se, desde os tempos coloniais, como um elemento pioneiro, desbravador e, sob certa forma, como agente de integração nacional." (p. 7)

"Os trabalhos no garimpo são feitos, em geral, por homens, aparecendo a mulher muito raramente e apenas no serviço de lavação ou escolha de cascalho, por serem mais suaves do que o de desmonte." (p. 26)

"... indivíduos [os garimpeiros] que reunidos mais ou menos acidentalmente continuam a viver e trabalhar juntos. Normalmente abrangem indivíduos de um só sexo (...) e sua organização é mais ou menos influenciada pelos padrões que já existem em nossa cultura para agrupamentos dessa natureza." (p. 47) (LINTON, Ralph. **O homem;** uma introdução à antropologia. 5. ed. São Paulo, Martins, 1965, p. 111).

"O garimpeiro (...) é ainda um homem rural em processo lento de urbanização, com métodos de vida pouco diferentes dos habitantes da cidade, deles não se distanciando notavelmente em nenhum aspecto: vestuário, alimentação, vida familiar." (p. 48)

"A característica fundamental no comportamento do garimpeiro (...) é a liberdade." (p. 130)

Ficha de Resumo ou de Conteúdo

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	

MARCONI, Marina de Andrade. **Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista.** São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.

Pesquisa de campo que se propõe a dar uma visão antropológica do garimpo em Patrocínio Paulista. Descreve um tipo humano característico, o garimpeiro, em uma abordagem econômica e sócio-cultural.

Enfoca aspectos geográficos e históricos da região, desde a fundação do povoado até a constituição do município. Enfatiza as atividades econômicas da região em que se insere o garimpo, sua correlação principalmente com as atividades agrícolas, indicando que alguns garimpeiros do local executam o trabalho do garimpo em fins de semana ou no período de entressafra, sendo, portanto, em parte, trabalhadores agrícolas, apesar da maioria residir na área urbana.

Dá especial destaque à descrição das fases da atividade de garimpo, incluindo as ferramentas utilizadas. Apresenta a hierarquia de posições existentes e os tipos de contrato de trabalho, que diferem do rural e o respeito do garimpeiro à palavra empenhada. Aponta o sentimento de liberdade de garimpeiro e justifica seu nomadismo, como conseqüência de sua atividade.

A análise econômica abrange ainda o nível de vida como sendo, de modo geral, superior ao do egresso do campo e a descrição das casas e seus equipamentos, indicando as diferenças entre ranchos da zona rural e casas da zona urbana.

Sob o aspecto sócio-cultural demonstra a elevação do nível educacional e a mobilidade profissional entre as gerações: dificilmente o pai do garimpeiro exerceu essa atividade e as aspirações para os filhos excluem o garimpo. Faz referência ao tipo de família mais comum – a nuclear –, aos laços de parentesco e ao papel relevante do compadrio. Considera adequados a alimentação e os hábitos de higiene, tanto dos garimpeiros quanto de suas famílias. No que respeita à saúde, comprova a predominância da consulta aos curandeiros e dos medicamentos caseiros.

Faz um levantamento de crendices e superstições, com especial destaque ao que se refere à atividade de trabalho. Aponta a influência dos sonhos nas práticas diárias.

Finaliza com um glossário que esclarece a linguagem especial dos garimpeiros.

Ficha de Esboço

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	

MARCONI, Marina de Andrade. O garimpeiro – aspectos sócio-culturais. In: _____ **Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista.** São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p. 93-126.

93	Economicamente independentes, pois começam a trabalhar cedo, os garimpeiros em geral possuem família nuclear.
95/6	Freqüentemente casando-se cedo os garimpeiros não vêem com bons olhos o celibato, considerando a aquisição de uma esposa como um ideal que lhes confere prestígio.
97	A mulher é a principal encarregada da educação dos filhos, que segue padrões diferentes, conforme o sexo da criança.
99	O círculo de amizade é restrito, predominando os laços de parentesco e de trabalho. A mulher desempenha papel secundário, raramente dirigindo a palavra a homens, com exceção dos parentes.
100/1	O compadrio é considerado um laço forte, unindo famílias, sendo as crianças educadas no respeito aos padrinhos, cuja relação com os pais aproxima-se da de parentesco.
102/5	A escolaridade dos garimpeiros é geralmente baixa, mas sua preocupação com os filhos e familiares leva à insistência na escolarização, pois aspiram à independência para os mesmos e consideram penosa sua atividade. O principal fator da baixa escolaridade é a situação econômica, que conduz à atividade remunerada com pouca idade. Porém, em média, sua escolaridade é mais elevada que a dos pais.
106/10	A quase totalidade dos garimpeiros é católica, tal como são ou eram seus pais, sendo que as mulheres e filhos revelam maior assiduidade aos cultos. Mantêm, em suas residências, sinais exteriores de suas crenças (imagens de santos). A prática religiosa está mesclada com crendices, mas é comum a fé em promessas. Sua religião é um misto de catolicismo e práticas mágicas.
111	O garimpeiro é extremamente supersticioso e orienta muitas de suas ações pelos sonhos que têm.
112	O receito de mau-olhado liga-se às etapas e frutos de seu trabalho.
114	Muitos garimpeiros consideram a própria atividade de garimpo como uma forma de lazer.
115	O principal lazer consiste em grupos de conversas, sendo o assunto mais discutido os vários aspectos do garimpo.

Verso

116/7	Outras formas de lazer: festas, danças, baralho, rádio. É limitada a leitura de jornais e revistas e praticamente inexistente a de livros.
118	A alimentação básica do garimpeiro é feijão, arroz, carne e legumes. Raros são os casos em que a carne não faça parte do cardápio diário.
119/20	É bastante equilibrada a dieta do garimpeiro, que necessita de boa alimentação para agüentar o difícil trabalho do garimpo. O preparo da comida fica a cargo de elementos femininos, principalmente a esposa.
121	Raramente o garimpeiro bebe durante o trabalho, fazendo-o geralmente nos fins de semana e feriados.
122	Na maioria dos casos o garimpeiro tem boa saúde, derivada das condições em que exerce sua atividade: ar livre e sol.
123	Em casos de doença dá-se preferência a remédios caseiros, rezas e benzimentos. O farmacêutico, o enfermeiro ou o médico são consultados apenas quando a doença é grave.
124/5	As condições das habitações são adequadas. Os garimpeiros têm o hábito do banho diário e escovam os dentes. Entretanto, não lavam as mãos freqüentemente e em várias ocasiões.

Ficha de Comentário ou Analítica

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	

MARCONI, Marina de Andrade. **Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista.** São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.

Caracteriza-se por uma coerência entre a parte descritiva, entre a consulta bibliográfica e a pesquisa de campo. Tal harmonia difícil e às vezes não encontrada em todas as obras dá uma feição específica ao trabalho e revela sua importância.

Os dados, obtidos por levantamento próprio, com o emprego do formulário e entrevistas, caracterizam sua originalidade.

Foi dado especial destaque à fidelidade das denominações próprias, tanto das atividades de garimpo quanto do comportamento e atitudes ligadas ao mesmo.

O principal mérito é ter dado uma visão global do comportamento do garimpeiro, que difere da apresentada pelos escritores que abordam o assunto, mais superficiais em suas análises, e evidenciando a colaboração que o garimpeiro tem dado não apenas à cidade de Patrocínio Paulista, mas a outras regiões, pois o fruto de seu trabalho extrapola o município.

Carece de uma análise mais profunda da inter-relação entre o garimpeiro e o rurícola, em cujo ambiente às vezes trabalha, e o citadino, ao lado de quem vive.

De todos os trabalhos sobre garimpeiros é o mais detalhado, sobretudo nos aspectos sócio-culturais, porém não permite uma generalização, por se ter restrito ao garimpo de diamantes em Patrocínio Paulista.

Essencial na análise das condições econômicas e sócio-culturais da atividade de mineração do Nordeste Paulista.

2.3.5 Disposição do Fichário

Há várias maneiras de se organizar um fichário. A escolha dessa ou daquela modalidade vai depender do pesquisador, ou seja, qual a forma a que se adapta melhor.

Há três principais sistemas convencionais:

2.3.5.1 ARRANJO ALFABÉTICO DE CABEÇALHOS ESPECÍFICOS DE ASSUNTOS

Nesse sistema, quando da disposição das fichas, em primeiro lugar vem a ficha-guia, em cujo cabeçalho, à margem superior, coloca-se a palavra ou frase-chave, isto é, aquela que indica o assunto da publicação fichada. Essa palavra deve ter um significado bem preciso, a fim de evitar confusões.

As fichas são ordenadas alfabeticamente por assuntos e todas as informações sobre aquele tema devem estar sob o mesmo cabeçalho. Entre as fichas-guias são colocadas as que levam os sobrenomes dos autores, também em ordem alfabética. A ficha-guia facilita a localização dos assuntos.

Exemplo:

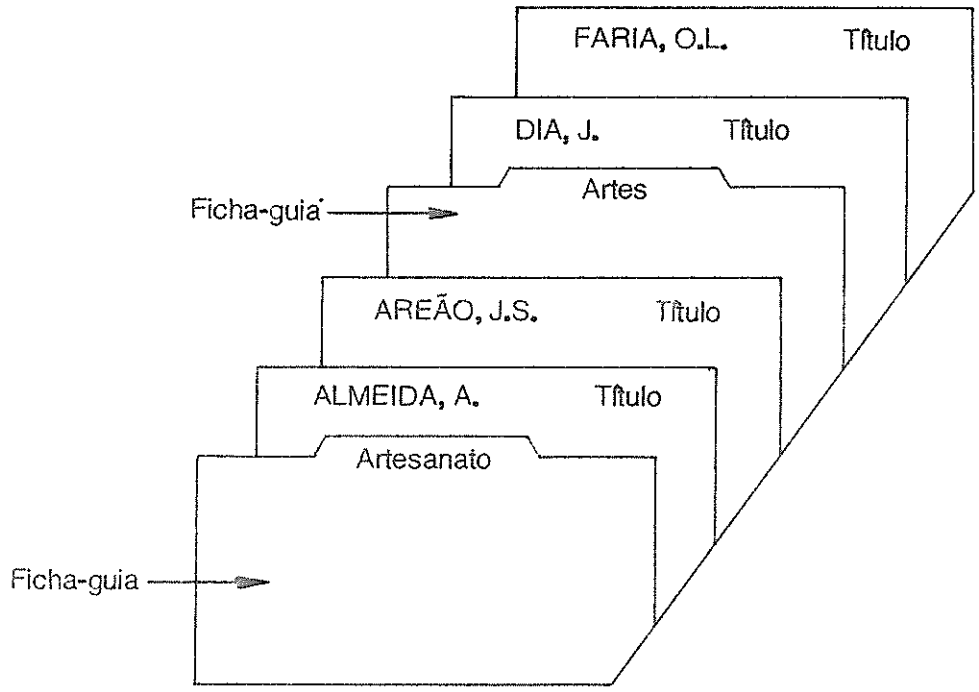

Figura 1

Alguns pesquisadores usam cores diferentes para as fichas-guias, para melhor destaque.

A fim de separar as fichas-guias, quando se trata de subdivisões do mesmo assunto, emprega-se a ficha-subguia, também com cabeçalho superior. Os sobrenomes dos autores seguem sempre a ordem alfabética.

Exemplo:

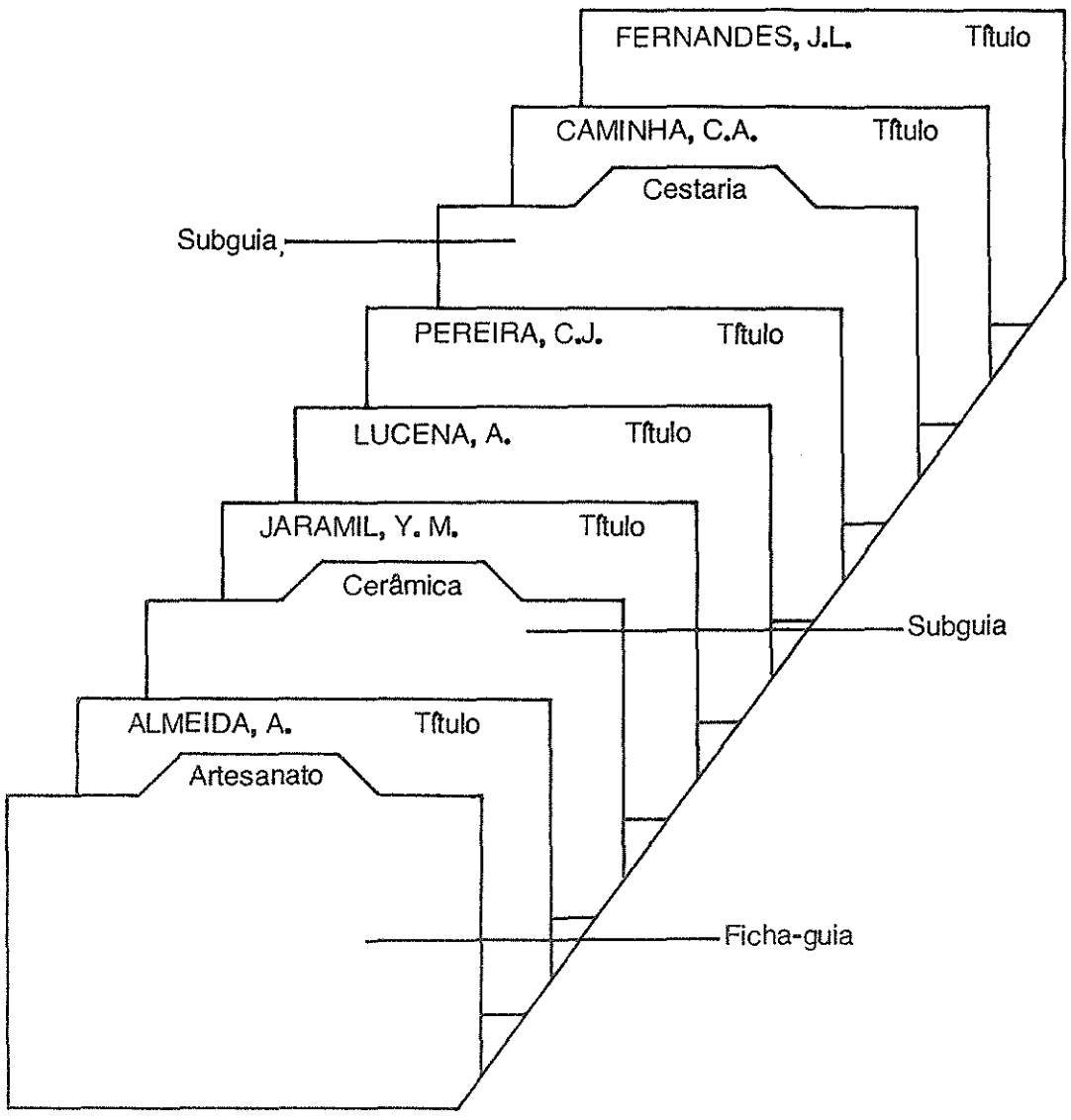

Figura 2

2.3.5.2 ARRANJO ALFABÉTICO DE CABEÇALHOS GENÉRICOS DE ASSUNTOS

Essa modalidade é uma variante da anterior. Nas fichas-guias são colocados os cabeçalhos dos assuntos gerais e nas subguias os temas específicos que lhes são subordinados.

Exemplo:

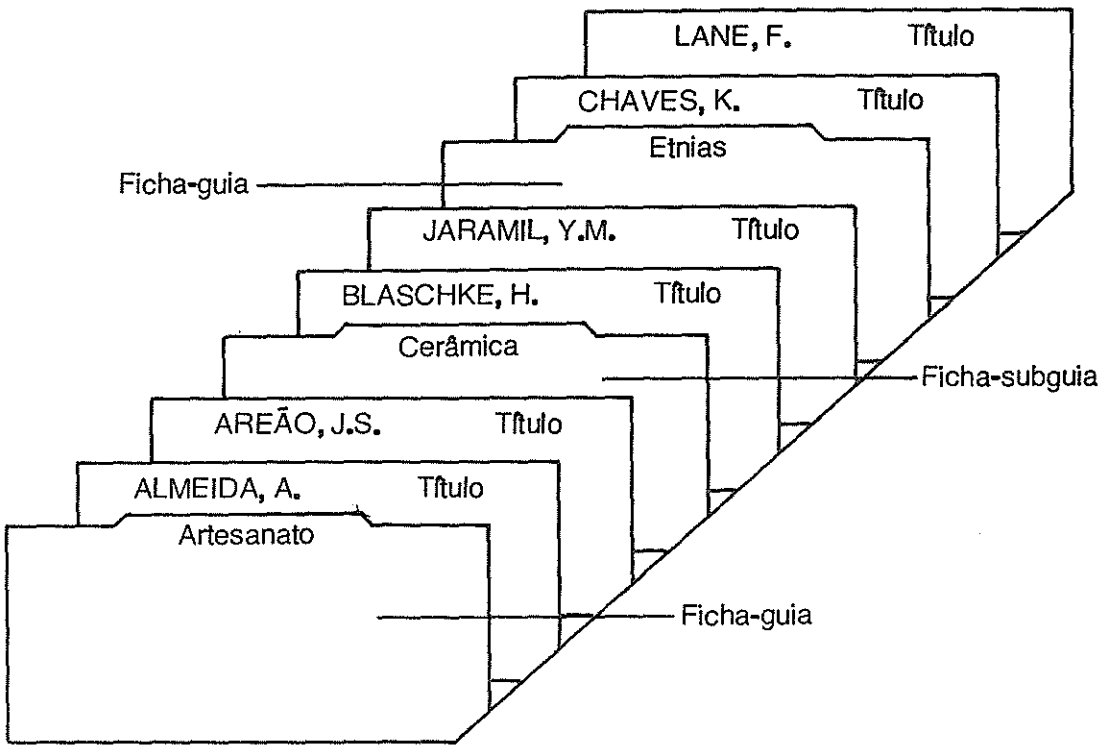

Figura 3

Devem-se organizar fichários diferentes para livros e periódicos.

2.3.5.3 ARRANJO SISTEMÁTICO OU CLASSIFICADO

No arranjo sistemático, deve-se adotar um sistema classificatório, preferencialmente o de difusão internacional. É importante que o sistema esteja atualizado.

Após a classificação dos assuntos, coloca-se na parte superior da ficha um número que deve corresponder àquele assunto. Em seguida, ordenam-se as fichas obedecendo a essa numeração. Colocam-se as fichas de sobrenome de autores por ordem alfabética sempre. As publicações fichadas referentes ao mesmo assunto devem ter os mesmos números. Dessa forma, cada assunto compreende um grupo de fichas, mesmo que os livros sejam de diversos autores.

Para esse tipo de fichário é importante um índice alfabético de assunto.

Exemplo:

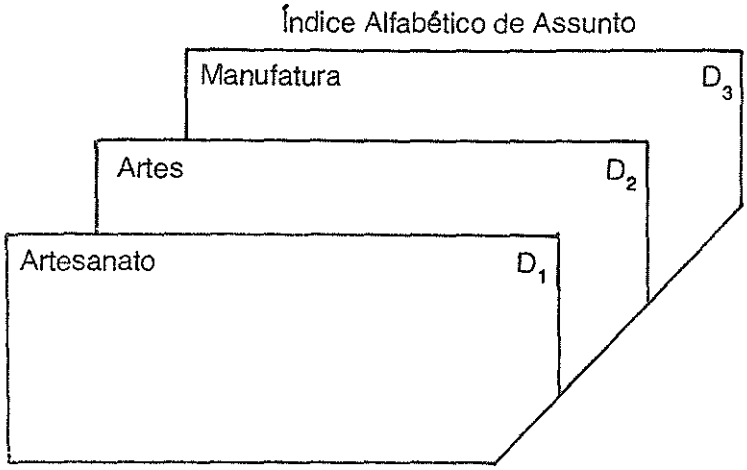

Figura 4

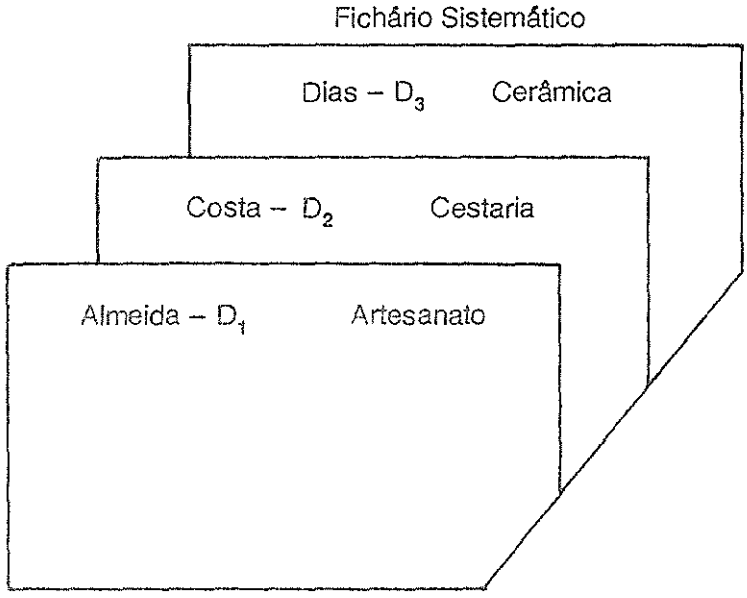

Figura 5

O arranjo sistemático é o ideal para as fichas com cabeçalho, consistindo o sistema classificatório do número de classificação da ficha. A seguir, as fichas com o mesmo número de classificação que se distinguem uma das outras pelas referências bibliográficas deverão ser colocadas em ordem alfabética de autores.

Exemplo:

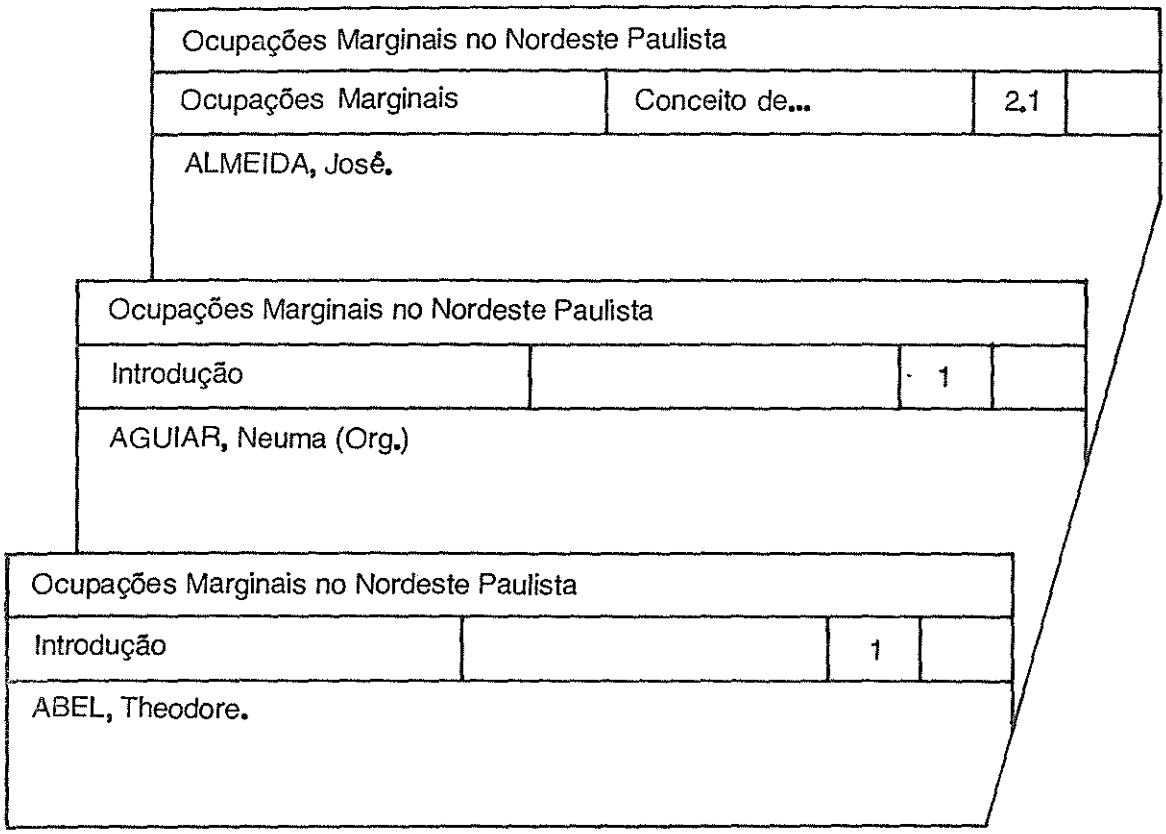

Figura 6

2.4 RESUMOS

Da mesma forma que as fichas, para os pesquisadores os resumos são instrumentos obrigatórios de trabalho através dos quais se podem selecionar obras que merecem a leitura do texto completo. Entretanto, os resumos só são válidos quando contiverem, de forma sintética e clara, tanto a natureza da pesquisa realizada quanto os resultados e as conclusões mais importantes, em ambos os casos destacando-se o valor dos achados ou de sua originalidade.

2.4.1 Conceito, Finalidade e Caráter

O resumo é a apresentação concisa e freqüentemente seletiva do texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância, isto é, as principais idéias do autor da obra.

A finalidade do resumo consiste na difusão das informações contidas em livros, artigos, teses etc., permitindo a quem o ler resolver sobre a conveniência ou não de

consultar o texto completo. O caráter de um resumo depende de seus objetivos: apresentar um sumário narrativo das partes mais significativas, não dispensando a leitura do texto; condensação do conteúdo, expondo ao mesmo tempo tanto as finalidades e metodologia quanto os resultados obtidos e as conclusões da autoria, permitindo a utilização em trabalhos científicos e dispensando, portanto, a leitura posterior do texto original; análise interpretativa de um documento, criticando os diferentes aspectos inerentes ao texto.

2.4.2 Como Resumir

Levando-se em consideração que quem escreve obedece a um plano lógico através do qual desenvolve as idéias em uma ordem hierárquica, ou seja, proposição, explicação, discussão e demonstração, é aconselhável, em uma primeira leitura, fazer um esboço do texto, tentando captar **o plano geral da obra e seu desenvolvimento.**

A seguir, volta-se a ler o trabalho para responder a duas questões principais: de que trata este texto? O que pretende demonstrar? com isso, identifica-se a **idéia central** e o **propósito** que nortearam o autor.

Em uma terceira leitura, a preocupação é com a questão: como o disse? Em outras palavras, trata-se de descobrir **as partes principais em que se estrutura o texto.** Esse passo significa a compreensão das idéias, provas, exemplos etc. que servem como explicação, discussão e demonstração da proposição original (idéia principal). É importante distinguir a **ordem em que aparecem as diferentes partes do texto.** Geralmente quando o autor passa de uma idéia para outra, inicia novo parágrafo; entretanto, a ligação entre os parágrafos permite identificar:

a) **conseqüências** (quando se empregam palavras tais como: em conseqüência, por conseguinte, portanto, por isso, em decorrência disso etc.);
b) **justaposição** ou **adição** (identificada com expressões de tipo: e, da mesma forma, da mesma maneira etc.);
c) **oposição** (com a utilização das palavras: porém, entretanto, por outra parte, sem embargo etc.);
d) **incorporação** de novas idéias;
e) **complementação** do raciocínio;
f) **repetição** ou **reforço** de idéias ou argumentos;
g) **justificação** de proposições (por intermédio de um exemplo, comprovação etc.).
h) **digressão** (desenvolvimento de idéias até certo ponto alheias ao tema central do trabalho).

Os três últimos casos devem ser totalmente excluídos do resumo.

A última leitura deve ser feita com a finalidade de:

a) **compreensão do sentido** de cada parte importante;

b) **anotação das palavras-chave** das mesmas;

c) **verificação do tipo de relação entre as partes** (conseqüência, oposição, complementação etc.).

Uma vez compreendido o texto, selecionadas as palavras-chave e entendida a relação entre as partes essenciais, pode-se passar à elaboração do resumo.

2.4.3 Tipos

Dependendo do caráter do trabalho científico que se pretende realizar, o resumo pode ser: indicativo ou descritivo; informativo ou analítico; crítico.

a) **indicativo ou descritivo** – quando faz referência às partes mais importantes, componentes do texto. Utiliza frases curtas, cada uma correspondendo a um elemento importante da obra. Não é simples enumeração do sumário ou índice do trabalho. Não dispensa a leitura do texto completo, pois apenas descreve sua natureza, forma e propósito;

b) **informativo ou analítico** – quando contém todas as informações principais apresentadas no texto e permite dispensar a leitura desse último; portanto é mais amplo do que o indicativo ou descritivo. Tem a finalidade de informar o conteúdo e as principais idéias do autor, salientando:

- os objetivos e o assunto (a menos que se encontre explicitado no título);
- os métodos e as técnicas (descritivas de forma concisa, exceto quando um dos objetivos do trabalho é a apresentação de nova técnica);
- os resultados e as conclusões.

Sendo uma apresentação condensada do texto, esse tipo de resumo não deve conter comentários pessoais ou julgamentos de valor, da mesma maneira que não deve formular críticas. Deve ser seletivo e não mera repetição sintetizada de *todas as idéias* do autor. Utilizam-se, de preferência, as próprias palavras de quem fez o resumo; quando cita as do autor, apresenta-as entre aspas. Não sendo uma enumeração de tópicos, o resumo informativo ou analítico deve ser composto de uma seqüência corrente de frases concisas. Ao final do resumo, indicam-se as palavras-chave do texto. Da mesma forma que na redação de fichas, procura-se evitar expressões tais como: o autor disse, o autor falou, segundo o autor ou segundo ele, a seguir, este livro (ou artigo, ou documento) e outras do gênero, ou seja, todas as palavras supérfluas. Deve-se dar preferência à forma impessoal.

c) **crítico** – quando se formula um julgamento sobre o trabalho. É a crítica da forma, no que se refere aos aspectos metodológicos; do conteúdo; do desenvolvimento da lógica da demonstração; da técnica de apresentação das idéias principais. No resumo crítico não pode haver citações.

2.4.4 Exemplos

Resumo indicativo ou descritivo

LAKATOS, Eva Maria. *O trabalho temporário:* nova forma de relações sociais no trabalho. Tese (Livre-docência em Sociologia) – Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979. 2. v.

Etapas do desenvolvimento econômico que caracterizam a transição do feudalismo para o capitalismo. Distinção entre as relações sociais formais de produção e as relações sociais no trabalho, segundo as sucessivas fases de organização industrial: sistema familiar, de corporações, doméstico e fabril; também de acordo com a natureza das elites que introduzem ou determinam o processo de industrialização nas diferentes sociedades: elite dinástica, classe média, intelectuais revolucionários, administrador colonial, líder nacionalista. As elites influem ainda no processo de recrutamento da mão-de-obra, na integração do trabalhador na empresa, na autoridade que elabora as normas referentes à relação entre o trabalhador e a direção da empresa e no caráter da atividade da gerência sobre os trabalhadores. Conceito de trabalhador temporário. Etapas de desenvolvimento econômico das sociedades que influem no processo de trabalho. Organização do trabalho e suas alterações, causa e conseqüência das transformações da sociedade. Surgimento e desenvolvimento do trabalho temporário segundo as etapas de desenvolvimento econômico e da organização do trabalho. Metodologia da pesquisa, seleção da amostra, técnicas de coleta de dados, enunciado das hipóteses e variáveis. Análise e interpretação dos dados, comprovação ou refutação das hipóteses. Perfil do trabalhador temporário.

Resumo informativo ou analítico

LAKATOS, Eva Maria. *O trabalho temporário:* nova forma de relações sociais no trabalho. Tese (Livre-docência em Sociologia) – Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979. 2. v.

A partir da Idade Média, as sucessivas fases da organização industrial apresentam o sistema familiar, onde a produção era realizada pelos membros da família, para seu próprio consumo e não para a venda, pois praticamente inexistia mercado; o sistema de corporações, em que a produção ficava a cargo de mestres artesãos independentes, donos da matéria-prima e das ferramentas de trabalho, auxiliados por aprendizes, atendendo a um mercado pequeno e estável: não vendiam seu trabalho mas o produto de sua atividade; sistema doméstico, com um mercado em expansão, onde o mestre artesão perde parte de sua independência: surge o intermediário a quem pertence a matéria-prima e, em conseqüência, o produto acabado; sistema fabril, atendendo a um mercado cada vez mais amplo e oscilante, onde a produção é realizada em estabelecimentos pertencentes ao empregador, sendo o trabalhador totalmente dependente, pois não é mais dono dos instrumentos de produção: vende, portanto, sua força de trabalho. As relações sociais formais de produção resultam "dos direitos definidos de acesso a um particular meio de vida e de participação nos resultados do processo de trabalho". As relações sociais no trabalho compreendem "aquelas relações que se originam da associação, entre indivíduos, no processo cooperativo de produção". A Revolução Industrial não alterou as relações sociais formais de produção do sistema fabril. De acordo com a natureza da elite que orienta, introduz ou determina o processo de industrialização, as relações sociais no trabalho recebem diferentes influências. As principais são: processo empregado no recrutamento da mão-de-obra; na integração do trabalhador na empresa; na autoridade que elabora as normas referentes às relações entre o trabalhador e a direção da empresa; no caráter da autoridade da gerência sobre o trabalhador. A elite dinástica recruta, baseada em laços familiares; utiliza mecanismos paternalistas de integração; elabora normas através do

Estado e da própria gerência e tem uma preocupação paternalista com os trabalhadores. A classe média recruta segundo a habilidade; cria mecanismos específicos de integração; a elaboração das normas é pluralista e considera o trabalhador como cidadão. Os intelectuais revolucionários realizam um recrutamento apoiados na filiação política; a integração dá-se através do apelo ideológico; a elaboração das normas encontra-se sobre a égide do partido e do Estado, e a autoridade tem caráter ditatorial, de início, e, mais tarde, constitucional. Os administradores coloniais recrutam segundo a naturalidade; a integração é paternalista; as normas são elaboradas pela metrópole e as formas de autoridade são ditatorial e paternalista. Os líderes nacionalistas recrutam segundo a qualificação profissional e política; a integração baseia-se na elaboração de normas; consideram o trabalhador como patriota; a elaboração de normas destaca o Estado e os dirigentes, e a autoridade depende do tipo de gerentes. Distingue-se o trabalho temporário de outras atividades, tais como: trabalho parcial, recrutamento direto, período de experiência, empréstimo de trabalhador, subcontratação, empreitada, trabalhador sazonal, diarista, trabalhador externo e trabalhador doméstico. Na conceituação de trabalhador temporário faz-se referência a uma relação triangular entre o empregador (agência de mão-de-obra temporária – fornecedor), o trabalhador temporário e a empresa cliente (tomador). O trabalho temporário "é uma conseqüência do sistema fabril de produção, surgindo espontaneamente em determinada etapa do desenvolvimento econômico, inserindo-se, geralmente, em formas específicas de organização do trabalho – determinada pela tecnologia e pluralista – sob certas condições: organização contratual, contratos individuais e baseados na ocupação". A sociedade industrialmente desenvolvida favorece o surgimento do trabalho temporário. A ampliação deste é incentivada pelo aumento da divisão do trabalho e pela especialização: coincide sua expansão com o aumento do desemprego. O trabalhador temporário diferencia-se daquele que é fixo por um conjunto de características, sendo as mesmas uma decorrência do tipo de atividade exercida, assim como do tempo de exercício da função. O trabalhador é encaminhado a esta atividade principalmente pela insuficiência de oferta de empregos fixos. O trabalhador temporário é predominantemente do sexo masculino; entre 18 e 30 anos; com primário completo; sem companheiro; família pouco numerosa, geralmente migrante do próprio Estado; renda familiar entre Cr$ 2.500,00 e Cr$ 5.000,00 (1976); responsável econômico da família; mora em casa alugada e não possui outra fonte de renda ou bens.

Palavras-chave: Sistema familiar, de corporações, doméstico e fabril. Relações sociais formais de produção. Relações sociais no trabalho. Revolução Industrial. Elite dinástica, classe média, intelectuais revolucionários, administradores coloniais e líderes nacionalistas. Trabalho temporário. Trabalhadores temporários. Características dos trabalhadores temporários.

Resumo crítico

LAKATOS, Eva Maria. *O trabalho temporário:* nova forma de relações sociais no trabalho. Tese (Livre-docência em Sociologia) – Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979. 2. v.

Traça um panorama do trabalho temporário nos dias atuais, nos municípios de São Paulo, ABC e Rio de Janeiro, relacionando as razões históricas, sociais e econômicas que levaram ao seu aparecimento e desenvolvimento. Divide-se em duas partes. Na primeira, geral, tem-se a retrospectiva do trabalho temporário. Partindo do surgimento da produção industrial, traça um panorama da evolução dos sistemas de trabalho. Dessa maneira são enfocadas, do ponto de vista sociológico, as relações de produção através dos tempos. Esse quadro histórico fornece a base para a compreensão dos fatores sociais e econômicos que levaram à existência do trabalho temporário tal como é conhecido hoje no contexto urbano. A parte teórica permite também visualizar a realidade sócio-econômica do trabalhador temporário, conduzindo, em seqüência lógica, as pesquisas de campo apresentadas na segunda parte do trabalho. A parte essencial consiste em uma

pesquisa realizada em três níveis: o trabalhador temporário, as agências de mão-de-obra temporária e as empresas que a utilizam. Ao abordar os três elementos atuantes no processo, a pesquisa cerca o problema e faz um levantamento profundo do mesmo. As técnicas utilizadas para a seleção da amostra e coleta de dados são rigorosamente corretas do ponto de vista metodológico, o que dá à pesquisa grande confiabilidade. As tabelas apresentadas confirmam ou refutam as hipóteses levantadas, permitindo que, a cada passo, se acompanhe o raciocínio que leva às conclusões do trabalho. Estas são apresentadas por tópicos e divididas conforme a parte a que se referem, permitindo ao leitor uma confrontação entre o texto comprobatório e a conclusão dele resultante. Ao final de cada capítulo aparece um glossário, com a definição dos principais conceitos utilizados no texto. São ainda apresentadas, em anexo, a legislação referente ao trabalho temporário, o modelo de formulário utilizado na pesquisa e a lista de itens que a integra. As tabelas, apresentando os resultados da pesquisa, fazem parte do segundo volume. Esse material permite que se conheça em detalhes e se possa reproduzir o processo de investigação realizado.

LITERATURA RECOMENDADA

ASTI VERA, Armando. *Metodologia da pesquisa científica.* Porto Alegre: Globo, 1976. p. 120-125.

BARRASS, Robert. *Os cientistas precisam escrever:* guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979. Capítulo 11.

CERVO, Amado Luis, BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica:* para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. Segunda Parte, Capítulo 4.

FRAGATA, Júlio. *Noções de metodologia:* para elaboração de um trabalho científico. 3. ed. Porto: Tavares Martins, 1980. Capítulos 5 e 6.

GAGLIANO, A. Guilherme (Org.), *Método científico:* teoria e prática. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979. Segunda Parte, Capítulo 9.

GOODE, William, J., Hatt, Paul K. *Métodos em pesquisa social* 2. ed. São Paulo: Nacional, 1968. Capítulo 9.

KURY, Adriano Gama. *Elaboração e editoração de trabalhos de nível universitário;* especialmente na área humanística. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1980. Capítulo 1.

REHFELDT, Gládis Knak. *Monografia e tese:* guia prático. Porto Alegre: Sulina, 1980. Primeira Parte, Capítulos 1, 2 e 3.

RUMMEL, J. Francis. *Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação* 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1977. Capítulo 7.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia:* elementos de metodologia do trabalho científico. 3. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973. Primeira Parte, Capítulo 3, Terceira Parte, Capítulos 3 e 4.

SALVADOR, Ângelo Domingues. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica:* elaboração de trabalhos científicos. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980. Primeira parte, Capítulo 2; Seção 3.

VEGA, Javier Lasso de la. *Manual de documentación.* Barcelona: Labor, 1969. Terceira Parte.

3

PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

3.1 COMUNICAÇÃO

Comunicar é transmitir informações, ou seja, idéias, fatos, opiniões. Por meio da comunicação pode-se "compartilhar conhecimentos, opiniões, sentimentos e, talvez, convencer os outros a pensarem como a gente" (Harlow & Compton, 1980:11).

Todo estudioso necessita transmitir a outras pessoas, com certa freqüência, o fruto de suas atividades, de seu conhecimento.

3.1.1 Comunicação Científica

Comunicação científica é a informação apresentada em congressos, simpósios, semanas, reuniões, academias, sociedades científicas etc., onde se expõem os resultados de uma pesquisa original, inédita, criativa, a ser publicada posteriormente em anais ou revistas.

Pardinas (1977:38) entende por "conhecimento científico, aquele voltado para a obtenção e comunicação de resultados desconhecidos até o momento da publicação do livro ou artigo, com fins de explicação e/ou predição do comportamento de certos fenômenos".

Para Salvador (1980:23), "um texto pertence a essa categoria quando traz informações científicas novas, mas não permite, devido à sua redação, que os leitores possam verificar informações: as notas simplesmente informam".

Em virtude dos locais de sua realização, a comunicação científica é limitada em sua extensão, ou seja, não pode ser muito longa. Geralmente estipula-se o tempo para o participante apresentar sua comunicação: dez a vinte minutos mais ou menos. Embora apresentada oralmente, a comunicação científica deve ser escrita, principalmente se o autor tiver em mente sua publicação. Mas não pode prescindir-se de um plano.

A atualização do tema ou problema é um dos fatores mais importantes da comunicação, pois representa valiosa contribuição ao desenvolvimento científico. Os relatos

encomendados especialmente nos congressos científicos supõem um trabalho minucioso de atualização do tema em questão" (Asti Vera, 1979:164).

A comunicação não necessita de abundância de aspectos analíticos; basta que a experiência, as idéias ou a teoria sejam bem fundamentadas.

O texto das comunicações, ao contrário das teses científicas, não permite ao leitor reproduzir as experiências e obter os mesmos resultados, verificar os resultados da análise ou julgar as conclusões do autor, embora contribua com uma ou várias informações ou abordagens novas.

3.1.2 Aspectos da Comunicação

A comunicação científica deve levar em consideração os seguintes aspectos:

3.1.2.1 FINALIDADE

"Comunicar a outras pessoas os frutos de seu saber, de seu aprendizado, de sua atividade" (Galliano, 1979:50). Levar as pessoas a pensarem, fazendo-as perceber as coisas familiares de modo diferente, valendo-se de argumentos para influenciar as mentes dos ouvintes.

3.1.2.2 INFORMAÇÕES

Apresentação de determinados temas ou problemas originais, criativos a leitores ou ouvintes em geral ou especializados. Divulgação dos últimos resultados das pesquisas científicas, do desenvolvimento das ciências. Depende do que se quer comunicar, para quem e onde.

3.1.2.3 ESTRUTURA

Disposição do informe de acordo com os padrões internacionais estabelecidos para trabalhos científicos. Os assuntos podem divergir quanto ao conteúdo, ao material, mas não em relação ao aspecto formal.

A estrutura da comunicação abrange três partes:

a) **Introdução** – formulação clara e simples do tema. Apresentação sintética do problema e ligeira referência a trabalhos anteriores. Inclui ainda: justificativa, objetivos, metodologia, delimitação, ângulo de abordagem e exposição precisa da idéia central.

b) **Desenvolvimento** – texto ou corpo do trabalho. Apresentação das informações e argumentos de forma detalhada. Consiste na fundamentação lógica do trabalho e tem por objetivo expor e demonstrar as principais idéias.

A subdivisão do corpo da comunicação em itens e subitens permite ao leitor ou ouvinte melhor compreensão. É importante conservar certo equilíbrio entre as frases, ou seja, longas intercaladas de curtas, para evitar o cansaço e favorecer a assimilação.

c) **Conclusão** – síntese completa dos resultados da pesquisa ou resumo das principais informações ou argumentos.

3.1.2.4 LINGUAGEM

A comunicação, como outro qualquer trabalho científico, exige rigor no uso da linguagem.

O significado das palavras empregadas no texto deve ser claro, preciso, não deixando margem a dúvidas. As divergências relativas a palavras ou expressões com significados diferentes em algumas teorias ou áreas científicas devem ser esclarecidas a fim de evitar erros de interpretação. É, pois, de suma importância a definição de alguns termos, dando a eles seu exato significado. Deve-se ter o máximo cuidado com a ambigüidade das palavras. Para evitá-las, aconselha Rúdio (1978:23): "procura-se, na ciência, fazer a comunicação na base dos significados e dos referentes e não apenas da própria palavra".

O processo de comunicação só é eficaz na medida em que ajuda o leitor ou ouvinte a entender o que leu ou ouviu, a compreender aquilo que se deseja transmitir.

Requisitos básicos próprios da divulgação científica, segundo Salomon (1972:172-174):

a) "conhecimento suficiente;
b) exatidão na exposição;
c) adaptabilidade;
d) linguagem acessível".

A ciência, de modo geral, vale-se das palavras quando deseja revelar um pensamento ou apresentar algum aspecto da realidade. Utiliza-as, portanto, não só para a elaboração do pensamento mas também para a comunicação.

3.1.2.5 ABORDAGEM

Maneira pela qual o estudioso interpreta uma situação. Posição tomada em face de determinada situação.

3.1.3 Tipos de Comunicação

Salvador (1980:23) apresenta os seguintes tipos de comunicações:

a) Estudos breves – sobre algum aspecto da ciência.
b) Sugestões – para solução de problemas.
c) Textos de filósofos – para esclarecer uma questão.
d) Apreciação – interpretação ou correção de textos ou obras.
e) Fixação do enfoque – para colocação de questões.
f) Recensão particular de um livro – abordagem nova.
g) Crônicas inéditas de congressos.

3.1.4 Estrutura da Comunicação

O preparo da comunicação científica escrita requer a elaboração de um plano de trabalho, que deve apresentar as seguintes partes:

a) *Folha de rosto*
   - designação do congresso, simpósio etc.
   - local de realização
   - data do evento
   - patrocinador(es)
   - título do trabalho
   - nome do autor
   - credenciais do autor (cargos)

b) *Sinopse*

Resumo analítico do trabalho redigido pelo próprio autor ou editor e publicado ao mesmo tempo que o trabalho. Pode ser colocado entre o título e o texto ou ao final da publicação. Deve ser escrito em português, inglês ou outra língua de difusão internacional.

"É mera apresentação condensada do texto de uma publicação ou suas principais idéias, sem emissão de juízo de valor" (Salvador, 1980:16).

A redação da sinopse deve:

- facilitar a consulta do periódico que as publicou e tornar o trabalho do mesmo menos oneroso e mais rápido;
- conter, de forma sucinta, os fatos encontrados no trabalho e suas conclusões, sem emitir juízo de valor;
- dar ao leitor uma visão global do conteúdo;

- indicar a maneira como o tema foi abordado;
- apontar os fatos novos e as conclusões tiradas;
- ser o mais concisa possível.

c) *Conteúdo*
- Introdução
- Texto (Desenvolvimento)
- Conclusão ou Recomendações

d) *Referência Bibliográfica*

3.1.5 Elaboração da Comunicação

Todo trabalho científico requer a elaboração de um plano; sendo assim, a comunicação escrita não pode fugir à regra.

Se a comunicação consistir apenas em uma informação ou resumo de obra, a rigor, não necessita do plano, mas, em se tratando de uma comunicação original, inédita, ele é indispensável.

A escolha do tema, se for livre, deve recair sobre algo ao alcance do interessado, evitando-se assuntos ambiciosos, complexos ou extensos demais. Convém planejar o tempo para a pesquisa documental, bibliográfica ou de campo – delimitando o objeto, o campo e o nível de investigação.

De posse do material, estabelecida a seqüência do assunto dá-se início à redação, provisória, de forma clara, mas abrangendo a totalidade do seu problema.

3.1.6 Estágios da Comunicação

A comunicação obedece a três estágios ou fases.

a) **Preparação** – familiaridade e domínio do que se pretende comunicar. O autor deve estar apto, portanto, para responder às perguntas que poderão ser formuladas.

b) **Apresentação** – ler com clareza o que está escrito. Imprimir velocidade razoável à leitura, tentando prender a atenção dos ouvintes. Dar ênfase às palavras-chave.

c) **Argüição** – prestar bastante atenção às questões formuladas, para respondê-las adequadamente. Se não souber a resposta, seja sincero: reconheça a falta de conhecimento preciso. Entretanto, pode-se sugerir uma resposta.

3.1.7 Apresentação Formal

As comunicações feitas em congressos, simpósios e outros eventos científicos têm caráter formal. A mesa, geralmente, é constituída por um presidente, um secretário e um orador. O tempo da exposição é estabelecido com antecedência, assim como o da argüição, que pode ser feita por escrito ou oralmente. Se as questões forem orais, devem ser anotadas pelo orador para não haver engano de resposta. Quando escritas, se surgirem muitas, envolvendo o mesmo assunto, o presidente da mesa pode agrupá-las, facilitando ao consumidor a sua resposta.

3.1.8 Exemplo de Comunicação

O ARTESANATO MASCULINO NA REGIÃO DE FRANCA - M.A. Marconi

Instituto de História e Serviço Social – Campus de Franca – UNESP

O objetivo do presente trabalho foi o de estudar o artesanato masculino na região de Franca (10 cidades), a fim de obter uma visão global e atual dos diferentes artesãos e suas produções e verificar se o mesmo se constitui em uma atividade tradicional, suprindo a demanda existente na região ou se se configura como solução de emergência para a elevada taxa de desemprego. Trata-se de pesquisa de campo, realizada no período 1980/1981. Para a coleta de dados foram utilizados formulários, entrevistas e histórias da vida. Há três categorias de artesãos: a) Aqueles que vivem somente do artesanato, portanto, sendo o mesmo sua ocupação principal; b) Os que exercem outras atividades mas se dedicam ao artesanato nas horas de folga (ocupação secundária); c) Os aposentados. Os dois últimos lançam mão dessa atividade para complementar seu ordenado. O artesanato ainda tem sido, nesta região, opção para suprir a falta de emprego, principalmente para os migrantes da zona rural. A procura de peças é razoável, tanto por parte de donas de casa quanto por pessoas ligadas ao campo. A maioria dos artesãos não transmite (nem o deseja) seus conhecimentos aos filhos. Algumas peças, em razão de menor procura, não são mais confeccionadas, havendo tendência à especialização. A idade dos artesãos concentra-se na faixa etária acima dos 50 anos. A região permite, com facilidade, a obtenção do material utilizado.

ANAIS da XXIV Reunião Anual da SBPC. Campinas, 07-14.07.82. B. Arqueologia e Antropologia. p. 583.

3.2 ARTIGOS CIENTÍFICOS

Os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de um livro.

Apresentam o resultado de estudos ou pesquisas e distinguem-se dos diferentes tipos de trabalhos científicos pela sua reduzida dimensão e conteúdo.

São publicados em revistas ou periódicos especializados e formam a seção principal deles.

Concluído um trabalho de pesquisa – documental, bibliográfica ou de campo – para que os resultados sejam conhecidos, faz-se necessária a sua publicação. Esse tipo de trabalho proporciona não só a ampliação de conhecimentos como também a compreensão de certas questões.

Os artigos científicos, por serem completos, permitem ao leitor, mediante a descrição da metodologia empregada, do processamento utilizado e resultados obtidos, repetir a experiência.

3.2.1 Estrutura do Artigo

O artigo científico tem a mesma estrutura orgânica exigida para trabalhos científicos. Apresenta as seguintes partes:

3.2.1.1 PRELIMINARES

a) Cabeçalho – título (e subtítulo) do trabalho.
b) Autor(es).
c) Credenciais do(s) autor(es)
d) Local de atividades.

3.2.1.2 SINOPSE (ver 3.1.4b)

3.2.1.3 CORPO DO ARTIGO

a) *Introdução* – apresentação do assunto, objetivo, metodologia, limitações e proposição
b) *Texto* – exposição, explicação e demonstração do material; avaliação dos resultados e comparação com obras anteriores.
c) *Comentários e Conclusões* – dedução lógica, baseada e fundamentada no texto, de forma resumida.

3.2.1.4 PARTE REFERENCIAL

a) Bibliografia.
b) Apêndices ou anexos (quando houver necessidade).
c) Agradecimentos.

d) Data (importante para salvaguardar a responsabilidade de quem escreve um artigo científico, em face da rápida evolução da ciência e da tecnologia e demora de certas editoras na publicação de trabalhos).

A divisão do Corpo do Artigo pode sofrer alterações, de acordo com o texto, e ser subdividido em mais itens. Por exemplo:

a) Introdução.
b) Material e Método.
c) Resultados.
d) Discussão.
e) Conclusões.

Todavia, não convém que os artigos sejam muito subdivididos, para que o leitor não perca a seqüência. Quando necessário, a divisão deve obedecer a uma ordem lógica, em que cada parte forme um todo e tenha um título adequado.

3.2.2 Conteúdo do Artigo Científico

O conteúdo pode abranger os mais variados aspectos e, em geral, apresenta temas ou abordagens novas, atuais, diferentes. Pode:

a) versar sobre um estudo pessoal, uma descoberta, ou dar um enfoque contrário ao já conhecido;
b) oferecer soluções para questões controvertidas;
c) levar ao conhecimento do público intelectual ou especializado no assunto idéias novas, para sondagem de opiniões ou atualização de informes;
d) abordar aspectos secundários, levantados em alguma pesquisa, mas que não seriam utilizados na mesma.

O estabelecimento de um esquema para expor de maneira lógica, sistemática, os diferentes itens do assunto, evita repetições ou omissões ao longo da dissertação.

O público a que se destina o artigo também deve ser levado em consideração; isto pode ser mais ou menos previsto, conhecendo-se de antemão a natureza da revista: científica, didática, de divulgação.

3.2.3 Tipos de Artigos Científicos

Quanto à análise do conteúdo, os artigos podem ser de três tipos: argumento teórico, artigo de análise e artigo classificatório.

3.2.3.1 ARGUMENTO TEÓRICO

Tipo de artigo que apresenta argumentos favoráveis ou contrários a uma opinião. Inicialmente, enfoca-se um dado argumento e depois os fatos que possam prová-lo ou refutá-lo. O desenrolar da argumentação leva a uma tomada de posição.

Essa forma de trabalho requer pesquisa profunda e intensa a fim de coletar dados válidos e suficientes. É uma forma de documentação difícil, sendo empregada, geralmente, por especialistas experientes.

A. *Roteiro*

a) Exposição da teoria.
b) Fatos apresentados.
c) Síntese dos fatos.
d) Conclusão.

3.2.3.2 ARTIGO DE ANÁLISE

Nesse tipo de artigo, o autor faz análise de cada elemento constitutivo do assunto e sua relação com o todo. "O técnico ou cientista procura descobrir e provar a verdadeira natureza do assunto e das relações entre suas partes" Siqueira, 1969:81).

A análise engloba: descrição, classificação e definição do assunto, tendo em vista a estrutura, a forma, o objetivo e a finalidade do tema. Entra em detalhes e apresenta exemplos.

Não é muito comum, na literatura moderna, encontrar-se um artigo totalmente analítico.

A. *Roteiro*

a) Definição do assunto.
b) Aspectos principais e secundários.
c) As partes.
d) Relações existentes.

3.2.3.3 CLASSIFICATÓRIO

O autor, nesse caso, procura classificar os aspectos de um determinado assunto e explicar suas partes. Primeiramente, faz-se a divisão do tema em forma tabular, ou seja, em classes, com suas características principais. Depois apresenta: definição, descrição objetiva e análise.

Dentre as formas de documentação técnica é a mais útil.

A. *Roteiro*

a) Definição do assunto.
b) Explicação da divisão.
c) Tabulação dos tipos.
d) Definição de cada espécie.

3.2.4 Motivação

Várias oportunidades podem ser motivo para a redação de um artigo científico. Por exemplo, quando:

a) certos aspectos de um assunto não foram estudados ou o foram superficialmente; ou ainda, se já tratados amplamente por outros, novos estudos e pesquisas permitem encontrar uma solução diferente;
b) uma questão antiga, conhecida, pode ser exposta de maneira nova;
c) os resultados de uma pesquisa ainda não se constituem em material suficiente para a elaboração de um livro;
d) ao se realizar um trabalho, surgem questões secundárias que não serão aproveitadas na obra;
e) o surgimento de um erro ou de assuntos controvertidos permite refutar, convenientemente, o erro ou resolver de modo satisfatório a controvérsia.

3.2.5 Estilo

O estilo deve ser claro, conciso, objetivo; a linguagem correta, precisa, coerente e simples. Adjetivos supérfluos, rodeios e repetições ou explicações inúteis devem ser evitadas, assim como a forma excessivamente compacta, que pode prejudicar a compreensão do texto.

O título também merece atenção: precisa corresponder, de maneira adequada, ao conteúdo.

3.2.6 Avaliação

Várias questões podem ser utilizadas na avaliação do trabalho científico, principalmente comunicação e artigos científicos.

Salomon (1972:175) propõe os seguintes requisitos:

"a) conhecimento suficiente do assunto:
b) exatidão na exposição e referência fiel às fontes;
c) adaptabilidade;
d) linguagem acessível ao promédio do público;
e) divulgação e não vulgarização".

Barrass (1979:166) apresenta um rol de questãos para a avaliação do trabalho científico. Entre elas figuram os termos:

a) adequado, original, inédito, completo, imparcial;
b) claro, conciso, preciso, coerente, objetivo;
c) equilíbrio, unidade, honestidade e exatidão.

Devem-se avaliar também a metodologia, as conclusões e a parte referencial, e verificar se a contribuição tem realmente algum valor.

3.3 INFORME CIENTÍFICO

O informe científico é um tipo de relato escrito que divulga os resultados parciais ou totais de uma pesquisa, as descobertas realizadas ou os primeiros resultados de uma investigação em curso.

É o mais sucinto dos trabalhos científicos e se restringe à descrição de resultados obtidos através da pesquisa de campo, de laboratório ou documental.

O informe consiste, pois, no relato das atividades de pesquisa desenvolvida, e é imprescindível que seja compreendido e aproveitado. Deve estar redigido de maneira que a comprovação dos procedimentos, técnicas e resultados obtidos, ou seja, a experiência realizada, possa ser repetida pelo principiante que se interesse pela investigação.

3.4 RESENHA CRÍTICA

3.4.1 Conceito e Finalidade

Resenha crítica é uma descrição minuciosa que compreende certo número de fatos: é a apresentação do conteúdo de uma obra. Consiste na leitura, no resumo, na crítica e na formulação de um conceito de valor do livro feitos pelo resenhista.

A resenha, em geral, é elaborada por um cientista que, além do conhecimento sobre o assunto, tem capacidade de juízo crítico. Também pode ser realizada por estudantes; nesse caso, como um exercício de compreensão e crítica.

A finalidade de uma resenha é informar o leitor, de maneira objetiva e cortês, sobre o assunto tratado no livro, evidenciando a contribuição do autor: novas abordagens, novos conhecimentos, novas teorias. A resenha visa, portanto, a apresentar uma síntese das idéias fundamentais da obra.

O resenhista deve resumir o assunto e apontar as falhas e os erros de informação encontrados, sem entrar em muitos pormenores e, ao mesmo tempo, tecer elogios aos méritos da obra, desde que sinceros e ponderados.

Entretanto, mesmo que o resenhista tenha competência na matéria, isso não lhe dá o direito de fazer juízo de valor ou deturpar o pensamento do autor.

O resenhista não deve "tentar dizer que poderia ter produzido obra melhor; não deve procurar ressaltar suas próprias qualidades às custas de quem escreveu o livro comentado; e não há lugar, numa resenha científica, para perguntas retóricas ou para sarcasmos" (Barrass, 1979: 139).

3.4.2 Requisitos Básicos

Para a elaboração de uma resenha crítica são necessários alguns requisitos básicos; Salvador (1979:139) aponta:

"a) conhecimento completo da obra;
b) competência na matéria;
c) capacidade de juízo de valor;
d) independência de juízo;
e) correção e urbanidade;
f) fidelidade ao pensamento do autor".

3.4.3 Importância da Resenha

Ante a explosão da literatura técnica e científica e a exigüidade de tempo do trabalho intelectual, sem condições de ler tudo o que aparece sobre o campo de seu interesse, o recurso é voltar-se para a resenha. A resenha crítica foi uma das formas encontradas para solucionar esse problema que afligia os cientistas de modo geral.

No campo da comunicação técnica e científica, a resenha é de grande utilidade, porque facilita o trabalho do profissional ao trazer um breve comentário sobre a obra e uma avaliação da mesma. A informação dada ajuda na decisão da leitura ou não do livro.

A resenha, segundo Barrass (1979:139), deve responder a uma série de questões. Entre elas figuram:

a) assunto, características, abordagens;
b) conhecimentos anteriores, direcionamento;
c) acessível, interessante, agradável:
d) útil, comparável;
e) disposição correta, ilustrações adequadas.

3.4.4 Estrutura da Resenha

Mesmo não fazendo parte dos trabalhos científicos de primeiro nível, a resenha crítica apresenta a estrutura descrita abaixo.

1. *Referência Bibliográfica*

   Autor(es)
   Título (subtítulo)
   Imprensa (local da edição, editora, data)
   Número de páginas
   Ilustrações (tabelas, gráficos, fotos etc.)

2. *Credenciais do Autor*

   Informações gerais sobre o autor
   Autoridade no campo científico
   Quem fez o estudo?
   Quando? Por quê? Onde?

3) *Conhecimento*

   Resumo detalhado das idéias principais
   De que trata a obra? O que diz?
   Possui alguma característica especial?
   Como foi abordado o assunto?
   Exige conhecimentos prévios para entendê-lo?

4) *Conclusão do Autor*

   O autor faz conclusões? (ou não?)
   Onde foram colocadas? (final do livro ou dos capítulos?)
   Quais foram?

5) *Quadro de Referências do Autor*

   Modelo teórico
   Que teoria serviu de embasamento?
   Qual o método utilizado?

6) *Apreciação*

a) Julgamento da obra:
Como se situa o autor em relação:
- às escolas ou correntes científicas, filosóficas, culturais?
- às circunstâncias culturais, sociais, econômicas, históricas etc.?

b) Mérito da obra:
Qual a contribuição dada?
Idéias verdadeiras, originais, criativas?
Conhecimentos novos, amplos, abordagem diferente?

c) Estilo:
Conciso, objetivo, simples?
Claro, preciso, coerente?
Linguagem correta?
Ou o contrário?

d) Forma:
Lógica, sistematizada?
Há originalidade e equilíbrio na disposição das partes?

e) Indicação da Obra:
A quem é dirigida: grande público, especialistas, estudantes?

3.4.5 Modelo de Resenha

Seguindo a estrutura que se espera de uma resenha crítica, o Prof. Antonio Rubbo Müller, diretor da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, instituição complementar da Universidade de São Paulo, criou um modelo simplificado que apresenta todas as partes necessárias para a perfeita compreensão do texto resenhado. Divide-se em nove itens, assim relacionados:

I) OBRA
a) Autoria (autor ou autores)
b) Título (incluindo o subtítulo, se houver)
c) Comunidade onde foi publicada
d) Firma publicadora
e) Ano de publicação
f) Edição (a partir da segunda)
g) Número de páginas ou de volumes
h) Ilustrações (tabelas, gráficos, desenhos etc.)
i) Formato (em cm)
j) Preço

II) CREDENCIAIS DA AUTORIA
a) nacionalidade
b) formação universitária ou especializada
c) títulos
d) cargos exercidos
e) outras obras

III) CONCLUSÕES DA AUTORIA

a) quer separadas no final da obra, quer apresentadas no final dos capítulos, devem ser sintetizadas as principais conclusões a que o autor da obra resenhada chegou em seu trabalho

b) caso não se apresentem separadas do corpo da obra, o resenhista, analisando o trabalho, deve indicar os principais resultados obtidos pelo autor.

IV) DIGESTO

a) resumo das principais idéias expressas pelo autor
b) descrição sintetizada do conteúdo dos capítulos ou partes em que se divide a obra

V) METODOLOGIA DA AUTORIA

a) método de abordagem (indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo, dialético)
b) método de procedimento (histórico, comparativo, monográfico, estatístico, tipológico, funcionalista, estruturalista, etnográfico etc.)
c) modalidade empregada (geral, específica, intensiva, extensiva, técnica, não técnica, descritiva, analítica etc.)
d) técnicas utilizadas (observação, entrevista, formulários, questionários, escolas de atitudes e de opinião etc.)

VI) QUADRO DE REFERÊNCIA DA AUTORIA

a) corrente de pensamento em que se filia (evolucionismo, materialismo histórico, historicismo, funcionalismo etc.)
b) modelo teórico (teoria da ação social, teoria sistêmica, teoria da dinâmica cultural etc.)

VII) QUADRO DE REFERÊNCIA DO RESENHISTA

O resenhista pode aceitar e utilizar, na análise da obra, o quadro de referência empregado pelo autor ou, ao contrário, pela sua formação científica, possuir outro. É necessária a explicitação do quadro de referência do resenhista, pois o mesmo terá influência decisiva tanto na seleção dos tópicos e partes que considera mais importantes para a análise quanto na elaboração da crítica que se segue.

VIII) CRÍTICA DO RESENHISTA

a) julgamento da obra do ponto de vista metodológico:
   - coerência entre a posição central e a explicação, discussão e demonstração
   - adequado emprego de métodos e técnicas específicas
b) mérito da obra:
   - originalidade
   - contribuição para o desenvolvimento da ciência, quer por apresentar novas idéias e/ou resultados, quer por utilizar abordagem diferente
c) estilo empregado

IX) INDICAÇÕES DO RESENHISTA

a) a quem é dirigida (especialistas, estudantes, leitores em geral)
b) fornece subsídios para o estudo de que disciplina(s)?
c) pode ser adotado em que tipo de curso?

3.4.6 Exemplo de Resenha

I) OBRA

PEREIRA, João Baptista Borges. *Cor, profissão e mobilidade:* o negro e o rádio de São Paulo. São Paulo: Pioneira, EDUSP, 1967. 285 p. il. 21 cm x 13,6 cm. Cr$ 1.585,00.

II) CREDENCIAIS DA AUTORIA

João Baptista Borges Pereira é brasileiro. Graduou-se em Ciências Sociais pela USP. Obteve o grau de mestre na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo; doutorou-se pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; é livre-docente pela mesma faculdade.

Exerceu o magistério em todos os níveis de ensino, tendo sido diretor em ginásios no interior do Estado de São Paulo. Durante quatro anos foi responsável pela cadeira de Antropologia e Etnografia Geral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente e, posteriormente, foi assistente da cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sendo atualmente titular de Antropologia e chefe do Departamento de Ciências Sociais.

Publicou as seguintes obras: *Italianos no Mundo Rural Paulista* e *A Escola Secundária numa Sociedade em Mudança.*

III) CONCLUSÕES DA AUTORIA

O meio radiofônico representa uma área de excepcional aproveitamento profissional do negro e do mulato, embora existam algumas resistências, manifestas ou não, à ampliação das atividades desses elementos humanos nesse meio e no campo ocupacional adjacente. Esse aproveitamento é excepcional sobretudo no que se refere às possibilidades de acesso do homem de cor a inéditas e variadas oportunidades existentes em nossa sociedade para os que se dedicam à profissão de radialista.

No todo da sociedade brasileira, o negro enfrenta dois estágios de barreiras à sua ascensão: o primeiro representado por fatores sociais e educacionais, resultantes do fato de pertencer o negro, geralmente, às camadas sociais mais baixas da população; o segundo estágio, que se refere ao problema racial propriamente dito, atinge apenas aqueles indivíduos que obtiveram condições profissionais de competir em áreas mais destacadas da atividade profissional, e que são uma minoria.

O primeiro passo na marcha-ascensional da carreira do radialista negro refere-se ao fator econômico. Ao obter uma remuneração melhor, ele procura adquirir bens de consumo e símbolos de "status", tais como: uma moradia melhor do que a que possuía anteriormente, eletrodomésticos, roupas etc. Num segundo momento vem a preocupação com a instrução dos filhos, pois ele acredita que o problema do negro na sociedade brasileira seja, sobretudo, um problema de falta de instrução. Vem a seguir o lazer, em especial as viagens de férias. A poupança não foi detectada como um fator marcante nas aspirações e práticas do grupo estudado.

Estas conquistas são resultados que o homem de cor obteria com outras profissões, caso lhe fosse possível alcançar nelas o mesmo nível de rendimento econômico.

Como resultados diretos de sua atividade de radialista, o negro obtém popularidade e destaque, bem como a possibiiidade de viajar, algumas vezes até para o exterior.

Por outro lado, se no plano profissional ele recebe dos colegas um tratamento de igualdade e cordialidade, esse relacionamento não se estende para fora do ambiente profissional.

A profissão de radialista é alvo de estereótipos negativos quanto à moralidade. Desta maneira, o negro radialista é duplamente atingido pelos estereótipos: por ser negro e por ser radialista.

Finalizando, verifica-se que, nos primeiros estágios de sua carreira, o negro radialista vive a euforia dos bens materiais obtidos, e somente num estágio posterior ele descobre que essa ascensão econômica não corresponde a uma equivalente ascensão social.

IV) DIGESTO

Depois da Primeira Grande Guerra Mundial inicia-se no Brasil o processo de industrialização. E ao Brasil rural, cuja sociedade se divide em estamentos, contrapõe-se um Brasil urbano, cuja sociedade é de classes.

Além do crescimento natural, as populações aumentam também em resultado das migrações internas, que começam a existir e, sobretudo, devido à migração estrangeira modificam o panorama étnico brasileiro. Modifica-se a pirâmide social, e as Revoluções de 22, 24 e 30 atestam tal fato. O operariado aumenta em proporção superior à da população, a publicidade começa a entrar em cena como estimuladora do consumo.

Como conseqüência dessas mudanças, a estrutura ocupacional se amplia e diversifica, abrindo novas oportunidades de trabalho remunerado e fazendo surgir novas profissões. Cor, nacionalidade, posição de família, fortuna e grau de escolaridade passam a ser fatores de posicionamento dos indivíduos nos novos grupos sociais.

É dentro desse quadro de efervescência que surge e se desenvolve a radiodifusão.

O rádio surgiu no Brasil com uma proposta educacional. Posteriormente, a realidade de seus altos custos obrigaram que se recorresse à publicidade como fonte de receita. Por outro lado, o desenvolvimento industrial fazia necessária a procura de novas mídias, e o rádio oferecia-se como adequado para tal.

Três grupos, externos ao rádio mas a ele ligados, exercem influência sobre seus rumos: os anunciantes, os publicitários e o público. O anunciante pode tentar influir no padrão da emissora, pois é de seu interesse que a emissora obtenha boa audiência. O publicitário atua como intermediário entre a emissora e o anunciante. O público atua de várias maneiras, de acordo com seu grau de interesse e participação. A maioria só influi na programação numericamente, detectada através de pesquisas de audiência. Uma pequena parcela participa através de cartas e telefonemas e outra, ainda menor, comparece aos auditórios. Por fim, existem os calouros e fãs-clubes.

O rádio, como estrutura empresarial, divide-se em três setores: administrativo, técnico e programático, sendo que, nesse último, a hierarquia não segue os padrões formais, inexistindo a correspondência entre cargo e poder. Também é nesse setor que aparecem oportunidades profissionais para aqueles que não têm escolaridade nem formação técnica.

O Censo de 1950 acusava 37,5% da população brasileira como sendo de cor, 11,2% no Estado de São Paulo e 10,2% da população do município de São Paulo. Para os indivíduos de cor, a integração no sistema sócio-econômico é difícil, sendo as posições de maior destaque e melhor remuneração obtidas mais facilmente pelos brancos. Contudo, no setor programático do rádio, em especial como cantor popular, o negro encontra possibilidade de participação e ascensão.

Também a freqüência a programas de calouros é importante. Alguns indivíduos a vêem como possibilidade de entrar para o meio radiofônico como profissionais, embora, na realidade, a porcentagem de aproveitamento desses elementos seja inexpressiva. Outros, mesmo conscientes dessa impossibilidade, apresentam-se como calouros para obter uma compensação da sua realidade cotidiana, que lhe é oferecida pelo contato com pessoas famosas e por uma notoriedade momentânea quando se apresenta no programa e é visto e aplaudido.

Entre as dificuldades que o negro encontra para penetrar no rádio, poucos entrevistados se referem à cor como fator de influência. Atribuem essa dificuldade à falta de instrução, falta de "padrinho" e falta de talento. Tanto entre profissionais como entre os calouros, o tema *cor* é um tabu, existindo pouca consciência dos problemas raciais. Os negros que obtêm sucesso servem como mitos e incentivos aos que o buscam.

A partir da década de 20 surge no meio musical brasileiro uma procura das raízes nacionais em contraposição aos valores europeus. Nesse contexto, a música negra obtém aceitação e destaque. A expansão do rádio colaborou para a difusão da música urbana, permitindo maior destaque para a música de origem negra divulgada através do rádio. A revalorização da música e de todo o complexo cultural a ela ligado trouxe consigo a valorização do elemento humano identificado com ela: o negro.

V) METODOLOGIA DA AUTORIA

O autor utiliza o método indutivo, recorrendo aos procedimentos analíticos e interpretativos fornecidos pela Sociologia e Antropologia Cultural. Estruturalismo e funcionalismo foram adotados como um ponto de vista metodológico predominante, tendo recorrido a outras formas de exame dos problemas quando necessário. A modalidade é específica, intensiva, técnica e analítica. Para a coleta de dados foram utilizadas as seguintes técnicas: entrevistas formais e informais, história de vida, observação participante e, como recurso secundário, questionários.

VI) QUADRO DE REFERÊNCIA DA AUTORIA

O autor adota, neste trabalho, a teoria estrutural-funcionalista e se filia à escola sociológica de São Paulo (Octávio Ianni, Florestan Fernandes) da mesma forma que sofre a influência da linha inglesa da Antropologia Social (Radcliff-Brown).

VII) QUADRO DE REFERÊNCIA DO RESENHISTA

O resenhista utiliza como quadro de referência a Sociologia Analítica, especificamente os conceitos desenvolvidos por Pitirim A. Sorokin.

VIII) CRÍTICA DO RESENHISTA

Trata-se de obra de cuidadoso rigor metodológico, que explora e conclui sobre os problemas que se propõe a estudar, sem desvios ou distorções. Utiliza várias técnicas de coleta de dados, obtendo assim maior riqueza de informações.

É uma obra original e valiosa porque aborda um dos tabus da sociedade brasileira: o preconceito racial e a situação do negro.

Apresentados num estilo simples e claro, os resultados e a análise destes permitem, inclusive, extrapolações para outros campos de atividade que não o rádio, logicamente se respeitadas as peculiaridades de cada atividade.

IX) INDICAÇÕES DO RESENHISTA

Esta obra apresenta especial interesse para estudantes e pesquisadores de Sociologia, Antropologia, Etnografia e Comunicação Social. Pode ser utilizada tanto a nível de graduação como de pós-graduação, pois apresenta linguagem simples, sendo também útil como modelo, do ponto de vista metodológico.

LITERATURA RECOMENDADA

ASTI VERA, Armando. *Metodologia da pesquisa científica.* Porto Alegre: Globo, 1979. Terceira Parte.

BARRASS, Robert. *Os cientistas precisam escrever:* guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979. Capítulo 13.

CERVO, Amado Luis, BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. Capítulo 5.

FONSECA, Edson Nery. *Problemas de comunicação da informação científica.* São Paulo: Thesaurus, 1973. p. 20-60.

GAGLIANO, A. Guilherme. *O método científico:* teoria e prática. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979. Capítulos 9 e 10 e Apêndice.

MORAL, Ireno Gonzalez *Metodologia*. Santander: Sal Terrae, 1955. Capítulo 14.

PARDINHAS, Felipe. *Metodologia y técnicas de investigación en ciencias sociales:* introdução elemental. 17. ed. México: Siglo Veintiuno, 1977. Capítulo I.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978. Capítulo 2.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia:* elementos de metodologia do trabalho científico. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1972. Segunda Parte, Capítulo 3.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica:* elaboração de trabalhos científicos. Porto Alegre: Sulina, 1980. Introdução.

SIQUEIRA, L. Mesquita. *Pesquisa bibliográfica em tecnologia*. São José dos Campos: ITA, 1969. (Mimeografado) Capítulos 11 e 14.

4

PROJETO E RELATÓRIO DE PESQUISA

4.1 NOÇÕES PRELIMINARES

O projeto é uma das etapas componentes do processo de elaboração, execução e apresentação da pesquisa. Esta necessita ser planejada com extremo rigor, caso contrário o investigador, em determinada altura, encontrar-se-á perdido num emaranhado de dados colhidos, sem saber como dispor dos mesmos ou até desconhecendo seu significado e importância.

Em uma pesquisa, nada se faz ao acaso. Desde a escolha do tema, fixação dos objetivos, determinação da metodologia, coleta dos dados, sua análise e interpretação para a elaboração do relatório final, tudo é previsto no projeto de pesquisa. Este, portanto, deve responder às clássicas questões: o quê? por quê? para quê e para quem? onde? como, com quê, quanto e quando? quem? com quanto?

Entretanto, antes de redigir um projeto de pesquisa, alguns passos devem ser dados. Em primeiro lugar, exigem-se *estudos preliminares* que permitirão verificar o estado da questão que se pretende desenvolver sob o aspecto teórico e de outros estudos e pesquisas já elaborados. Tal esforço não será desperdiçado, pois qualquer tema de pesquisa necessita de adequada integração na teoria existente e a análise do material já disponível será incluída no projeto sob o título de "revisão da bibliografia". A seguir, elabora-se um *anteprojeto* de pesquisa, cuja finalidade é a integração dos diferentes elementos em quadros teóricos e aspectos metodológicos adequados, permitindo também ampliar e especificar os quesitos do projeto, a "definição dos termos". Finalmente, prepara-se o *projeto definitivo,* mais detalhado e apresentando rigor e precisão metodológicos.

4.2 ESTRUTURA DO PROJETO

A) Apresentação (*quem?*)

a) Capa
- entidade
- título (e subtítulo, se houver)

- coordenador(es)
- local e data

b) Relação do Pessoal Técnico
- entidade (nome, endereço, telefone)
- coordenador(es) (nome, endereço, telefone)
- pessoal técnico (cargo, endereço, telefone)

B) Objetivo (*para quê? para quem?*)

a) Tema
b) Delimitação do Tema
- especificação
- limitação geográfica e temporal

c) Objetivo Geral
d) Objetivos Específicos

C) Justificativa (*por quê?*)

D) Objeto (*o quê?*)

a) Problema
b) Hipótese Básica
c) Hipóteses Secundárias
d) Variáveis
e) Relação entre Variáveis

E) Metodologia (*como? com quê? onde? quanto?*)

a) Método de Abordagem
b) Métodos de Procedimento
c) Técnicas
- descrição
- como será aplicado
- codificação e tabulação

d) Delimitação do Universo (descrição da população)
e) Tipo de Amostragem
- caracterização
- seleção

f) Tratamento Estatístico
- modelo de experimento
- nível de significância
- variáveis controladas
- medidas
- testes de hipóteses

F) Embasamento Teórico (*como?*)

a) Teoria de Base
b) Revisão da Bibliografia
c) Definição dos Termos
d) Conceitos Operacionais e Indicadores

G) Cronograma (*quando?*)

H) Orçamento (*com quanto?*)

I) Instrumento(s) de Pesquisa (*como?*)

J) Bibliografia

4.2.1 Apresentação

A apresentação do projeto de pesquisa, respondendo à questão *quem?*, inicia-se com a capa, onde são indicados os elementos essenciais à compreensão do estudo que se pretende realizar, sob os auspícios de quem ou para quem e ao conhecimento do responsável pelo trabalho. O nome da entidade (instituição, organização, empresa, escola) pode corresponder àquela à qual está de algum modo ligado o coordenador e que oferece a pesquisa para ser financiada ou "comprada" por pessoa(s) e/ou entidades, ou a que custeia a realização da mesma.

O título, acompanhado ou não por subtítulo, difere do tema. Enquanto este último sofre um processo de delimitação e especificação, para torná-lo viável à realização da pesquisa, o título sintetiza o conteúdo da mesma.

Portanto, o título de uma pesquisa não corresponde ao *tema*, nem à *delimitação do tema*, mas emana dos *objetivos geral e específicos*, quase como uma "síntese" dos mesmos. Pode comportar um subtítulo: neste caso, o título será mais abrangente, ficando a caracterização para o subtítulo.

Toda pesquisa deve ter um responsável, que se denomina coordenador. Em raros casos, mais de uma pessoa partilha essa posição. O nome do coordenador deve vir em destaque, e freqüentemente é o único que aparece, seguido da indicação "coord.", quando uma pesquisa já realizada é publicada. Portanto, seu âmbito de responsabilidade é muito amplo.

O local independe daquele em que se pretende coletar os dados. Refere-se à cidade em que se encontra sediada a entidade ou a equipe de pesquisa, tendo precedência sobre a mesma o coordenador. A data refere-se apenas ao ano em que o projeto é apresentado; é supérflua a indicação do mês.

A primeira página do projeto é dedicada à relação do pessoal técnico. Inicia-se com a repetição do nome da entidade, seguido do endereço completo, incluindo o(s) telefone(s), precedido(s) do prefixo da cidade para contatos pelo sistema de DDD, quando necessário. O mesmo cuidado deve ser seguido na indicação do endereço do coordenador, que é o responsável direto por contatos com entidades às quais ou à qual o projeto é dirigido. A seguir, vem a relação completa do pessoal técnico, discriminando os cargos, seguidos do nome, endereço e telefone de cada um. São dispensáveis os elementos identificadores quando a equipe de pesquisadores de campo for numerosa. Entretanto, se pertencerem a uma entidade, por exemplo, alunos de uma escola, pode-se indicar "alunos do... ano (diurno e/ou noturno) da Faculdade...".

4.2.2 Objetivo

A especificação do objetivo de uma pesquisa responde às questões *para quê?* e *para quem?* Apresenta:

4.2.2.1 TEMA

É o assunto que se deseja provar ou desenvolver. Pode surgir de uma dificuldade prática enfrentada pelo coordenador, da sua curiosidade científica, de desafios encontrados na leitura de outros trabalhos ou da própria teoria. Pode ter sido sugerido pela entidade responsável pela parte financeira, portanto, "encomendado", o que não lhe tira o caráter científico, desde que não se interfira no desenrolar da pesquisa; ou se "encaixar" em temas muito amplos, determinados por uma entidade que se dispõe a financiar pesquisas e que promove uma concorrência entre pesquisadores, distribuindo a verba de que dispõe entre os que apresentam os melhores projetos. Independente de sua origem, o tema é, nessa fase, necessariamente amplo, precisando bem o assunto geral sobre o qual se deseja realizar a pesquisa.

4.2.2.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Dotado necessariamente de um sujeito e de um objeto, o tema passa por um processo de especificação, tal como foi descrito no Capítulo 2, item 2.2.1. O processo de delimitação do tema só é dado por concluído quando se faz a limitação geográfica e espacial do mesmo, com vistas na realização da pesquisa. Muitas vezes as verbas disponíveis determinam uma limitação maior do que o desejado pelo coordenador, mas, se se pretende um trabalho científico, é preferível o aprofundamento à extensão.

4.2.2.3 OBJETIVO GERAL

Está ligado a uma visão global e abrangente do tema. Relaciona-se com o conteúdo intrínseco, quer dos fenômenos e eventos, quer das idéias estudadas. Vincula-se diretamente à própria significação da tese proposta pelo projeto.

4.2.2.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Apresentam caráter mais concreto. Têm função intermediária e instrumental, permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplicar este a situações particulares.

4.2.3 Justificativa

É o único item do projeto que apresenta respostas à questão *por quê?* De suma importância, geralmente é o elemento que contribui mais diretamente na aceitação da pesquisa pela(s) pessoa(s) ou entidade(s) que vai(ão) financiá-la. Consiste numa exposição sucinta, porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa. Deve enfatizar:

- o estágio em que se encontra a teoria respeitante ao tema;
- as contribuições teóricas que a pesquisa pode trazer:
  - confirmação geral
  - confirmação na sociedade particular em que se insere a pesquisa
  - especificação para casos particulares
  - clarificação da teoria
  - resolução de pontos obscuros etc.
- importância do tema do ponto de vista geral;
- importância do tema para os casos particulares em questão;
- possibilidade de sugerir modificações no âmbito da realidade abarcada pelo tema proposto;
- descoberta de soluções para casos gerais e/ou particulares etc.

A justificativa difere da revisão da bibliografia e, por este motivo, não apresenta citações de outros autores. Difere, também, da teoria de base, que vai servir de elemento unificador entre o concreto da pesquisa e o conhecimento teórico da ciência na qual se insere. Portanto, quando se trata de analisar as razões de ordem teórica ou se referir ao estágio de desenvolvimento da teoria, não se pretende explicitar o referencial teórico que se irá adotar, mas apenas ressaltar a importância da pesquisa no campo da teoria.

Deduz-se, dessas características, que ao conhecimento científico do pesquisador soma-se boa parte de criatividade e capacidade de convencer, para a redação da justificativa.

4.2.4 Objeto

Respondendo à pergunta *o quê?*, o objeto da pesquisa engloba:

4.2.4.1 PROBLEMA

A formulação do problema prende-se ao tema proposto: ela esclarece a dificuldade específica com a qual se defronta e que se pretende resolver por intermédio da pesquisa. Para ser cientificamente válido, um problema deve passar pelo crivo das seguintes questões:

- pode o problema ser enunciado em forma de pergunta?
- corresponde a interesses pessoais (capacidade), sociais e científicos, isto é, de conteúdo e metodológicos? Esses interesses estão harmonizados?
- constitui-se o problema em questão científica, ou seja, relacionam-se entre si pelo menos duas variáveis?
- pode ser objeto de investigação sistemática, controlada e crítica?
- pode ser empiricamente verificado em suas conseqüências? (Schrader, 1974:20).

4.2.4.2 HIPÓTESE BÁSICA

O ponto básico do tema, individualizado e especificado na formulação do problema, sendo uma dificuldade sentida, compreendida e definida, necessita de uma resposta, "provável, suposta e provisória", isto é, uma hipótese. A principal resposta é denominada hipótese básica, podendo ser complementada por outras, que recebem a denominação de secundárias. Há diferentes formas de hipóteses; entre elas:

- as que afirmam, em dada situação, a presença ou ausência de certos fenômenos;
- as que se referem à natureza ou características de dados fenômenos, em uma situação específica;
- as que apontam a existência ou não de determinadas relações entre fenômenos;
- as que prevêem variação concomitante, direta ou inversa, entre certos fenômenos etc.

4.2.4.3 HIPÓTESES SECUNDÁRIAS

São afirmações (toda hipótese é uma afirmação) complementares da básica, podendo:

- abarcar em detalhes o que a hipótese básica afirma em geral;
- englobar aspectos não especificados na básica;
- indicar relações deduzidas da primeira;
- decompor em pormenores a afirmação geral;
- apontar outras relações possíveis de serem encontradas etc.

4.2.4.4 VARIÁVEIS

Toda hipótese é o enunciado geral de relações entre, pelo menos, duas variáveis. Por sua vez, variável é um conceito que contém ou apresenta valores, tais como: quan-

tidades, qualidades, características, magnitudes, traços etc., sendo o conceito um objeto, processo, agente, fenômeno, problema etc. Maiores informações sobre problema, hipóteses, variáveis e conceitos podem ser encontradas nos itens 5.3.3 e 5.4.4, assim como nos Capítulos 4 e 5 do livro *Metodologia científica,* das mesmas autoras (Atlas, 1982).

Na indicação das variáveis, deve-sé especificar se são independentes, dependentes, moderadoras, antecedentes, intervenientes etc.

4.2.4.5 RELAÇÃO ENTRE VARIÁVEIS

Os principais tipos de relações entre variáveis são: *simétrica,* em que nenhuma das variáveis exerce influência sobre a outra, quando então pouco interesse tem para a ciência; *recíproca* onde cada uma das variáveis é, alternadamente, causa e efeito, exercendo contínuo efeito uma sobre a outra, condição até certo ponto freqüente em ciências sociais; *assimétrica*, onde uma variável (independente) exerce efeito sobre a outra (dependente). A relação assimétrica é o cerne da análise nas ciências sociais: deve-se sempre procurar pelo menos uma relação assimétrica, mesmo que a maioria das hipóteses prediga relações de reciprocidade. Em outras palavras, deve-se buscar uma relação causal entre variáveis independentes e dependentes, que pode ser:

- *determinista* – "se X (independente) ocorre, sempre ocorrerá Y (dependente)";
- *suficiente* – "a ocorrência de X é suficiente, independente de qualquer outra coisa, para a subseqüente ocorrência de Y";
- *coextensiva* – "se X ocorre, então ocorrerá Y";
- *reversível* – "se X ocorre, entãoY ocorrerá; e se Y ocorre, então X ocorrerá";
- *necessária* – "se X ocorre, e somente X, então ocorrerá Y";
- *substituível* – "se X ocorre, então Y ocorre, mas se H ocorre, então também Y ocorrerá";
- *irreversível* – "se X ocorre, então Y ocorrerá, mas se Y ocorre, então nenhuma ocorrência se produzirá";
- *seqüencial* – "se X ocorre, então ocorrerá mais tarde Y";
- *contingente* – "se X ocorre, então ocorrerá Y somente se M estiver presente";
- *probabilista* ou *estocástica* – "dada a ocorrência de X, então provavelmente ocorrerá Y" (a mais comum das relações em ciências sociais).

4.2.5 Metodologia

A especificação da metodologia da pesquisa é a que abrange maior número de itens, pois responde, a um só tempo, às questões *como?, com quê?, onde?, quanto?* Corresponde aos seguintes componentes:

4.2.5.1 MÉTODO DE ABORDAGEM

A maioria dos especialistas faz, hoje, uma distinção entre método e métodos, por se situarem em níveis claramente distintos, no que se refere à sua inspiração filosófica, ao seu grau de abstração, à sua finalidade mais ou menos explicativa, à sua ação nas etapas mais ou menos concretas da investigação e ao momento em que se situam.

Partindo do pressuposto dessa diferença, o método se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade. É, portanto, denominado método de abordagem, que engloba:

- **método indutivo** – cuja aproximação dos fenômenos caminha geralmente para planos cada vez mais abrangentes, indo das constatações mais particulares às leis e teorias (conexão ascendente);
- **método dedutivo** – que, partindo das teorias e leis, na maioria das vezes prediz a ocorrência dos fenômenos particulares (conexão descendente);
- **método hipotético-dedutivo** – que se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese;
- **método dialético** – que penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.

4.2.5.2 MÉTODOS DE PROCEDIMENTO

Constituem etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos. Pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenômeno e estão limitadas a um domínio particular. Nas ciências sociais, os principais métodos de procedimento são:

- histórico
- comparativo
- monográfico ou estudo de caso
- estatístico
- tipológico
- funcionalista
- estruturalista
- etnográfico

Geralmente, em uma pesquisa, ao lado do método de procedimento estatístico, utiliza-se outro ou outros, que devem ser assinalados.

4.2.5.3 TÉCNICAS

São consideradas um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência; são, também, a habilidade para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos. Correspondem, portanto, à parte prática de coleta de dados. Apresentam duas grandes divisões: *documentação indireta,* abrangendo a pesquisa documental e a bibliográfica e *documentação direta.* Esta última subdivide-se em:

– **observação direta intensiva,** com as técnicas da:

- *observação* – utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. Pode ser: Sistemática, Assistemática; Participante, Não Participante; Individual, em Equipe; na Vida Real, em Laboratório;
- *entrevista* – é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária. Tipos: Padronizada ou Estruturada, Despadronizada ou Não Estruturada, Painel.

– **observação direta extensiva,** apresentando as técnicas:

- *questionário* – constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador;
- *formulário* – roteiro de perguntas enunciadas pelo entrevistador e preenchidas por ele com as respostas do pesquisado;
- *medidas de opinião e de atitudes* – instrumento de "padronização", por meio do qual se pode assegurar a equivalência de diferentes opiniões e atitudes, com a finalidade de compará-las;
- *testes* – instrumentos utilizados com a finalidade de obter dados que permitam medir o rendimento, a freqüência, a capacidade ou a conduta de indivíduos, de forma quantitativa;
- *sociometria* – técnica quantitativa que procura explicar as relações pessoais entre indivíduos de um grupo;
- *análise de conteúdo* – permite a descrição sistemática, objetiva e quantitativa do conteúdo da comunicação;
- *história de vida* – tenta obter dados relativos à "experiência íntima" de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto em estudo;
- *pesquisa de mercado* – é a obtenção de informações sobre o mercado, de maneira organizada e sistemática, tendo em vista ajudar o processo decisivo nas empresas, minimizando a margem de erros.

Independentemente da(s) técnica(s) escolhida(s), deve-se descrever tanto a característica quanto a forma de sua aplicação, indicando, inclusive, como se pensa codificar e tabular os dados obtidos.

4.2.5.4 DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO (DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO)

Conceituando, universo ou população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum. Sendo *N* o número total de elementos do universo ou população, o mesmo pode ser representado pela letra latina maiúscula *X*, tal que $X_N = X_1; X_2; X_3, ...; X_N$. A delimitação do universo consiste em explicitar que pessoas ou coisas, fenômenos etc. serão pesquisadas, enumerando suas características comuns, como, por exemplo, sexo, faixa etária, organização a que pertencem, comunidade onde vivem etc.

4.2.5.5 TIPO DE AMOSTRAGEM

Só ocorre quando a pesquisa não é censitária, isto é, não abrange a totalidade dos componentes do universo, surgindo a necessidade de investigar apenas uma parte dessa população. O problema da amostragem é, portanto, escolher uma parte (ou amostra), de tal forma que ela seja a mais representativa possível do todo, e, a partir dos resultados obtidos, relativos a essa parte, Pode inferir, o mais legitimamente possível, os resultados da população total, se esta fosse verificada. O conceito de amostra é que a mesma constitui uma porção ou parcela, convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo. Sendo *n* o número de elementos da amostra, a mesma pode ser representada pela letra latina minúscula *x*, tal que $x = x_1; x_2; x_3; ...; x_n$ onde $x_n < X_N$ e $n \leq N$. Há duas grandes divisões no processo de amostragem: a **não-probabilista** e a **probabilista.** A primeira, não fazendo uso de uma forma aleatória de seleção, não pode ser objeto de certos tipos de tratamento estatístico, o que diminui a possibilidade de inferir para o todo os resultados obtidos para a amostra. É por este motivo que a amostragem não-probabilista é pouco utilizada. Apresenta os tipos: *intencional, por juris, por tipicidade* e *por quotas.* A segunda baseia-se na escolha aleatória dos pesquisados, significando o aleatório que a seleção se faz de forma que cada membro da população tinha *a mesma probabilidade* de ser escolhido. Esta maneira permite a utilização de tratamento estatístico, que possibilita compensar erros amostrais e outros aspectos relevantes para a representatividade e significância da amostra. Divide-se em: *aleatória simples, sistemática, aleatória de múltiplo estágio, por área, por conglomerados ou grupos, de vários degraus ou estágios múltiplos, de fases múltiplas* (multifásica ou em várias etapas), *estratificada* e *amostra-tipo* (amostra principal, amostra *a priori* ou amostra-padrão). Finalmente, se a pesquisa necessitar, podem-se selecionar grupos rigorosamente iguais pela técnica de comparação de par, comparação de freqüência e randomização.

Além de caracterizar o tipo de amostragem utilizado, devem-se descrever as etapas concretas de seleção da amostra.

4.2.5.6 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Os dados colhidos pela pesquisa apresentar-se-ão "em bruto", necessitando da utilização da estatística para seu arranjo, análise e compreensão. Outra parte importan-

te é a tentativa de determinação da fidedignidade dos dados, por intermédio do grau de certeza que se pode ter acerca dos mesmos. A estatística não é um fim em si mesma, mas instrumento poderoso para a análise e interpretação de um grande número de dados, cuja visão global, pela complexidade, torna-se difícil. Nesta etapa do projeto de pesquisa deve-se explicitar:

- se se pretende realizar um experimento, e de que tipo. O pesquisador pode optar pelo método da concordância positiva ou negativa; pelo método da diferença ou plano clássico de prova, ou uma de suas numerosas variantes como: projeto antes-depois, projeto antes-depois com grupo de controle, projeto quatro grupos-seis estudos, projeto depois somente com grupo de controle, projeto *ex post facto* e projeto de painel; pelo método conjunto de concordância e diferença; pelo método dos resíduos; e pelo método da variação concomitante;
- se se exercerá controle sobre determinadas variáveis e quais. Variável de controle é aquele fator, fenômeno ou propriedade que o investigador neutraliza ou anula propositadamente em uma pesquisa, com a finalidade de impedir que interfira na análise da relação entre as variáveis independente e dependente;
- qual o nível de significância que se exigirá. Geralmente, para estudos exploratórios, admite-se um nível de significância de 90%, calculando-se o erro das estimativas segundo as freqüências amostrais. Qualquer manual de estatística pode fornecer elementos para este item;
- que medidas estatísticas utilizará. As principais medidas da estatística descritiva são:
  - *medidas de posição:* média, mediana, moda, quartis, pertencis etc.;
  - *medidas de dispersão:* amplitude, desvio-padrão etc.
  - *comparação de freqüências:* razão, proporção, percentagem, taxas etc.;
  - *apresentação dos dados:* série estatística, tabelas ou quadros, gráficos etc.
- que testes de hipóteses empregará. Trata-se, aqui, de estatística inferencial. Os mais importantes, para aplicação em pesquisas sociais, são: *t* de Student, para comparação entre médias e X^2, para discernir diferenças entre as proporções observadas.

Para o aprofundamento do estudioso nos aspectos metodológicos da pesquisa, indicamos os livros *Metodologia científica* e *Técnicas de pesquisa,* das mesmas autoras (Atlas, 1982). O primeiro apresenta, em detalhes e com exemplos, métodos de abordagem, métodos de procedimento e plano de prova (experimento). O segundo, as técnicas de pesquisa, os processos e tipos de amostragem, estatística descritiva e estatística inferencial.

4.2.6 Embasamento Teórico

Respondendo ainda à questão *como?*, aparecem aqui os elementos de fundamentação teórica da pesquisa e, também, a definição dos conceitos empregados.

4.2.6.1 TEORIA DE BASE

A finalidade da pesquisa científica não é apenas um relatório ou descrição de fatos levantados empiricamente, mas o desenvolvimento de um caráter interpretativo, no que se refere aos dados obtidos. Para tal, é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando-se por um modelo teórico que sirva de embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados.

Todo projeto de pesquisa deve conter as premissas ou pressupostos teóricos sobre os quais o pesquisador (o coordenador e os principais elementos de sua equipe) fundamentará sua interpretação.

Pode-se tomar como exemplo um estudo que correlaciona atitudes individuais e grupais de autoridade e subordinação na organização da empresa, tendo como finalidade discernir comportamentos rotulados como de "chefia" e "liderança", relacionando-os com a maior ou menor eficiência no cumprimento dos objetivos da organização. Uma das possíveis teorias que se aplicam às atitudes dos componentes da empresa é a do tipo ideal de autoridade legítima, descrita por Weber.

Para o autor, a autoridade *tradicional* fundamenta-se na crença da "santidade" das tradições e na legitimidade do *status* dos que derivam sua autoridade da tradição; a autoridade em base *racional, legal, burocrática* repousa na crença em normas ou regras impessoais e no direito de comandar dos indivíduos que adquirem autoridade de acordo com essas normas; a autoridade *carismática* tem suas raízes no devotamento à "santidade" específica e excepcional, ao heroísmo, ou no caráter exemplar (sendo o "exemplar" determinado pelas circunstâncias e necessidades específicas do grupo) de um indivíduo e nos modelos normativos por ele revelados ou determinados. O modelo teórico da autoridade legítima não exclui sistemas concretos de autoridade que incorporam dois ou mais elementos dos três tipos.

4.2.6.2 REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

Pesquisa alguma parte hoje da estaca zero. Mesmo que exploratória, isto é, de avaliação de uma situação concreta desconhecida, em um dado local, alguém ou um grupo, em algum lugar, já deve ter feito pesquisas iguais ou semelhantes, ou mesmo complementares de certos aspectos da pesquisa pretendida. Uma procura de tais fontes, documentais ou bibliográficas, torna-se imprescindível para a não-duplicação de esforços, a não "descoberta" de idéias já expressas, a não-inclusão de "lugares-comuns" no trabalho.

A citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar

comportamentos e atitudes. Tanto a confirmação, em dada comunidade, de resultados obtidos em outra sociedade quanto a enumeração das discrepâncias são de grande importância.

4.2.6.3 DEFINIÇÃO DOS TERMOS

A ciência lida com conceitos, isto é, termos simbólicos que sintetizam as coisas e os fenômenos perceptíveis na natureza, no mundo psíquico do homem ou na sociedade, de forma direta ou indireta. Para que se possa esclarecer o fato ou fenômeno que se está investigando e ter possibilidade de comunicá-lo, de forma não ambígua, é necessário defini-lo com precisão.

Termos como temperatura, QI, classe social, precisam ser especificados para a compreensão de todos: o que significa "temperatura elevada"? Acima de 30ºC ou 100ºC? A representação do QI compreende os conceitos de capacidade mental, criatividade, discernimento etc., portanto, devem ser esclarecidos. E a classe social? Entende-se por ela a inserção do indivíduo no sistema de produção ou sua distribuição em camadas segundo a renda? Até termos como "pessoa idosa" requerem definição: a partir de que idade o indivíduo é considerado "idoso" para fins de pesquisa? 60, 65, 70 ou mais?

Outro fato que deve ser levado em consideração é que os conceitos podem ter significados diferentes de acordo com o quadro de referência ou a ciência que os emprega; por exemplo, "cultura" pode ser entendida como conhecimento literário (popular), conjunto dos aspectos materiais, espirituais e psicológicos que caracteriza um grupo (Sociologia e Antropologia) e cultivo de bactérias (Biologia). Além disso, uma mesma palavra, por exemplo, "função", pode ter vários significados dentro da própria ciência que a utiliza. Dessa forma, a definição dos termos esclarece e indica o emprego dos conceitos na pesquisa.

4.2.6.4 CONCEITOS OPERACIONAIS E INDICADORES

A especificação dos conceitos operacionais, assim como dos indicadores do conceito, é uma continuação da definição dos termos, em caráter mais concreto, respeitante a um conjunto de "instruções" para a manipulação ou observação dos fatos ou fenômenos. Em outras palavras, a definição operacional de um conceito ou de um termo consiste na indicação das operações necessárias para produzir, medir, analisar etc. um fenômeno. Os indicadores são as etapas concretas dessas operações.

Por exemplo, falando de temperatura, especificamos que será medida pela altura da coluna de mercúrio de um termômetro com uma escala de graus centígrados. Referindo-nos ao QI, precisaremos todos os detalhes dos testes que deverão "medir" a capacidade mental, a criatividade, o discernimento etc. e que fatores tomaremos como indicadores da pontuação obtida pelos diferentes indivíduos nesses testes. Finalmente, em relação à classe social, se na definição dos termos optou-se pelo conceito de Max Weber, no conceito operacional especifica-se que as mesmas se diferenciam pelo tipo de propriedade (posses), pelo modo de aquisição e pela situação geral (social, política,

cultural etc.), sendo que, em relação aos indicadores, determina-se o uso de pontuação baseada em: renda, escolaridade, profissão, itens de conforto doméstico, posse de carro etc. Portanto, os indicadores são os fatores que serão medidos, com suas pontuações especificadas, indicando o número mínimo e/ou máximo de pontos para cada classe, de acordo com as diferenças que devem apresentar, segundo nosso conceito operacional. É evidente que a classificação dos indivíduos, segundo as classes, terá outros indicadores, fundamentados em outro conceito operacional, se, na definição de termos, a opção tivesse sido pelo conceito de classe de Marx, por exemplo.

A definição dos termos, assim como a especificação dos conceitos operacionais e dos indicadores, é uma tarefa que permeia todo o desenvolvimento do projeto de pesquisa, desde os estudos preliminares até a construção dos instrumentos de pesquisa. Muitas vezes, depois de elaborado um questionário ou formulário, há necessidade de definir conceitos, termos indicadores e utilizados no mesmo.

Para maiores detalhes, ver 5.4.4.

4.2.7 Cronograma

A elaboração do cronograma responde à pergunta *quando?* A pesquisa deve ser dividida em partes, fazendo-se a previsão do tempo necessário para passar de uma fase a outra. Não esquecer que, se determinadas partes podem ser executadas simultaneamente, pelos vários membros da equipe, existem outras que dependem das anteriores, como é o caso da análise e interpretação, cuja realização depende da codificação e tabulação, só possíveis depois de colhidos os dados.

4.2.8 Orçamento

Respondendo à questão *com quanto?*, o orçamento distribui os gastos por vários itens, que devem necessariamente ser separados. Inclui:

- **pessoal** – do coordenador aos pesquisadores de campo, todos os elementos devem ter computados os seus ganhos, quer globais, mensais, semanais ou por hora/atividade, incluindo os programadores de computador;
- **material**, subdividido em:
  - elementos consumidos no processo de realização da pesquisa, como papel, canetas, lápis, cartões ou plaquetas de identificação dos pesquisadores de campo, hora/computador, datilografia, xerox, encadernação etc.;
  - elementos permanentes, cuja posse pode retornar à entidade financiadora, ou serem alugados, como máquinas de escrever, calculadoras etc.

4.2.9 Instrumento(s) de Pesquisa

Ainda indicando *como* a pesquisa será realizada, devem-se anexar ao projeto os instrumentos referentes às técnicas selecionadas para a coleta de dados. Desde os tópicos da entrevista, passando pelo questionário e formulário, até os testes ou escalas de medida de opiniões e atitudes, a apresentação dos instrumentos de pesquisa deve ser feita, dispensando-se tal quesito apenas no caso em que a técnica escolhida for a de observação.

4.2.10 Bibliografia

A bibliografia final, apresentada no projeto de pesquisa, abrange os livros, artigos, publicações e documentos utilizados, nas diferentes fases:

- metodologia da pesquisa;
- instrumental teórico;
- revisão da bibliografia.

4.3 EXEMPLO

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS BRASILEIROS

DETERMINAÇÃO DAS ASPIRAÇÕES DOS TRABALHADORES
NA EMPRESA INDUSTRIAL

Eva Maria Lakatos – Coordenadora

SÃO PAULO
19

Equipe Técnica

INEB – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS BRASILEIROS
Rua Barão de Itapetininga, 255, conj. 1.209.
CEP 01042 São Paulo – SP
Fone: (011) 255-2703

Coordenadora – Eva Maria Lakatos
endereço
telefone

Sociólogo Sênior – nome
endereço
telefone

Sociólogo Júnior – nome
endereço
telefone

Psicólogo – nome
endereço
telefone

Estatístico – nome
endereço
telefone

. . . . . .

Equipe de pesquisa de Campo – alunos ...

OBJETIVO

Tema

Aspirações dos trabalhadores.

Delimitação do Tema

Aspirações dos trabalhadores das empresas industriais de grande porte, no município de São Paulo, no momento atual (1983).

Objetivo Geral

Verificar os motivos específicos extrínsecos e intrínsecos que influem e/ou determinam as aspirações dos trabalhadores em relação à natureza organizacional e social da empresa industrial.

Objetivos Específicos

- examinar se os problemas particulares do trabalhador influem mais em suas aspirações em relação à empresa do que os gerados pela própria organização;
- da mesma forma, analisar a relação entre fatores originados da estrutura organizacional e da estrutura social, no que se refere às alterações de aspirações;
- observar a influência do aumento salarial nas aspirações do trabalhador;
- determinar a viabilidade da utilização das aspirações do trabalhador como incentivo para o aumento da produtividade.

JUSTIFICATIVA

A teoria da motivação relacionada com a tarefa executada desenvolveu-se rapidamente nos países industrialmente adiantados a partir da década de 50. Atualmente, ainda são válidas as colocações de Fürstenberg da estrutura de motivos "racionais utilitários", "racionais valorativos", "tradicionais" e "emocionais", formando uma tipologia de atitudes que proporciona dados significativos em relação à eficiência dos estímulos "materiais" e "psicológicos" para o aumento da produtividade.

. . . . . *

Por outro lado, a verificação da real satisfação do trabalhador com a tarefa realizada pode servir de subsídio na discussão teórica desenvolvida por Friedmann, com seu conceito de "dupla alienação", e Schelsky, com seu ponto de vista da relação pouco conflitante do trabalhador com a máquina e a reforma mecanizada de produção.

. . . . . .

* Uma linha inteira pontilhada indica a supressão de um ou mais parágrafos.

A análise, se houver, da posição do trabalhador perante o quesito "bons salários", como não sendo o único e mais importante motivador, permite verificar que a nossa sociedade pode e deve, à semelhança das industrialmente desenvolvidas, considerar a função relevante da organização humana e social no âmbito da empresa, percebendo, por trás dos "motivos monetarizados", a insatisfação com as relações grupais.

. . . . . .

O aumento da produtividade dos trabalhadores, de qualquer nível, significa custos mais baixos por unidade produzida, permitindo à empresa firmar-se num mercado competitivo e instável, típico de sociedades não planificadas.

. . . . . .

A utilização dos incentivos adequados, para o aumento da produtividade, traz economias à empresa e permite um desenvolvimento harmonioso das relações interpessoais no âmbito da organização.

. . . . . .

OBJETO

Problema

Será que as categorias ocupacionais (burocrática e de produção) e os *status* ocupados na estrutura organizacional levam o empregado a possuir diferentes tipos de aspirações?

Hipótese Básica

O funcionário do setor burocrático, ocupando uma posição na alta administração, tende a dar preferência à satisfação com o trabalho realizado: o trabalhador do setor de produção, ocupando as posições mais baixas da estrutura da organização, tende a dar preferência a bons salários; os empregados, tanto do setor burocrático quanto do setor de produção, ocupando posições médias na empresa, tendem a dar preferência à possibilidade de promoção.

Hipóteses Secundárias

1. A classificação dos itens variará menos sob a influência de problemas particulares enfrentados pelo trabalhador do que com os gerados pela própria organização.

2. Os fatores originários da estrutura social da empresa influem mais na classificação dos itens do que os decorrentes da estrutura organizacional.

3. Os atributos intrínsecos do trabalhador influem em sua classificação dos itens:

   a) os trabalhadores do sexo feminino dão maior importância às condições ambientais do trabalho; os do sexo masculino, à oportunidade de promoção;

b) os trabalhadores mais jovens consideram mais importante ter boas relações com os companheiros de trabalho; os mais velhos, o reconhecimento do valor de seu trabalho;

c) os trabalhadores com companheiro dão preferência à estabilidade no trabalho; os sem companheiro, à oportunidade de promoção.

4. O salário percebido e a expectativa em relação ao mesmo influem na classificação do item "bons salários":

a) o item "bons salários" tende a variar de colocação de forma inversamente proporcional ao salário percebido pelo trabalhador;

b) trabalhadores com igual faixa salarial tendem a classificar "bons salários" em posição semelhante;

c) algumas vezes, problemas de relacionamento humano, independentes de outros fatores, tendem a elevar a classificação do item "bons salários";

d) os períodos imediatamente anteriores e os bem posteriores ao aumento dos valores do salário mínimo influem nas aspirações, elevando a classificação do item "bons salários";

e) imediatamente após o aumento salarial do trabalhador, a classificação do item "bons salários" sofre um rebaixamento.

Variáveis

Hipótese básica: *X* (variável independente) = *status*
M (variável moderadora) = categoria ocupacional
Y (variável dependente) = tipo de aspiração

Hipóteses secundárias:

1. X_1 = problemas particulares enfrentados pelo trabalhador
   X_2 = problemas gerados pela própria organização
   Y = maior ou menor classificação dos itens
2. X_1 = fatores originários da estrutura social da empresa
   X_2 = fatores decorrentes da estrutura organizacional
   Y = maior ou menor influência na classificação dos itens.
3. X = atributos intrínsecos do trabalhador (sexo, idade, estado conjugal)
   Y = classificação dos itens
4. X_1 = salário percebido
   X_2 = expectativa em relação ao salário
   X_3 = aumento salarial
   Y = classificação do item "bons salários".

Relação entre Variáveis

A relação entre as variáveis independentes identificadas e as dependentes deverá ser assimétrica do tipo probabilista ou estocástica.

METODOLOGIA

Método de Abordagem

Será utilizado o método indutivo (...) com inferência indutiva da amostra para a população, especificamente generalizações estatísticas.

Métodos de Procedimento

Empregar-se-ão, concomitantemente, os métodos estatístico e funcionalista. ...

. . . . . .

Técnicas

As técnicas de coleta de dados de observação direta extensiva consistirão:

1. Em um questionário, não identificado, a ser preenchido pelo pesquisado, colocando 10 itens em ordem de preferência. O próprio instrumento apresenta uma introdução explicativa para facilitar a compreensão e o preenchimento, sem a ajuda do pesquisador. Entretanto, os que responderem ao questionário serão também entrevistados com o auxílio de um formulário, e nesse momento deverão devolver o questionário, a fim de que os dois instrumentos possam ser atribuídos à mesma pessoa, com vistas ao cruzamento dos dados obtidos.

A tabulação final conferirá pontos às diferentes classificações, da seguinte forma: 10 pontos para a 1ª opção, 9 para a segunda, e assim sucessivamente, até a 10ª opção, cujo valor será 1 ponto. A seguir, far-se-á uma somatória do número de primeiras escolhas, multiplicadas pelos 10 pontos, de segundas, por 9 pontos etc. O número final obtido por cada item será então classificado, para se ter a posição final de cada um (ver modelo no Apêndice).

2. Em um formulário, já previamente codificado, com exceção das perguntas abertas, que serão submetidas ao processo de listagem, o pesquisador deverá deixar bem claro ao entrevistado que o formulário não é identificado, para evitar as distorções que poderão ocorrer por receio do conhecimento, por parte da direção da empresa, das opiniões do pesquisado. A apuração final será mecânica, por intermédio de computador, das questões fechadas, e manual, das abertas.

A tabulação deverá levar a cruzamentos, com tabelas de dupla e tripla entrada, sendo os mesmos determinados pelas hipóteses enunciadas.

Delimitação do Universo

Trabalhadores assalariados efetivos (com contrato em carteira de trabalho), de ambos os sexos, com no mínimo 12 anos de idade (trabalhando legalmente, com a autorização do juiz de menores), pertencentes a empresas industriais de grande porte do município de São Paulo.

Tipo de Amostragem

Aleatória, de vários degraus ou estágios múltiplos.

1ª etapa: por conglomerados. As empresas serão agrupadas de acordo com o ramo de produção a que se dedicam, sendo sorteados de forma aleatória simples 10 conglomerados. As empresas componentes de cada conglomerado formarão subconjuntos, sendo escolhidos 10, também de forma aleatória simples. Portanto, amostra englobará 100 empresas.

2ª etapa: estratificada. Os trabalhadores da empresa formarão sete estratos: três no setor burocrático e quatro no setor de produção. De cada estrato serão retirados, de forma aleatória simples, números rigorosamente iguais de elementos para serem pesquisados. O total de indivíduos de cada estrato será de 5, correspondendo a 35 pessoas por empresa e a um total de 3.500 trabalhadores entrevistados.

Tratamento Estatístico

Para a comprovação das hipóteses secundárias 4d e 4e, escolheu-se o experimento do projeto painel, variante do plano clássico de prova.

Dessa forma, três momentos, um anterior à determinação do aumento do salário mínimo, outro imediatamente após o aumento e o terceiro, posterior (dois meses depois), serão utilizados para a coleta de dados por intermédio do questionário. O formulário só será utilizado uma vez, na primeira etapa, já que as hipóteses 4d e 4e fazem menção específica apenas à alteração da classificação do item "bons salários", causada pelo salário percebido e pela expectativa referente ao mesmo. As demais hipóteses não requerem nova coleta de dados.

A variável de controle escolhida foi o ramo de produção a que se dedica a empresa sorteada. Em outras palavras, os dados colhidos serão analisados independentemente do tipo de indústria em que trabalham os pesquisados.

O nível de significância que se exigirá será de 90%. Medidas estatísticas utilizadas: desvio-padrão e percentagem. Os dados deverão ser apresentados por intermédio de tabelas. O teste de hipóteses que se utilizará, devido ao fato de se trabalhar com percentagens, será X^2 (qui quadrado).

EMBASAMENTO TEÓRICO

Teoria de Base

A pesquisa tomará como fundamento a teoria da motivação humana formulada por A.H. Maslow, que permite entender as razões que levam os homens a trabalhar, ajudando a compreender alguns dados aparentemente contraditórios sobre os homens, obtidos por pesquisas desenvolvidas principalmente nos EUA, Alemanha e França, ao mesmo tempo que sugere novos modos de considerar dados antigos. A teoria estabelece que há cinco espécies gerais de necessidades: fisiológicas, de segurança, de aceitação, de *status* e de auto-realização, sendo que as mesmas apresentam uma hierarquia, vindo no topo as necessidades de *status* e auto-realização.

A teoria afirma ainda que as necessidades se dividem em de carência e de abundância. A satisfação das necessidades de carência apenas remove a insatisfação, ao passo que a auto-realização é uma fonte potencial de satisfação e felicidade. Dessa forma, a auto-

realização está diretamente relacionada, na empresa, com as oportunidades do indivíduo de fazer uso de seus conhecimentos e experiência, influindo na sua produtividade.

. . . . . .

Revisão da Bibliografia

Muitas tentativas têm sido feitas, principalmente em países desenvolvidos, para investigar, com vistas à sua utilização como incentivo, as necessidades que os trabalhadores consideram como as mais importantes.

. . . . . .

J.C.A. Brown (1967:159-160) indica que: a) "não há incentivo ideal", isto é, este varia de cultura para cultura e de indivíduo para indivíduo; b) "a 'lei dos retornos decrescentes' aplica-se a todos os incentivos materiais". Em outras palavras, à medida que uma recompensa material aumenta, o desejo por mais recompensas desse tipo diminui; c) "os incentivos podem conflitar com outros motivos", principalmente com aqueles ligados a temores relativos às próprias posições na empresa; d) "o dinheiro, como incentivo, tem menos importância do que até agora se supunha", constituindo exceção as sociedades (ou funções) em que os trabalhadores recebem salários muito baixos ou durante períodos de inflação, quando, então, o dinheiro se converte em um poderoso incentivo; e) "os motivos tendem a ser monetarizados: as pessoas foram ensinadas que o dinheiro é a chave da satisfação, de modo que, quando sentem que algo está errado em sua vida, naturalmente pedem mais dinheiro. Uma demanda por dinheiro sem dúvida indica que eles desejam *alguma coisa,* mas não nos diz o quê". Dessa forma, quando em uma empresa os salários já são adequados (relativamente a outras empresas do mesmo ramo) e os trabalhadores apresentam constante reivindicação por mais dinheiro, significa que a empresa enfrenta um problema de moral baixo, de relações humanas, ou outros problema desse tipo, e, sem poder remediar a situação, esses trabalhadores pensam no dinheiro como solução óbvia. Dito de outra forma, "eles sentem que, quando as condições são insatisfatórias, merecem incentivos extras para compensar as desvantagens do emprego".

. . . . . .

Bakke (1948:36-51), May Smith (1953:183-187), Mathewson (1955:63-65) e Lewis (1957:112-127) indicam 5 fatores que agem como incentivos ou desincentivos na empresa, conforme o caso: a) as exigências e especificações do trabalho ...) b) o sistema de comunicações (...) c) o sistema de *status* (...) d) o sistema de recompensas e punições (...) e) o organograma...

. . . . . .

Wyatt, Sangdn e Stock (1937:11) pesquisaram 325 trabalhadores em uma fábrica inglesa, pedindo-lhes que colocassem dez itens em ordem de importância. Em primeiro lugar surgiu "estabilidade no trabalho", em segundo "boas condições de trabalho", sendo que "bons salários" ficou em sexto lugar.

. . . . . .

Definição dos Termos, Conceitos Operacionais e Indicadores

Aspirações dos trabalhadores – todos os fatores materiais, psicológicos ou sociais, que o trabalhador tem a expectativa de ver satisfeitos pela estrutura organizacional e/ou social da empresa.

Indicadores:

materiais – bons salários; boas instalações no local de trabalho; possibilidades de recreação; assistência médico-hospitalar;

psicológicos – estar satisfeito com o trabalho que realiza, possibilidades de promoção; estabilidade no trabalho; reconhecimento da importância de seu trabalho;

sociais – boas relações com os companheiros de trabalho; bom relacionamento entre chefia e subordinados.

Incentivos – todos os fatores materiais, psicológicos ou sociais, que alteram a produtividade do trabalhador, aumentando-a.

Setor burocrático da empresa – todas as funções e cargos de caráter administrativo.

Conceito operacional: alta administração (até, inclusive, chefes de departamento); administração média (posições de chefia ou de assessoria); funcionários (sem autonomia de decisão).

Setor de produção da empresa

Conceito operacional: chefia; escalão intermediário (mestre, contramestre, supervisor e outros); operários qualificados e especializados; operários semi-especializados, não especializados, auxiliares e equivalentes.

. . . . . .

CRONOGRAMA

	Jan.	Fev.	Mar.	Abril	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.
Preparação do projeto de pesquisa	—	—								
Aplicação da pesquisa-piloto		—								
Reformulação do projeto e alteração do instrumento de pesquisa			—							
Execução da 1ª fase da pesquisa			—	—						
Execução da 2ª fase da pesquisa				—	—					
Execução da 3ª fase da pesquisa							—			
Codificação, apuração e tabulação				—	—	—		—		
Análise dos dados					—	—	—		—	
Interpretação dos resultados e conclusões						—	—		—	
Redação do relatório									—	—
Datilografia										—
Apresentação final										—

ORÇAMENTO

1. Pessoal

Coordenador – horas/atividade ——— X Cr$ = Cr$
Sociólogo sênior – horas/atividade ——— X Cr$ = Cr$

. . . . . .

Gastos de transporte —
Equipe de campo ——— dias X Cr$
Equipe de campo ——— dias X Cr$ = Cr$

. . . . . .

2. Material consumido

Material de escritório = Cr$
Hora/computador = Cr$
Datilografia = Cr$

. . . . . .

3. Material permanente

Máquinas de escrever —— aluguel por —— dias X Cr$ = Cr$
Calculadoras —— aluguel por —— dias X Cr$ = Cr$

. . . . . .

Aluguel de sala —— meses X Cr$ = Cr$

. . . . . .

Total Cr$

INTRUMENTOS DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO

As pessoas têm opiniões diferentes a respeito do que é mais importante para se ter plena satisfação no trabalho. Com freqüência, a opinião de alguns é tomada como sendo a de todos, por falta de dados reais a respeito. Gostaríamos de saber, na *sua* opinião, quais são as condições de trabalho fundamentais para que um indivíduo se considere satisfeito no seu trabalho.

Enumere, em ordem de preferência, assinalando com o nº 1 a principal condição, com o nº 2 aquela que considera importante em segundo lugar e assim sucessivamente, até a décima:

	Espaço destinado à classificação
Assistência médico-hospitalar	( )
Boas instalações no local de trabalho (instalações que visem proporcionar maior segurança e conforto; limpeza; luminosidade; sanitários adequados e em número suficiente; comida satisfatória etc.);	( )
Boas relações com os companheiros de trabalho	( )
Bom relacionamento entre chefia e subordinados	( )
Bons salários	( )
Estabilidade no trabalho (possibilidade de permanecer na empresa)	( )
Estar satisfeito com o trabalho que realiza	( )
Possibilidade de promoção	( )
Possibilidade de recreação (clubes esportivos; colônia de férias; associações)	( )
Reconhecimento da importância de seu trabalho	( )

FORMULÁRIO

1. O atendimento médico-hospitalar fornecido pela empresa é: 1 ☐
   1. Ótimo 2. Bom 3. Regular 4. Mau 5. Péssimo
2. Considera as instalações de seu local de trabalho: 2 ☐
   1. Ótimas 2. Boas 3. Regulares 4. Más 5. Péssimas
3. As relações com seus companheiros de trabalho são: 3 ☐
   1. Ótimas 2. Boas 3. Regulares 4. Más 5. Péssimas
4. O relacionamento com seus chefes é: 4 ☐
   1. Ótimo 2. Bom 3. Regular 4. Mau 5. Péssimo
5. Seu salário, comparado com o de posições próximas é: 5 ☐
   1. Ótimo 2. Bom 3. Regular 4. Mau 5. Péssimo
6. Sua estabilidade (possibilidade de permanecer na empresa) é: 6 ☐
   1. Ótima 2. Boa 3. Regular 4. Má 5. Péssima
7. Sua satisfação com o trabalho que realiza é: 7 ☐
   1. Ótima 2. Boa 3. Regular 4. Má 5. Péssima
8. A possibilidade de promoção na sua empresa é: 8 ☐
   1. Ótima 2. Boa 3. Regular 4. Má 5. Péssima
9. As possibilidades de recreação na empresa são: 9 ☐
   1. Ótimas 2. Boas 3. Regulares 4. Más 5. Péssimas
10. Quando se trata do reconhecimento da importância do seu trabalho, você diria que ele é: 10 ☐
    1. Ótimo 2. Bom 3. Regular 4. Mau 5. Péssimo
11. Cite três situações, ambientais ou de relação social, que considera mais vantajosas em sua empresa:
    1. _____
    2. _____
    3. _____

12. Cite três situações, ambientais ou de relação social, que considera mais desvantajosas em sua empresa:
    1. _____
    2. _____
    3. _____

13. Em relação a problemas pessoais e/ou familiares você diria que neste momento: 13 ☐
    1. Não tem nenhum
    2. Tem alguns
    3. Tem muitos

14. Função e cargo: 14 ☐☐
    Setor Burocrático
    1.1. Alta administração (inclusive chefes de departamento)
    1.2. Administração média (posições de chefia ou de assessoria)
    1.3. Funcionários sem autonomia de decisão)
    Setor de Produção
    2.1. Chefia
    2.2. Escalão intermediário (mestre, contramestre, supervisor e outros)
    2.3. Operários qualificados e especializados
    2.4. Operários semi-especializados, não especializados, auxiliares e equivalentes

15. Sexo 15 ☐
    1. Masculino 2. Feminino 16 ☐

16. Faixa etária:
    1. de 12 ⊢— 18 anos
    2. de 18 ⊢— 25 anos
    3. de 25 ⊢— 35 anos
    4. de 35 ⊢— 45 anos
    5. de 45 ⊢— 55 anos
    6. 55 anos e mais

17. Estado conjugal: 17 ☐
    1. Com companheiro (casado, amigado)
    2. Sem companheiro (solteiro, separado, desquitado, divorciado, viúvo)

18. Salário (em salários mínimos) 18 ☐☐
    11. Abaixo de 1 s.m.
    12. de 1 s.m. ⊢— 2 s.m.
    13. de 2 s.m. ⊢— 4 s.m.
    14. de 4 s.m. ⊢— 6 s.m.
    15. de 6 s.m. ⊢— 8 s.m.
    16. de 8 s.m. ⊢— 10 s.m.
    17. de 10 s.m. ⊢— 12 s.m.
    18. de 12 s.m. ⊢— 14 s.m.
    19. de 14 s.m. ⊢— 16 s.m.
    20. de 16 s.m. ⊢— 18 s.m.
    21. de 18 s.m. ⊢— 20 s.m.
    22. de 20 s.m. ⊢— 22 s.m.
    23. de 22 s.m. ⊢— 24 s.m.
    24. de 24 s.m. ⊢— 26 s.m.
    25. de 26 s.m. e mais

BIBLIOGRAFIA

ACKOFF, Russel L. *Planejamento de pesquisa social.* São Paulo: Herder, EDUSP, 1967.

ARGYRIS, Chris. *Personalidade e organização:* o conflito entre o sistema e o indivíduo. Rio de Janeiro: Renes, s.d.

BROWN, J.A.C. *Psicologia social da indústria.* São Paulo: Atlas, 1967.

APÊNDICE

Modelo de Tabulação

Fatores	f	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	Σ f v	Classificação
	v	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1		
Assistência médico-hospitalar													
Boas instalações no local de trabalho													
Boas relações com os companheiros de trabalho													
Bom relacionamento entre chefia e subordinados													
Bons salários													
Estabilidade no trabalho													
Estar satisfeito com o trabalho que realiza													
Possibilidade de promoção													
Possibilidade de recreação													
Reconhecimento da importância de seu trabalho													

4.4 PESQUISA-PILOTO OU PRÉ-TESTE

Uma vez terminado o projeto de pesquisa definitivo, a tentação de iniciar imediatamente a pesquisa é muito grande. Todas as etapas foram previstas, as hipóteses enunciadas, as variáveis identificadas, a metodologia minuciosamente determinada, incluindo as provas estatísticas a que serão submetidos os dados colhidos; portanto, por que não começar incontinenti a coleta de dados?

A resposta encontra-se em toda parte: nenhuma fábrica, por exemplo, de automóveis, lança um novo modelo sem antes construir protótipos e testá-los. Qual a razão desse comportamento? A resposta é que muitos fatos não podem ser previstos em uma prancheta de desenho, no que respeita ao desempenho real do carro, com seus inúmeros componentes. Dessa forma, o automóvel deve ser testado em condições concretas de funcionamento, pois encontram-se defeitos, poupam-se tempo e dinheiro com seu aperfeiçoamento, antes que o modelo entre em linha de montagem.

Com a pesquisa ocorre o mesmo. Como exemplo, tome-se o instrumento de coleta de dados, que pode ser o questionário. A equipe de especialistas que o preparou vivenciou o problema durante certo espaço de tempo. Todas as perguntas parecem necessárias e bem formuladas. Mas e o estrevistado? Tomará contato com o assunto no momento da pesquisa. Só pensará nele quando um pesquisador o estiver entrevistando. Compreenderá ele todas as perguntas? Estarão elas redigidas, utilizando a linguagem que lhe é comum? Ou terá dúvidas sobre o significado das questões e sobre o sentido de algumas palavras? Só a experiência o dirá. Dessa forma, a pesquisa-piloto tem, como uma das principais funções, testar o instrumento de coleta de dados. É por esse motivo que se recomenda, mesmo se o instrumento definitivo for o questionário, a utilização, no pré-teste, do formulário, com espaço suficiente para que o pesquisador anote as reações do entrevistado, sua dificuldade de entendimento, sua tendência para esquivar-se de questões polêmicas ou "delicadas", seu embaraço com questões pessoais etc. A pesquisa-piloto evidenciará ainda: ambigüidade das questões, existência de perguntas supérfluas, adequação ou não da ordem de apresentação das questões, se são muito numerosas ou, ao contrário, necessitam ser complementadas etc. Uma vez constatadas as falhas, reformula-se o instrumento, conservando, modificando, ampliando, desdobrando ou alterando itens; explicitando melhor algumas questões ou modificando a redação de outras; perguntas abertas (e uma grande parte deve ser aberta na pesquisa-piloto) podem ser fechadas, utilizando as próprias respostas dos entrevistados, desde que não haja muita variabilidade.

Ainda em relação ao questionário, o pré-teste poderá evidenciar se ele apresenta ou não três elementos de suma importância:

- **fidedignidade** – isto é, obter-se-ão sempre os mesmos resultados, independentemente da pessoa que o aplica?
- **validade** – os dados obtidos são todos necessários à pesquisa? Nenhum fato, dado ou fenômeno foi deixado de lado na coleta?
- **operatividade** – o vocabulário é acessível a todos os entrevistados, e o significado das questões é claro?

Outra importante finalidade da pesquisa-piloto é verificar a adequação do tipo de amostragem escolhido. O pré-teste é sempre aplicado para uma amostra reduzida, cujo processo de seleção é *idêntico* ao previsto para a execução da pesquisa, mas os elementos entrevistados não poderão figurar na amostra final (para evitar "contaminação"). Muitas vezes descobre-se que a seleção é por demais onerosa ou "viciada". Em suma, inadequada, necessitando ser modificada. A aplicação da pesquisa-piloto é também um bom teste para os pesquisadores.

Finalmente, o pré-teste permite também a obtenção de uma estimativa sobre os futuros resultados, podendo, inclusive, alterar hipóteses, modificar variáveis e a relação entre elas. Dessa forma, haverá maior segurança e precisão para a execução da pesquisa.

4.5 ESTRUTURA DO RELATÓRIO

Após a coleta de dados, sua codificação e tabulação, tratamento estatístico, análise e interpretação, os resultados estão prontos para ser redigidos: é o relatório de pesquisa. Este compreende as seguintes partes:

A) Apresentação
   a) Capa
      - entidade
      - título (e subtítulo, se houver)
      - coordenador(es)
      - local e data
   b) Página de Rosto
      - entidade
      - título (e subtítulo, se houver)
      - coordenador(es)
      - equipe técnica
      - local e data

B) Sinopse (*abstract*)

C) Sumário

D) Introdução
   a) Objetivo
      - tema
      - delimitação do tema
      - objetivo geral
      - objetivos específicos
   b) Justificativa
   c) Objeto
      - problema
      - hipótese básica
      - hipóteses secundárias

- variáveis
- relação entre variáveis

E) Revisão da Bibliografia

F) Metodologia
   a) Método de Abordagem
   b) Métodos de Procedimento
   c) Técnicas
   d) Delimitação do Universo
   e) Tipo de Amostragem
   f) Tratamento Estatístico

G) Embasamento Teórico
   a) Teoria de Base
   b) Definição dos Termos
   c) Conceitos Operacionais e Indicadores

H) Apresentação dos Dados e sua Análise (dividido em capítulos)

I) Interpretação dos Resultados (dividido em capítulos)

J) Conclusões

K) Recomendações e Sugestões

L) Apêndices
   a) Tabelas
   b) Quadros
   c) Gráficos
   d) Outras Ilustrações
   e) Instrumento(s) de Pesquisa

M) Anexos

N) Bibliografia

4.5.1 Apresentação

Poucas diferenças há entre a apresentação do projeto e a do relatório. Apenas a folha com a relação do pessoal técnico é substituída pela página de rosto, que repete os dizeres da capa, acrescentando somente ao nome do coordenador, em seqüência, os nomes e respectivos cargos da equipe técnica.

4.5.2 Sinopse (Abstract)

Consiste num resumo de, no máximo, uma página do conteúdo do relatório. Não é uma relação de partes ou capítulos, nem a enumeração das conclusões, e sim a natureza da pesquisa realizada. Deve ser redigida por último.

4.5.3 Sumário

Relação das partes, capítulos, itens e subitens do trabalho, com a respectiva indicação do número de páginas iniciais (ver Figura 14, Capítulo 5).

4.5.4 Introdução

A introdução abrange três itens do relatório: Objetivo, Justificativa e Objeto, incorporando as modificações realizadas depois de aplicada a pesquisa-piloto.

4.5.5 Revisão Bibliográfica

Igual à do projeto, com os acréscimos de novas obras ou trabalhos que tenham chegado ao conhecimento da equipe, já que a pesquisa bibliográfica não se encerra com a elaboração do projeto.

4.5.6 Metodologia

Igual à do projeto, exceto as alterações determinadas pelo pré-teste.

4.5.7 Embasamento Teórico

O que não foi alterado pela pesquisa-piloto deve ser repetido no relatório.

4.5.8 Apresentação dos Dados e sua Análise

A quantidade e a natureza dos dados a serem apresentados irão determinar a divisão dessa parte em capítulos, tanto no que se refere ao número quanto à extensão dos mesmos. A ordem da divisão deve estar relacionada com a colocação das hipóteses, isto é, das sucessivas afirmações nelas contidas.

Os dados serão apresentados de acordo com sua análise estatística, incorporando no texto apenas as tabelas, os quadros, os gráficos e outras ilutrações estritamente necessárias à compreensão do desenrolar do raciocínio; os demais deverão vir em apêndice.

É importante lembrar que a função de um relatório não é aliciar o leitor, mas demonstrar as evidências a que se chegou através da pesquisa. Portanto, na seleção do

material a ser apresentado (e terá de haver uma seleção), o pesquisador não pode ser dirigido pelo desejo natural de ver confirmadas suas previsões à custa de dados que as refutam. Todos os dados pertinentes e significativos devem ser apresentados, e se algum resultado for inconclusivo tem de ser apontado.

As relações e correlações entre os dados obtidos constituem o cerne dessa parte do relatório; aqui são oferecidas evidências à verificação das hipóteses, que se processa no item seguinte.

4.5.9 Interpretação dos Resultados

Corresponde à parte mais importante do relatório. É aqui que são transcritos os resultados, agora sob forma de evidências para a confirmação ou a refutação das hipóteses. Estas se dão segundo a relevância dos dados, demonstrados na parte anterior. Quando os dados são irrelevantes, inconclusivos, insuficientes, não se pode nem confirmar nem refutar a hipótese, e tal fato deve ser apontado agora não apenas sob o ângulo da análise estatística, mas também correlacionado com a hipótese enunciada.

Novamente aconselha-se a divisão em capítulos, segundo o conteúdo das diferentes hipóteses, indo da mais geral (básica) às particulares ou vice-versa.

É necessário assinalar:

- as discrepâncias entre os fatos obtidos e os previstos nas hipóteses;
- a comprovação ou a refutação da hipótese, ou, ainda, a impossibilidade de realizá-la;
- especificação da maneira pela qual foi feita a validação das hipóteses no que concerne aos dados;
- qual é o valor da generalização dos resultados para o universo, no que se refere aos objetivos determinados;
- maneiras pelas quais se pode maximizar o grau de verdade das generalizações;
- a medida em que a convalidação empírica permite atingir o estágio de enunciado de leis;
- como as provas obtidas mantêm a sustentabilidade da teoria, determinam sua limitação ou, até, a sua rejeição.

4.5.10 Conclusões

A apresentação e a análise dos dados, assim como a interpretação dos resultados, encaminham naturalmente às conclusões. Estas devem:

- evidenciar as conquistas alcançadas com o estudo;

- indicar as limitações e as reconsiderações;
- apontar a relação entre os fatos verificados e a teoria;
- representar "a súmula em que os argumentos, conceitos, fatos, hipóteses, teorias, modelos se unem e se completam" (Trujillo Ferrari, 1982:295).

A maneira de redigir as conclusões deve ser precisa e categórica, sendo as mesmas pertinentes e ligadas às diferentes partes do trabalho. Dessa forma, não podem perder-se em argumentações, mas, ao contrário, têm de refletir a relação entre os dados obtidos e as hipóteses enunciadas.

4.5.11 Recomendações e Sugestões

As recomendações consistem em indicações, de ordem prática, de intervenções na natureza ou na sociedade, de acordo com as conclusões da pesquisa.

Por sua vez, as sugestões são importantes para o desenvolvimento da ciência: apresentam novas temáticas de pesquisa, inclusive levantando novas hipóteses, abrindo caminho a outros pesquisadores.

4.5.12 Apêndices

Apresentando tabelas, quadros, gráficos e outras ilustrações que não figuram no texto; assim como o(s) instrumento(s) de pesquisa, o apêndice é composto de material trabalhado pelo próprio pesquisador.

4.5.13 Anexos

Constituídos de elementos esclarecedores de outra autoria, devem ser limitados, incluindo apenas o estritamente necessário à compreensão de partes do relatório.

4.5.14 Bibliografia

Inclui todas as obras já apresentadas no projeto, acrescidas das que foram sendo sucessivamente utilizadas durante a execução da pesquisa e a redação do relatório.

LITERATURA RECOMENDADA

ANDER-EGG, Ezequiel. *Introdución a las técnicas de investigación social:* para trabajadores sociales. 7. ed. Buenos Aires: Hamanitas, 1978. Segunda Parte, Capítulo 6 e Quarta Parte, Capítulo 26.

CASTRO, Claudio de Moura. *Estrutura e apresentação de publicações científicas.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976. Capítulos 1, 2 e 3.

——— . *A prática da pesquisa.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. Capítulo 5.

GOODE, William J., HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social.* 2. ed. São Paulo: Nacional, 1968. Capítulo 21.

HIRANO, Sedi (Org.). *Pesquisa social:* projeto e planejamento. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. Primeira Parte, Capítulo 3.

MARINHO, Pedro. *A pesquisa em ciências humanas.* Petrópolis: Vozes, 1980. Capítulo 2.

REHFELDT, Gládis Knak. *Monografia e tese:* guia prático. Porto Alegre: Sulina, 1980. Segunda Parte, Capítulos 11 e 13.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. Capítulos 4 e 8.

RUMMEL, J. Francis. *Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação.* 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1977.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia:* elementos de pesquisa. 3. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973. Segunda Parte, Capítulo 4.

SCHRADER, Achim. *Introdução à pesquisa social empírica:* um guia para o planejamento, a execução e a avaliação de projetos de pesquisa não experimentais. Porto Alegre: Globo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. Capítulos 2 a 15.

SELLTIZ, C. et. al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais.* 2. ed. São Paulo: Herder, EDUSP, 1967. Capítulos 2, 3, 12 a 14.

SIQUEIRA, L. Mesquita. *Pesquisa bibliográfica em tecnologia.* São José dos Campos: ITA, 1969 (Mimeografado). Capítulo 15.

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. *Metodolcgia da pesquisa científica.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982. Capítulo 10.

5

TRABALHOS CIENTÍFICOS

5.1 ASPECTOS GRÁFICOS E MATERIAIS DA REDAÇÃO

Todo trabalho científico obedece a uma norma internacional de apresentação, quer seja monografia, dissertação ou tese.

5.1.1 Tamanho das Folhas e Disposição do Texto

O tamanho das folhas deve corresponder ao "ofício", isto é, 31,5 cm por 21,5 cm. O texto deve ser datilografado em espaço dois, com o seguinte espaçamento:

margem superior: 3 cm
margem inferior: 2 cm
margem direita: 2 cm
margem esquerda: 3 cm
Estas distâncias são constantes ao longo do trabalho (Fig. 7).

O alinhamento da margem direita deve ser o mais rigoroso possível, não se admitindo, para dar uma falsa impressão de alinhamento, a utilização de recursos tais como travessões, barras ou qualquer outro sinal.

A numeração que se indica depois da página de rosto utiliza nas anteriores à Introdução algarismos romanos. A numeração com algarismos arábicos começa na primeira página da Introdução, mas leva em consideração todas as páginas anteriores, numeradas ou não. Portanto, o primeiro número a ser escrito poderá ser 6, 7, 8 ou outro número qualquer. Esses algarismos devem ser colocados no centro ou à direita, no alto da folha, a 1,5 cm da margem superior.

Os dizeres indicativos da Introdução, dos Capítulos em que se divide o corpo do trabalho, da Conclusão etc. vêm em página separada, no centro; esta página não é numerada mas se conta para efeito de numeração.

Os parágrafos podem obedecer a cinco, sete ou dez espaços adiante da margem esquerda.

A numeração dos capítulos é feita em algarismos arábicos, não seguidos de ponto e prescinde da palavra "capítulo". As subdivisões são numeradas com algarismos consecutivos, separados por ponto. *Exemplo:* 1, 1.1, 1.1.1, 1.1.1.1. Para evitar exageros na formação numérica consecutiva, recomenda-se depois de quatro algarismos, a utilização de letras maiúsculas, minúsculas ou números, seguidos de meio parêntese. *Exemplo:* A), a), 1).

A capa do trabalho contém os seguintes elementos: no alto da página, o nome do autor: bem no centro da página o título do trabalho (completo, incluindo subtítulo), seguido da indicação do número de volumes, se houver mais de um; embaixo, no centro, a cidade e o ano (Fig. 8).

5.1.2 Partes do Trabalho

A) *Preliminares*

1. Folha de Rosto
2. Ficha Catalográfica
3. Página de Aprovação (opcional)
4. Dedicatória (opcional)
5. Sinopse (geralmente em quatro línguas, incluindo português)
6. Agradecimentos
7. Relação de Quadros e Tabelas
8. Sumário

B) *Corpo do Trabalho*

1. Introdução
2. Desenvolvimento
3. Conclusões, Recomendações e/ou Sugestões

C) *Parte Referencial*

1. Apêndices e/ou Anexos
2. Glossário (opcional)
3. Bibliografia
4. Índice Remissivo de Assuntos e/ou Autores (opcional)

5.1.2.1 PRELIMINARES

a) *Folha de Rosto*

A folha de rosto consta dos seguintes elementos: no alto e ao centro, coloca-se o nome do autor. A seguir, o título completo do trabalho (que inclui o subtítulo). Mais abaixo, à direita, coloca-se uma explanação referente à natureza do trabalho, a instituição a que se destina e o objetivo acadêmico. Embaixo, centralizados, cidade e ano (Fig. 9).

b) *Ficha Catalográfica*

Recomenda-se consultar uma bibliotecária para preencher a ficha catalográfica. Esta vem à esquerda, de preferência no verso da folha de rosto (Fig. 10).

c) *Página de Aprovação*

Contém espaço destinado para assinatura dos examinadores, segundo a ordem de argüição com a indicação do orientador (Fig. 11).

d) *Dedicatória*

Oferecimento do trabalho a determinada pessoa ou pessoas. Pode também, em vez de oferecimento, conter alguma frase ou pensamento conciso, com a indicação do autor (Fig. 12).

e) *Sinopse*

Em inglês *abstract,* em francês *résumé,* em espanhol *síntese,* é uma apresentação concisa e seletiva do texto. Contém um resumo analítico do mesmo e deve dar relevo aos elementos de maior interesse e importância. Em geral, é redigida no final, após o término do trabalho, pelo próprio autor (Fig. 13).

f) *Agradecimentos*

Nomes das pessoas e/ou instituições que, de uma forma ou de outra, contribuíram na pesquisa. Devem ser expressos de maneira simples e sóbria, dando destaque especial ao orientador do trabalho.

g) *Relações de Quadros e Tabelas*

A relação é dispensável no caso em que as Tabelas constem no final do trabalho, em apêndice. Constitui-se do número da Tabela, seguido do título e da página onde se encontra.

h) *Sumário*

Deve oferecer ao leitor uma visão global do estudo realizado. Inclui todos os títulos principais e suas subdivisões, que recebem numeração progressiva (Fig. 14).

5.1.2.2 CORPO DO TRABALHO

a) *Introdução*

Apresentação do objeto, objetivos, justificativa e metodologia do trabalho. É redigida ao final do mesmo.

b) *Desenvolvimento*

Fundamentação lógica do trabalho, cuja finalidade é expor e demonstrar suas principais idéias. É subdividido em partes, capítulos, itens e subitens, cada um deles numerado progressivamente.

c) *Conclusões, Recomendações e/ou Sugestões*

Consiste no resumo completo, mas sintetizado, da argumentação desenvolvida na parte anterior, com recomendações e sugestões para se atuar sobre os fenômenos estudados e/ou prosseguir nos estudos. Sugere-se a separação desses três componentes.

5.1.2.3 PARTE REFERENCIAL

a) *Apêndices ou Anexos*

Apêndice refere-se a todo material elaborado pelo próprio autor como tabelas, gráficos, desenhos, mapas e outras figuras ilustrativas; técnicas de pesquisa utilizadas (questionário, formulário, entrevista, história de vida e semelhantes); organogramas, fluxogramas, cronogramas.

Anexo engloba todo documento auxiliar não elaborado pelo autor: quadros e tabelas estatísticos, legislação, estatutos, regimentos, ilustrações etc.

b) *Glossário*

Explicitação, em ordem alfabética, dos termos específicos e/ou técnicos, contidos no trabalho.

c) *Bibliografia*

Relação das obras consultadas, com a referência bibliográfica seguindo as normas da ABNT. Devem-se separar livros, revistas e publicações avulsas, jornais, documentação primária e cartográfica.

Pode-se ainda fazer a separação em bibliografia geral e específica.

d) *Índice remissivo de assuntos e/ou autores*

Rol de palavras-chave, em ordem alfabética, com a indicação das diferentes páginas. É uma forma de ajudar o leitor a localizar os diversos temas tratados no trabalho, assim como as referências aos autores (Fig. 15).

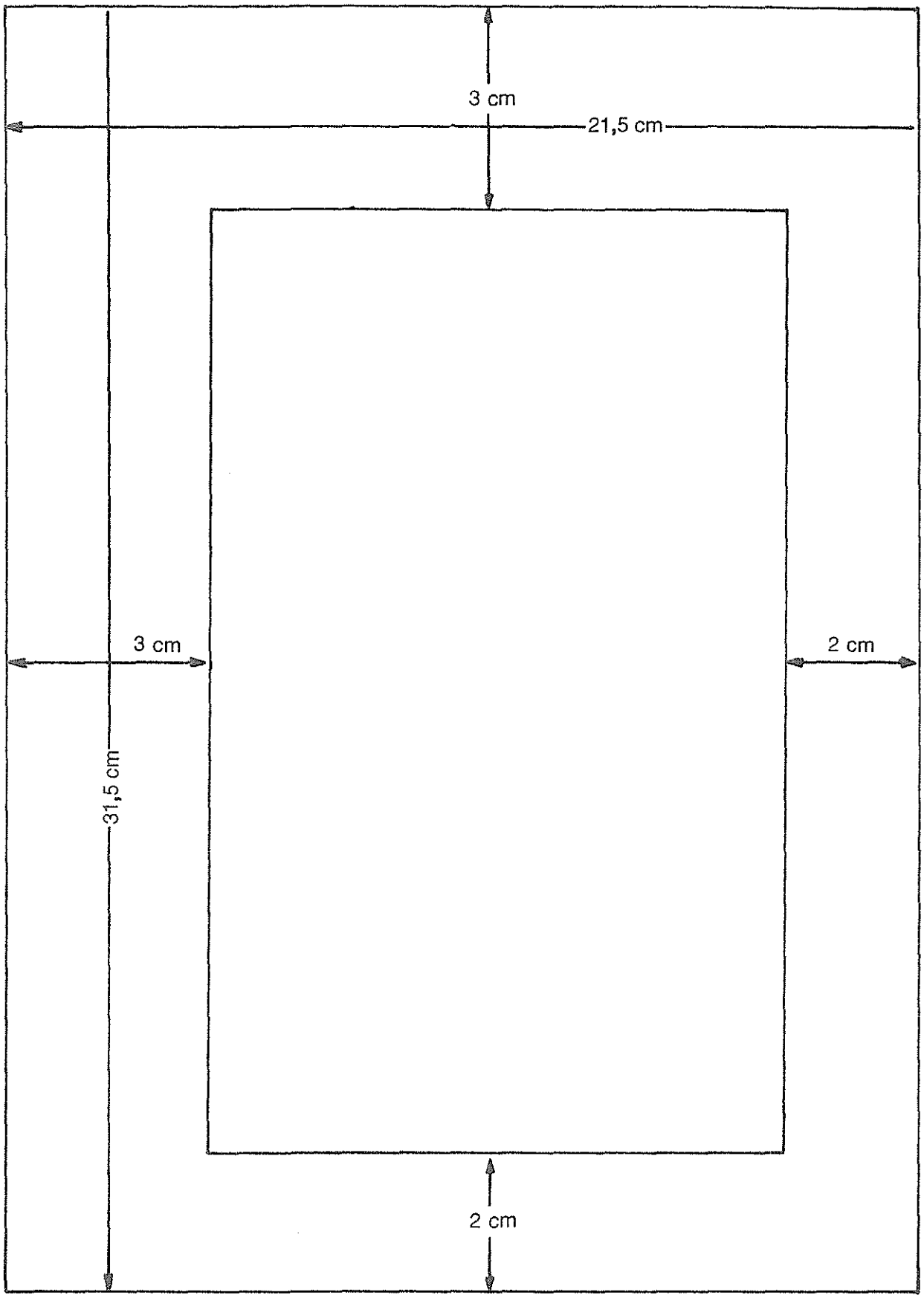

Figura 7. *Tamanho das folhas e distribuição do texto.*

EVA MARIA LAKATOS

O TRABALHO TEMPORÁRIO
Nova Forma de Relações Sociais no Trabalho

Vol. I

São Paulo
1979

Figura 8. *Capa.*

EVA MARIA LAKATOS

TRABALHO TEMPORÁRIO
Nova Forma de Relações Sociais no Trabalho

Tese apresentada à Escola de Sociologia e Política de São Paulo para obtenção do grau de Livre-Docente.

São Paulo
1979

Figura 9. *Página de rosto.*

301 LAKATOS, Eva Maria

L192t O trabalho temporário: nova forma de relações sociais no trabalho. São Paulo, Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Instituição Complementar da Universidade de São Paulo) 1979.

659 p. ilus. 2 v.

Bibliografia

Tese apresentada à Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Instituição Complementar da Universidade de São Paulo) para obtenção do grau de Livre-Docente.

1. Sociologia. 2. História – Revolução Industrial. 3. História – Sistema Feudal. 4. Metodologia – Sociologia. I. Título.

Figura 10. *Ficha catalográfica.*

1º Examinador _____
2º Examinador _____
3º Examinador _____
4º Examinador _____
5º Examinador _____
(orientador)

Figura 11. *Página de aprovação.*

ou

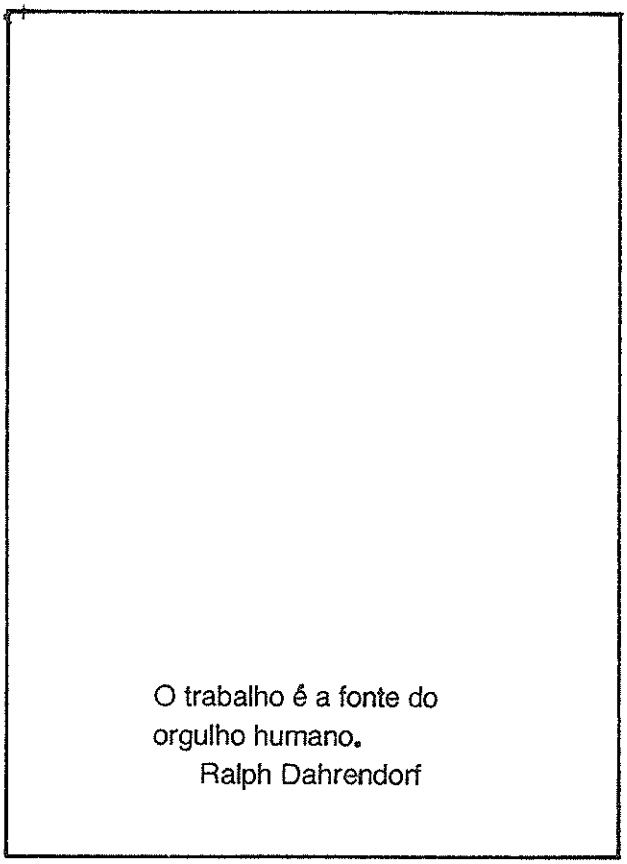

Figura 12. *Dedicatória.*

SINOPSE

Este trabalho divide-se em duas partes: uma geral e outra específica.

Na parte geral, preocupamo-nos com o enquadramento teórico do trabalho temporário entendido como conseqüência de uma relação triangular, regulamentada por uma legislação específica entre o empregador, que é a agência de mão-de-obra temporária, o trabalhador temporário e a empresa-cliente, que utiliza os serviços do trabalhador temporário. Demonstramos que o trabalho temporário é uma decorrência de certos fatores históricos que alterarem as relações sociais formais de produção, as relações sociais no trbalho, o grau de desenvolvimento econômico da sociedade e as formas de trabalho organizado.

Em outras palavras, o trabalho temporário é uma conseqüência do sistema fabril de produção, surgindo espontaneamente em determinada etapa do desenvolvimento econômico, inserindo-se, geralmente, em formas específicas de organização do trabalho – determinadas pela tecnologia e pluralistas – sob certas condições: organização contratual, contratos individuais e baseados na ocupação.

A parte específica, fundamentada em uma pesquisa realizada em 1976, com trabalhadores temporários de São Paulo, ABC e Rio de Janeiro, leva-nos à conclusão de que existe um conjunto de características (atributos) que diferenciam o trabalhador temporário do fico, sendo estas características uma decorrência da atividade exercida e do tempo de exercício da função de temporário, e o trabalhador é encaminhado a ela exclusivamente pela insuficiência de oferta de empregos (fixos) perante a procura.

Figura 13. *Sinopse.*

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA I
SINOPSE II
ABSTRACT III
RÉSUMÉ IV
SINTESIS V
AGRADECIMENTOS VI
RELAÇÃO DE TABELAS E GRÁFICOS VII
INTRODUÇÃO 15
PARTE GERAL

1. A SOCIEDADE PRÉ-INDUSTRIAL: DO FEUDALISMO À REVOLUÇÃO INDUSTRIAL 21
   1.1 Etapas do Desenvolvimento Econômico 23
      1.1.1 Século X 23
      1.1.2 Alta Idade Média 27
      1.1.3 Séculos XIV e XV 31
      1.1.4 Séculos XV a XVII 35
      1.1.5 Segunda Metade do Século XVII 39
      1.1.6 Fim do Século XVII 43
   1.2 Fases da Organização Industrial 49
. . .
2. INDUSTRIALIZAÇÃO E INDUSTRIALISMO: PRIMÓRDIOS E DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA 108
. . .
3. O TRABALHO TEMPORÁRIO COMO RESULTANTE DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E DAS ALTERAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO 221
. . .
PARTE ESPECIAL - VOLUME II
. . .
4 METODOLOGIA DA PESQUISA 359
. . .
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS 402
. . .
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES 587
APÊNDICE 1 – Formulários Utilizados na Pesquisa 598
APÊNDICE 2 – Tabelas 604
BIBLIOGRAFIA 652

Figura 14. *Sumário.*

"Ação", pesquisa em, 162
Aikenhjead, John Douglas, 40, 42, 45, 50, 51
Albaug, Ralph M., 21
Âmbitos de estudo, 63
American Association of Colleges

for Teacher Education, 24

American Educational Research Association, 24

Amostragem

composição na, 63-65

conceito de, 29

de área, 70-72

de estágios múltiplos, 74-75

de julgamentos, 73-74

de população, 62-75

de quotas, 73

etc. ...

Fonte: RUMMEL, Francis K. **Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação.** Porto Alegre: Globo, 1972, p. 347.

Figura 15. *Índice remissivo.*

Ordem de Paginação	Títulos das Páginas	Número da Página
1º	Página de Rosto	Não há
2º	Ficha Catalográfica	Reverso da página de rosto
3º	Página de Aprovação	Não coloca
4º	Dedicatória	I
5º	Sinopse	II
6º	Abstract	III
7º	Résumé	IV
8º	Síntese	V
9º	Agradecimentos	VI
10º	Relação de Quadros e Tabelas	VII e o que se segue, se for necessário
11º	Sumário	VIII ou outro que se segue
12º	Introdução (Título)	Não coloca
13º	Introdução (Texto)	10 ou outra que se segue
14º	Capítulo 1 (Título)	Não coloca
15º	Capítulo 1 (Texto)	A que segue
16º	.....	.....

As páginas onde não se coloca a numeração contam-se para efeitos da mesma. Todas as que foram enumeradas com algarismos romanos são contadas para se iniciar a numeração em algarismos arábicos.

Figura 16. *Resumo da paginação dos Trabalhos Científicos.*

5.2 MONOGRAFIA

A monografia é o primeiro passo da atividade científica do pesquisador. Algumas faculdades exigem que seus alunos, para obtenção de grau, realizem um trabalho científico de final de curso, ou seja, a monografia.

No campo das Ciências Sociais a técnica da monografia teve início com o sociólogo francês Frederico Le Play.

5.2.1 Conceitos

São numerosos e variados os conceitos dos diferentes autores sobre monografia.

Asti Vera (1979:164) define monografia como sendo o "tratamento escrito de um tema específico", e Salomon (1972:207); como o "tratamento escrito de um tema específico que resulte de interpretação científica com escopo de apresentar uma contribuição relevante ou original e pessoal à ciência". Farina (Apud: Salvador, 1980:32) considera a monografia como "um estudo científico de uma questão bem determinada e limitada, realizado com profundidade e de forma exaustiva", e Alonso (Apud: Salvador, 1980:32) define como "descrição ou tratado especial de determinada parte de uma ciência ou de um assunto particular".

A American Library Association dá o seguinte conceito: "é um trabalho sistemático e completo sobre um assunto particular, usualmente pormenorizado no tratamento mas não extenso no alcance".

Monografia significa, portanto, para Asti Vera, um tema específico qualquer, que recebe tratamento escrito; Salomon acrescenta que, além da interpretação científica, o estudo deve trazer uma contribuição válida para a ciência. Do ponto de vista de Farina, a monografia exige uma limitação do tema, para se dar um tratamento aprofundado e exaustivo. Alonso indica que a limitação se refere a uma das partes da ciência ou então apenas a um aspecto dessa ciência.

Nos Estados Unidos, a Associação de Livrarias salienta que, além de particular e pormenorizado, o tratamento da monografia deve ser restrito em seu alcance.

Trata-se, portanto, de um estudo sobre um tema específico ou particular, com suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia. Investiga determinado assunto não só em profundidade, mas em todos os seus ângulos e aspectos, dependendo dos fins a que se destina.

Tem como base a escolha de uma unidade ou elemento social, sob duas circunstâncias: 1) ser suficientemente representativo de um todo cujas características se analisam; 2) ser capaz de reunir os elementos constitutivos de um sistema social ou de refletir as incidências e fenômenos de caráter autenticamente coletivo.

5.2.2 Características

Analisando-se os diferentes conceitos, pode-se observar que a monografia apresenta algumas características:

a) trabalho escrito, sistemático e completo;
b) tema específico ou particular de uma ciência ou parte dela;
c) estudo pormenorizado e exaustivo, abordando vários aspectos e ângulos do caso;
d) tratamento extenso em profundidade, mas não em alcance (nesse caso é limitado);
e) metodologia científica;
f) contribuição importante, original e pessoal para a ciência.

A característica essencial não é a extensão, como querem alguns autores, mas o caráter do trabalho (tratamento de um tema delimitado) e atualidade da tarefa, isto é, o nível da pesquisa, que está intimamente ligado aos objetivos propostos para a sua elaboração.

Barquero (1979:16-25) analisa a monografia sob os seguintes aspectos:

A) a monografia **não é:**
   - *repetir o que já foi dito por outro,* sem se apresentar nada de novo ou em relação ao enfoque, ao desenvolvimento ou às conclusões;
   - *responder a uma espécie de questionário;* não é executar um trabalho semelhante ao que se faz em um exame ou deveres escolares;
   - *manifestar meras opiniões pessoais,* sem fundamentá-las com dados comprobatórios logicamente correlacionados e embasados em raciocínio;
   - *expor idéias demasiado abstratas,* alheias tanto aos pensamentos, preocupações, conhecimentos ou desejos pessoais do autor da monografia como de sua particular maturidade psicológica e intelectual;
   - *manifestar uma erudição livresca,* citando frases irrelevantes, não pertinentes e mal-assimiladas, ou desenvolver perífrases sem conteúdo ou distanciadas da particular experiência de cada caso.

B) a monografia **é:**
   - um trabalho que *observa* e *acumula* observações;
   - *organiza* essas informações e observações;
   - *procura* as relações e regularidades que podem haver entre elas;
   - *indaga* sobre os seus porquês;
   - *utiliza* de forma inteligente as leituras e experiências para comprovação;
   - *comunica* aos demais seus resultados.

C) finalidades da monografia:

- *descobrir* e *redescobrir* a verdade;
- *esclarecer* fatos ou teorias obscuras ou não plenamente conhecidos;
- *enriquecer* e aprofundar o rol de noções científicas por intermédio de um trabalho metódico e rigoroso;
- *ordenar e hierarquizar* conhecimentos e experiências;
- *comunicar* eficazmente as descobertas.

D) as afirmações científicas componentes da monografia:

- expressam uma descoberta verdadeira;
- apresentam *provas*. Para muitos, é a comprovação que distingue o científico daquele que não o é. Em conseqüência, pode-se afirmar que a maior arte de uma investigação científica consiste na procura de provas conclusivas;
- pretendem ser *objetivas*, ou seja, independentes do pesquisador que as apresenta: qualquer outro investigador deve poder encontrar o mesmo resultado, isto é, verificar as afirmações ou, com o seu trabalho, refutá-las ou modificá-las;
- possuem uma *formulação geral*. A ciência procura, classifica e relaciona fatos ou fenômenos com a intenção de encontrar os princípios gerais que os governam;
- são, geralmente, *sistemáticas*, portanto, ordenadas segundo princípios lógicos;
- expõem *interpretações* e *relações* entre os fatos-fenômenos assim como suas regularidades.

5.2.3 Objetivos

A monografia corresponde a dois objetivos distintos: externo e interno.

Externo, quando visa satisfazer um requisito para obtenção de grau, título ou avaliação escolar.

Interno, tendo em vista a satisfação interior.

Barquero (1979:27-28) relaciona alguns aspectos:

a) *Manifestar* a própria personalidade:

- revelando os gostos e as tendências;
- exteriorizando o espírito de iniciativa e a criatividade;
- demonstrando a amplitude de juízos;
- revelando a capacidade de seleção em função de metas determinadas;
- revelando progressiva liberdade no trato científico.

b) *Expor:*

- a própria cultura, e experiência adquirida das leituras, vivência, conhecimento etc.;
- a capacidade analítica e valorativa em relação a princípios objetivos e critérios próprios;
- capacidade de distinguir os fatos das opiniões, as diferentes relações entre os fatos e os fenômenos;
- as próprias opiniões, deduções, realizações etc.;

c) *Comunicar por escrito o resultado de uma descoberta pessoal.*

5.2.4 Tipos de Monografia

Os estudantes, ao longo de suas carreiras, precisam apresentar uma série de trabalhos que se diferenciam uns dos outros quanto ao nível de escolaridade e quanto ao conteúdo. Via de regra, para o término do curso de graduação, os estudantes têm o compromisso de elaborar um trabalho baseado geralmente, em fontes bibliográficas que não precisa ser extenso. À medida que ascende na carreira universitária, esses trabalhos vão exigindo maior embasamento, mais reflexão, mais amplitude e criatividade.

Alguns autores, apesar de darem o nome genérico de monografia a todos os trabalhos científicos, diferenciam uns dos outros de acordo com o nível da pesquisa, a profundidade e a finalidade do estudo, a metodologia utilizada e a originalidade do tema e das conclusões.

Dessa maneira, podem-se distinguir três tipos: monografia, dissertação e tese, que obedecem a esta ordem crescente, em relação à originalidade, à profundidade e à extensão. Há os que incluem nesta relação a memória científica, que ora se aproxima da monografia apresentada no final do curso de graduação (memória recapitulativa), ora da dissertação de mestrado (memória científica original) e até mesmo da tese de doutoramento.

Salomon (1972:219) classifica a monografia em dois sentidos:

a) "**Lato.** Todo trabalho científico de 'primeira mão' que resulte da investigação científica." Inclui nesse item as dissertações, as exercitações, as tesinas, certos relatórios de pesquisa, informes científicos ou técnicos e as memórias científicas.

b) "**Estrito.** Quando se identifica com a tese."

Há os que apresentam outra divisão:

a) **Monografias escolares** ou trabalhos de caráter didático, apresentados ao final de um curso específico, elaboradas por alunos iniciantes na autentica monografia ou de "iniciação à pesquisa e como preparação de

seminários" (Salvador, 1980:32). Também chamados trabalhos de média divulgação, porque são baseados em dados de segunda mão.

b) **Monografia científica.** Trabalhos científicos apresentados ao final do curso de mestrado.

5.2.5 Estrutura da Monografia

Os trabalhos científicos, em geral, apresentam a mesma estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Pode haver diferença quanto ao material, o enfoque dado, a utilização desse ou daquele método, dessa ou daquela técnica, mas não em relação à forma e a estrutura. Pode ser ainda, mais ou menos profundo.

a) **Introdução.** Formulação clara e simples do tema de investigação; é a apresentação sintética da questão, sua justificativa, objeto e objetivos, importância da metodologia utilizada e rápida referência a trabalhos anteriores realizados sobre o mesmo assunto.

b) **Desenvolvimento.** Fundamentação lógica do trabalho de pesquisa, cuja finalidade é expor e demonstrar as principais idéias.

No desenvolvimento, podem-se levar em consideração três fases ou estágios: explicação, discussão e demonstração.

- *Explicação* "é o ato pelo qual se faz explícito o implícito, claro o escuro, simples o complexo" (Asti Vera, 1979:169). Explicar é apresentar o sentido de uma noção, é analisar e compreender, procurando suprimir o ambíguo ou obscuro.
- *Discussão* é o exame, a argumentação e a explicação da pesquisa: explica, discute, fundamenta e enuncia as proposições.
- *Demonstração* é a dedução lógica do trabalho; implica o exercício do raciocínio. Demonstra que as proposições, para atingirem o objetivo formal do trabalho e não se afastarem do tema, devem obedecer a uma seqüência lógica.

c) **Conclusão.** Fase final do trabalho de pesquisa que, assim como a introdução e o desenvolvimento, possui uma estrutura própria. Consiste no resumo completo, mas sintetizado, da argumentação dos dados e dos exemplos constantes das duas primeiras partes do trabalho. Da conclusão devem constar a relação existente entre as diferentes partes da argumentação e a união das idéias e, ainda, conter o fecho da introdução ou síntese de toda a reflexão.

5.2.6 Escolha do Tema

Na escolha do tema, o estudante poderá tomar a iniciativa selecionando um assunto ou problema de trabalho, de acordo com suas preferências, evidenciadas durante o curso de graduação. Pode aceitar o tema indicado pelo professor ou escolher um tópico, constante de uma relação oferecida pelo orientador, tendo sempre em vista o seu interesse.

O tema geral de um estudo também "pode ser sugerido por alguma vantagem prática ou interesse científico ou intelectual em benefício dos conhecimentos sobre certa situação particular", afirma Selltiz (1965:33-34).

Escolhido o tema, a primeira coisa a fazer é procurar conhecer o que a ciência atual sabe sobre o mesmo, para não cair no erro de apresentar como novo o que já é conhecido há tempos, de demonstrar o óbvio ou de preocupar-se em demasia com detalhes sem grande importância, desnecessários ao estudo.

Este trabalho prévio abrange três aspectos:

a) orientação geral sobre a matéria que vai ser desenvolvida;

b) conhecimento da bibliografia pertinente;

c) reunião, seleção e ordenação do material levantado.

A bibliografia relacionada com o estudo, muitas vezes, é indicada pelo próprio professor e/ou orientador. Nesse caso, o estudante tem à sua disposição o material necessário ao seu trabalho.

Outros pontos importantes a serem considerados: relevância do assunto, áreas controvertidas ou obscuras, natureza e extensão da contribuição.

No conhecimento da bibliografia faz-se necessário consultar, ler e fichar os estudos já realizados sobre o tema, com espírito crítico, valendo-se da literatura especializada, a partir dos trabalhos mais gerais e indo a seguir para os estudos mais específicos.

Quanto ao assunto escolhido, devem-se ainda observar algumas qualidades importantes:

a) ser proporcional (em suas partes);

b) ter valor científico;

c) não ser extenso demais ou muito restrito;

d) ser claro e bem delineado.

As monografias referentes ao grau de conclusão do estudante universitário não podem ser consideradas verdadeiros trabalhos de pesquisa (para o qual os estudantes não estão ainda capacitados, salvo raras exceções) mas estudos iniciais de pesquisa.

O trabalho de investigação – teórico ou prático, bibliográfico ou de campo – dá oportunidade ao estudante para explorar determinado tema ou problema, levando-o a

um estudo com maior ou menor profundidade e/ou extensão. Possibilita o desenvolvimento de sua capacidade de coletar, organizar e relatar informações obtidas e, mais, de analisar e até de interpretar os dados de maneira lógica e apresentar conclusões.

5.2.7 Esquema

Após a explicitação clara e objetiva do tema, passa-se à elaboração de um plano que poderá sofrer alterações futuras. Há duas maneiras de montar o esquema:

a) anotar as partes, capítulos e subitens;

b) redigir afirmações que serão expandidas no relatório. Esta forma exige mais reflexão, pois é necessário conhecer não apenas os vários tópicos que serão discutidos, mas também, especificamente, o que se vai dizer na monografia.

5.2.7.1 ESQUEMA DE TÓPICOS – EXEMPLO

1 Introdução
2 Fases da Organização da Produção
  2.1 Relações Sociais Formais de Produção
    2.1.1 Sistema Familiar
    2.1.2 Sistema de Corporações
    2.1.3 Sistema Doméstico
    2.1.4 Sistema Fabril
  2.2 Relações Sociais no Trabalho
    . . .
3 As Elites e a Introdução dos Processos de Industrialização
  3.1 Elite Dinástica
    3.1.1 "Realistas"
    3.1.2 "Tradicionalistas"
    3.1.3 "Decadentes"
  3.2 A Classe Média
    . . .
. . .
7. Conclusões

5.2.7.2 ESQUEMA DE FRASES – EXEMPLO

1 A organização da produção abrange as relações sociais formais de produção, mais duradouras e estáveis, e as relações sociais do trabalho.

  1.1 As relações sociais formais de produção resultam dos direitos definidos de acesso ao particular meio de vida e de participação nos resultados do processo de produção.

1.1.1 As relações sociais formais de produção, aliadas a um baixo nível de técnica, com instrumentos de produção simples e de baixo custo, onde o ato de produção possui caráter individual, entendidas como "servidão feudal", caracterizam o sistema familiar de produção.

1.1.2 As relações sociais formais de produção, na estrutura das corporações, ocorrem entre três classes de membros: mestres, artesões e aprendizes, reunidos no lar da oficina.

1.1.3 As relações sociais formais de produção, no sistema doméstico, englobam apenas duas "classes" no processo produtivo: os trabalhadores (ou famílias de trabalhadores), de um lado, e o empresário de outro, ligados apenas por um vínculo salarial (salários para os primeiros e o produto acabado para o segundo).

1.1.4 As relações sociais formais de produção, no sistema fabril, mantêm e acentuam a existência de duas "classes": compradores e vendedores de uma mercadoria – o trabalho.

1.2 As relações sociais no trabalho compreendem aquelas relações que se originam da associação entre indivíduos no processo cooperativo de produção, sendo, portanto, de caráter direto ou primário, envolvendo contatos pessoais.

. . . . . .

5.3 DISSERTAÇÃO

5.3.1 Conceitos

A dissertação é "um estudo teórico, de natureza reflexiva, que consiste na ordenação de idéias sobre determinado tema" (Salvador, 1980:35) "aplicação de uma teoria já existente para analisar determinado problema" (Rehfeldt, 1980:62), ou "trabalho feito nos moldes da tese, com a peculiaridade de ser ainda uma tese inicial ou em miniatura" (Salomon, 1972:222).

A dissertação é, portanto, um tipo de trabalho científico apresentado ao final do curso de pós-graduação, visando obter o título de mestre. Requer defesa de tese.

Tem caráter didático, pois se constitui em um treinamento ou iniciação à investigação.

Como estudo teórico, de natureza reflexiva, requer sistematização, ordenação e interpretação dos dados. Por ser um estudo formal, exige metodologia própria do trabalho científico.

Situa-se entre a monografia e a tese, porque aborda temas em maior extensão e profundidade do que aquela e é fruto de reflexão e de rigor científico, próprio desta última.

A estrutura e o plano de trabalho da dissertação praticamente são idênticos aos da tese, mas esta se distingue da dissertação pela contribuição significativa na solução de problemas importantes, colaborando para o avanço científico, na área em que o estudo se realiza.

5.3.2 Tipos

Para Salomon (1972:224), há dois tipos de dissertação:

a) **Dissertação monográfica** ou tratamento escrito de assunto específico, com metodologia adequada e de caráter eminentemente didático;

b) **Dissertação científica** ou tratamento escrito, original, de assunto específico, com metodologia própria que resulte de pesquisa pura ou aplicada.

Para Salvador (1980:35), a dissertação pode ser:

a) **Expositiva.** Quando reúne e relaciona material obtido de diferentes fontes, expondo o assunto com fidedignidade e desmontrando habilidade não só de levantamento, mas também de organização.

b) **Argumentativa.** Quando requer interpretação das idéias apresentadas e o posicionamento do pesquisador.

Alguns autores usam os termos tese de mestrado e memória doutoral, opondo-se aos citados anteriormente, mas é menos usual.

A dissertação (tese de mestrado) é de natureza semelhante à tese (memória doutoral), no sentido de que contribui, de modo substancial, na solução de problemas importantes.

Além dos aspectos de qualidade, existem as limitações de tempo, de fundos e de esforços que geralmente restringem a extensão e a quantidade do estudo, aspectos que não podem deixar de ser considerados em trabalhos desse tipo.

5.3.3 Escolha do Tema

Dado que o tema de uma dissertação requer tratamento científico, deve ser especializado. Não sendo possível um indivíduo dominar a totalidade de uma ciência específica, faz-se necessário selecionar um tema que possa ser tratado em profundidade.

Vantagens de especialização:

a) possibilidade de investigar, em profundidade, uma parte da ciência, chegando a conclusões e deduções mais concretas;

b) facilidade de encontrar um método mais adequado, que leve ao conhecimento aprofundado através de técnicas e instrumentos de trabalho;

c) viabilidade na consulta de monografias e artigos especializados, o que será impossível, dado a sua quantidade, se o campo não for restrito.

Entretanto, não se devem perder de vista os perigos que a especialização apresenta, ou seja, ela impede o trabalho de síntese e de correlação entre as ciências, dá uma visão unilateral das coisas e ainda prejudica no tocante aos outros conhecimentos que extrapolam a especialização.

Qualidades do tema escolhido:

a) adequado à cultura geral, às preferências pessoais, aos idiomas que conhece e à especialidade que domina;

b) relativo aos meios físicos (tempo e recursos financeiros) de que dispõe;

c) disponibilidade de orientação acadêmica da área em questão;

d) importância do tema. Deve estar ligado a uma questão teórica ou concreta que afeta um segmento substancial da sociedade;

e) nem demasiado extenso nem muito restrito. A extensão prejudica a profundidade e a restrição leva ao desenvolvimento de questões sem importância;

f) claro e bem delimitado, para ser bem compreendido e objetivo, facilitando o domínio do tema;

g) originalidade, quer na abordagem, quer nas conclusões a que se chega;

h) exeqüibilidade. Que pode chegar a uma conclusão válida.

Para uma adequada seleção do tema faz-se necessário responder às seguintes questões:

a) que conhecimento e/ou experiências possuo do tema?

b) de que documentação e/ou experimentação necessito?

c) posso obter a documentação com facilidade?

d) existem técnicas adequadas de experimentação?

e) que possíveis enfoques prevejo?

f) interesso-me pela procura de soluções para o problema?

g) tenho possibilidade de conseguir a orientação de um especialista no assunto?

Numa segunda fase, deve-se tentar compreender o tema, ou seja:

a) levantar conjeturas sobre os possíveis enfoques, planejando a estratégia do caminho a percorrer;

b) delimitar o tema, fugindo das grandes formulações e dos grandes temas, assim como de aspectos distantes da experiência pessoal e dos meios de documentação;

c) analisar a formulação do tema em sua totalidade, isto é, seu significado literal explícito e seu significado implícito (Barquero, 1979:34-35).

5.3.4 Problemas, Hipóteses e Variáveis

Enquanto o tema de uma pesquisa é uma proposição até certo ponto abrangente, a formulação do problema é mais específica: indica exatamente qual a dificuldade que se pretende resolver.

"Formular o problema consiste em dizer, de maneira explícita, clara, compreensível e operacional, qual a dificuldade com a qual nos defrontamos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando suas características. Desta forma, o objetivo da formulação do problema é torná-lo individualizado, específico, inconfundível" (Rudio, 1978:75).

O problema, antes de ser considerado apropriado, deve ser analisado sob o aspecto de sua valoração:

a) **viabilidade.** Pode ser eficazmente resolvido através da pesquisa;
b) **relevância.** Deve ser capaz de trazer conhecimentos novos;
c) **novidade.** Estar adequado ao estádio atual da evolução científica, e trazer novo enfoque e/ou soluções;
d) **exeqüibilidade.** Pode chegar a uma conclusão válida;
e) **oportunidade.** Atender interesses particulares e gerais.

Uma vez formulado o problema, com a certeza de ser cientificamente válido, propõe-se uma resposta "suposta, provável e provisória", isto é, uma hipótese. Ambos, problemas e hipóteses, são enunciados de relações entre variáveis (fatos, fenômenos); a diferença reside em que o problema constitui-se em sentença interrogativa, e a hipótese, sentença afirmativa mais específica.

A hipótese é um enunciado geral de relações entre variáveis (fatos, fenômenos), formulado como solução provisória para determinado problema, apresentando caráter explicativo ou preditivo, compatível com o conhecimento científico (coerência externa) e revelando consistência lógica (coerência interna), sendo passível de verificação empírica em suas conseqüências.

Uma variável pode ser considerada uma classificação ou medida; uma quantidade que varia; um conceito, constructo ou conceito operacional que contém ou apresenta valores; aspecto, propriedade ou fator, discernível em um objeto de estudo e passível de mensuração. Os valores que são adicionados ao conceito, constructo ou conceito operacional, para transformá-lo em variável, podem ser quantidades, qualidades, característica, magnitudes, traços etc., que se alteram em cada caso particular e são totalmente abrangentes e mutuamente exclusivos. Por sua vez, o conceito operacional pode ser um objeto, processo, agente, fenômeno, problema etc.

Um estudo deve ter pelo menos duas variáveis: independente e dependente. Para análise dos tipos e relações entre variáveis, ver *Metodologia cientffica,* das mesmas autoras (Atlas, 1982).

Exemplo:

Tema: O Artesanato na região de Franca

Problema: continua o artesanato uma atividade tradicional, transmitida de geração para geração, ou se configura como uma opção para a mão-de-obra ociosa?

Hipótese: O artesanato é uma atividade complementar que tende a uma diminuição em frente da concorrência dos produtos industrializados.

Variáveis: X (variável independente) = concorrência dos produtos industrializados;

Y_1 (primeira variável dependente) = diminuição da atividade de artesanato;

Y_2 (segunda variável dependente) = transformação do artesanato em atividade complementar.

5.3.5 Esquema

A elaboração do plano de trabalho (esquema) obedece à estrutura comum dos trabalhos cientfficos. As partes componentes, como foi explicitado ao se tratar da monografia, englobam:

a) **Introdução.** Consiste na formulação do tema, delimitação no tempo e no espaço, objeto, objetivos, justificativa, metodologia e referência teórica.

b) **Desenvolvimento.** Corpo da dissertação. Inclui: revisão da literatura; formulação do problema, hipóteses e variáveis, pressupostos teóricos; descrição dos métodos e técnicas da pesquisa; explicitação dos conceitos; análise e interpretação dos dados.

A disposição do corpo da dissertação faz-se em três estágios: explicação, discussão e demonstração.

O desenvolvimento é subdividido em partes ou capítulos.

c) **Conclusões.** Apresentação dos principais resultados obtidos, vinculados à hipótese de investigação, cujo conteúdo foi comprovado ou refutado.

Exemplo:

Título: O Conceito de Saúde como Parte de um Programa de Educação da Saúde (Luiz Maria Pinto)

INTRODUÇÃO

1 EDUCAÇÃO DA SAÚDE – REVISÃO DA LITERATURA, ANÁLISE CRÍTICA E SUGESTÕES

1.1 O Conceito de Saúde

1.2 O Papel da Educação da Saúde
1.2.1 Visão Histórica
1.2.2 Objetivos
1.2.3 Campos de Ação
1.2.4 A Quem Compete a Prática da Educação da Saúde?

1.3 A Saúde Escolar e a Educação da Saúde na Escola
1.3.1 O Papel da Escola
1.3.2 A Saúde Escolar
1.3.3 A Educação da Saúde como Parte da Saúde Escolar
1.3.3.1 O Conteúdo do Programa de Educação da Saúde
1.3.3.2 Operacionalização do Programa de Educação da Saúde
1.3.4 A Educação da Saúde na Escola Brasileira

2 O CONCEITO DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO DA SAÚDE
2.1 Aspectos do Conceito de Trabalho
2.1.1 O Ser Humano e suas Necessidades Básicas
2.1.2 Trabalho como Atividade

2.2 A Educação para o trabalho na Escola
2.2.1 A Educação como Processo Integral
2.2.2 O Adolescente, o Trabalho e a Escola
2.2.3 A Educação para o Trabalho na Escola – Aspectos Legais
2.2.4 A Educação para o trabalho na Escola – Análise Crítica

3 METODOLOGIA DA PESQUISA
3.1 Problema
3.2 Hipóteses
3.3 Variáveis
3.4 Pressupostos Teóricos
3.5 Conceitos Operacionais
3.5.1 Conceitos, Constructos, Termos Teóricos e Definição Operacional
3.5.2 Conceitos utilizados na Dissertação
3.6 Universo
3.7 Variante do Plano Clássico de Mil
3.8 Escolha de Grupos
3.9 Descrição da Técnica Não-Diretiva da Discussão do Texto
3.10 Descrição da Técnica da Entrevista – Pré-Teste
3.11 Coleta e Organização dos Dados Obtidos na Entrevista
3.12 Descrição da Técnica do Formulário

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA - EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS
4.1 Descrição da População Pesquisada
4.2 Descrição dos Encontros
4.3 Análise e Interpretação dos Resultados
4.4 Comprovação da Hipótese Básica
4.5 Comprovação das Hipóteses Secundárias
4.6 Importância do Conceito de Trabalho na Educação da Saúde

5.3.6 Avaliação Metodológica do Trabalho

Realizado o primeiro esquema, deve-se revê-lo cuidadosamente, utilizando as seguintes indagações:

a) *a hipótese está explícita?* Como o problema pode ter vários aspectos, é importante subordinar as proposições menores às mais importantes;

b) *apresentaram-se os antecedentes de observação e leitura que conduziram à hipótese?* Independente de sua origem, a hipótese deve ter uma justificativa intelectual. Em decorrência desse fato, há necessidade de uma conexão entre a hipótese de trabalho e a teoria existente sobre o assunto;

c) *os problemas e hipóteses foram propostos em termos científicos?* A dissertação é uma tentativa de demonstrar e não de persuadir. A linguagem deve levar em consideração os conceitos. "Se a terminologia existente é considerada confusa (...) o trabalho deve tentar esclarecer o uso que dela faz" (Goode & Hatt, 1969:463);

d) *o plano de pesquisa foi apresentado em pormenores de modo que sua lógica seja aparente?* O trabalho deve demonstrar o que realmente ocorreu e nem sempre o que se esperava;

e) *as várias subproposições foram derivadas e relacionadas com as observações contidas no trabalho?* Geralmente o pesquisador dispõe de maior número de dados coletados do que os necessários para a elaboração do trabalho. Deve selecionar os mais importantes para os fins que tem em vista. Por outro lado, todos os dados necessários têm de ser explicitados;

f) *o corpo do trabalho realmente resume e indica nova pesquisa?* Essa parte do trabalho deve condensar todos os dados pertinentes e aqueles que podem sugerir idéias para uma nova pesquisa. (Goode & Hatt, 1969: 462-464).

Trujillo Ferrari (1982:280) indica que é possível realizar a crítica do esquema através do questionamento referente ao assunto, ao conteúdo e aos procedimentos.

a) Indagações relacionadas com o assunto:

"1) O tema escolhido foi definido adequadamente no que diz respeito à pertinência, precisão e especificação?

2) O tema tem significado quanto à [relação da] teoria com a prática? Ou ainda, o tema está proposto de modo suficiente e tem potencialidade de significância?

3) O tema não é mais uma duplicação de trabalhos já realizados?

4) O tema tem adequada limitação espacial, temporal e funcional?

5) O objetivo do relatório é muito ambicioso ou corresponde à relevância do conhecimento que pretende alcançar?

6) Os objetivos foram pesquisados em profundidade?"

b) Indagações relacionadas com o conteúdo:

"7) Os termos e conceitos-chave estão suficientemente explicitados?

8) Os termos e conceitos são adequados ou suficientes para a formação de indicadores e índices?

9) As hipóteses estão explícitas e propostas em termos científicos?

10) Prestou atenção adequada nas leituras e as hipóteses inferidas são correspondentes?

11) A bibliografia concursada é a mais adequada para o domínio em questão?"

c) Indagações relacionadas aos procedimentos:

"12) O roteiro da pesquisa foi observado à risca nos seus pormenores para que a lógica não seja apenas aparente?

13) Os dados obtidos na pesquisa servem para testar as proposições fundamentais?"

5.3.7 Redação

A redação do trabalho científico deve estar de acordo com os requisitos do método científico. Para maiores detalhes ver 5.4.6.

5.4 TESE

A tese é uma das modalidades de trabalho científico cuja origem se encontra na Idade Média. Na época das universidades a defesa de tese representava "o momento culminante de quem aspirava ao título de 'doutor' " (Salomon, 1972: 211). Hoje, a exigência da tese faz-se em dois níveis: para obtenção do título de doutor ou de livre-docente.

5.4.1 Conceitos

São várias, mas não contraditórias, as definições de teses formuladas por diferentes autores.

Tese é "opinião ou posição que alguém sustenta e está preparado para defender" (Barrass, 1979:152); "proposição que trata de demonstrar (...), enunciação prévia do assunto ou doutrina, objeto de exame e discussão", que se deve "apresentar, sustentar e defender em discussão pública contra objeções que lhe devem opor os examinadores" (Vega, 1969:620); proposição clara e terminantemente formulada em um de seus aspectos formal ou material, e que se submete à discussão ou prova, "ato culminante do pensar reflexivo" (Whitney, 1958:368). Para Leite (1978:1) a tese é "um instrumento de

pesquisa destinado a promover a aquisição de novos conhecimentos com o objetivo de interpretação, predição e controle do fenômeno em estudo". Severino (1982:153) considera que a tese é uma "abordagem de um único tema, exigindo uma pesquisa própria à área científica em que se situa, com os instrumentos metodológicos específicos"; podendo ser de ordem experimental, histórica ou filosófica, versando sempre "sobre um tema único, específico, bem delimitado e restrito".

A tese apresenta o mais alto nível de pesquisa e requer não só exposição e explicação do material coletado, mas também, e principalmente, análise e interpretação dos dados.

É um tipo de trabalho científico que levanta, coloca e soluciona problemas; argumenta e apresenta razões, baseadas na evidência dos fatos, com o objetivo de provar se as hipóteses levantadas são falsas ou verdadeiras.

A tese pode ser considerada como um teste de conhecimento para o candidato, que deve demonstrar capacidade de imaginação, de criatividade e habilidade não só para relatar o trabalho, mas também para apresentar soluções para determinado problema.

5.4.2 Objetivos

O objetivo de uma tese, como atividade acadêmica, é o de obtenção de um título de doutor ou de livre-docente. Em si mesmo, seria o de adquirir novos conhecimentos e colaborar na solução de dado problema.

Pode resultar de estudo teórico ou de pesquisa de campo, de trabalho de laboratório ou experimental.

A tese, sendo um trabalho de pesquisa, requer do pesquisador algumas qualidades: "capacidade de planejar, iniciar, conduzir e concluir um projeto de pesquisa" e saber "utilizar os conhecimentos adquiridos". A tese deve ser um "estudo exaustivo da literatura científica" diretamente relacionado "com o tema escolhido" e contribuir para o "enriquecimento do saber no âmbito do assunto nela focalizado" (Leite, 1978:1).

Requer reflexão, iniciativa e persistência no trabalho, dado que engloba a exposição do problema e sua correspondente solução. O pesquisador deve "estudar e resolver uma questão ainda não explorada, esforçando-se para que a sua tese seja uma verdadeira 'contribuição aos conhecimentos humanos existentes' " (Siqueira, 1969:47).

5.4.3 Estrutura

A estrutura da tese é semelhante à da monografia e à da dissertação. Compreende:

A. Preliminares

B. Corpo da Tese
   1. Introdução
      - Definição do tema
      - Delimitação
      - Localização no tempo e no espaço
      - Justificativa da escolha
      - Objetivos
      - Definição dos termos
      - Indicação da metodologia
   2. Desenvolvimento
      - Revisão da literatura
      - Metodologia ou procedimentos metodológicos
      - Construção dos argumentos
      - Apresentação, análise e interpretação dos dados
   3. Conclusões

C. Parte Referencial

5.4.3.1 INTRODUÇÃO

a) Definição do Tema
A idéia central do trabalho deve ser exposta de modo claro e preciso.

b) Delimitação
Nos casos em que o tema é apresentado como problema ou indagação, pode-se, na Introdução, levantar uma ou mais questões cuja resposta será explicitada no decorrer da exposição. Estabelecem-se limites em relação ao assunto, à extensão, ao prazo etc.

c) Localização no Tempo e no Espaço
Tanto nos trabalhos teóricos quanto nos que se voltam para atividades práticas, é importante que o pesquisador estabeleça limites no tempo e no espaço. Isto porque se torna impossível conhecer e analisar dados referentes a um período muito longo ou área muito extensa.

d) Justificativa da Escolha
A justificativa deve enfocar um ou mais dos seguintes aspectos:
- Relevância do estudo para a ciência.
- Esclarecimentos de aspectos obscuros.
- Complementação de estudos anteriores.
- Contribuição para solução de problemas etc.

e) Objetivos
A formulação dos objetivos significa definir com precisão o que se visa com o trabalho sob dois aspectos: geral e específico.

- *Geral* – respeitante à idéia central que serve de "fio condutor" no estudo proposto de fenômenos e eventos particulares; encontra-se ligado à compreensão geral do todo, vinculando-se diretamente à própria significação da tese que se propõe defender e explanar.

- *Específicos* – em âmbito mais concreto, compreendem etapas intermediárias que, sob aspectos instrumentais, permitem atingir o objetivo geral.

f) Definição dos Termos
Trata-se do esclarecimento dos termos ou conceitos utilizados, dando a definição correta ou o ponto de vista adotado.
Quando o autor não encontra uma terminologia apropriada, deve construir um sistema conceptual próprio e adequado, explicitando a operacionalidade do mesmo (ver item 5.4.4).

g) Indicação da Metodologia
Exposição dos métodos de abordagem e de procedimentos, assim como das técnicas utilizadas.

5.4.3.2 DESENVOLVIMENTO

Parte principal do corpo da tese. Descreve o desenvolvimento do trabalho e apresenta os resultados obtidos.

a) Revisão da Literatura
Consiste em uma síntese, a mais completa possível, referente ao trabalho e dados pertinentes ao tema, dentro de uma seqüência lógica.

b) Metodologia ou Procedimentos Metodológicos
Engloba:
- Formulação do problema, enunciado de hipóteses, determinação das variáveis e indicação dos tipos de relação entre eles.
- Explicitação dos procedimentos metodológicos, incluindo a descrição dos instrumentos de pesquisa (observação, questionário, formulário, testes, escalas etc.).
- Indicação do tratamento e inferência estatística.
- Seleção de sujeito (universo e amostra).
- Informações sobre a coleta de dados.

c) Construção dos Argumentos

É a técnica para expor os argumentos no desenrolar da tese. Para Galliano (1979:130-131) há três tipos de técnicas de argumentação: por oposição, por progressão e por cronologia (ver item 5.4.5).

d) Apresentação, Análise e Interpretação dos Dados
- Apresentação e discussão dos resultados alcançados, correlacionados com o sentido intrínseco da(s) hipótese(s) da pesquisa.
- Demonstração das relações existentes entre o fato ou fenômenos estudados e outros fatores.
- Interpretação crítica dos dados, verificando se os mesmos comprovam ou refutam a(s) hipótese(s) através dos testes de hipóteses.

5.4.3.3 PARTE REFERENCIAL

a) Apêndice e/ou Anexos
Tanto no caso do apêndice, material elaborado pelo autor, quanto do anexo, dados complementares de outra autoria, somente o que é essencial à compreensão do desenvolvimento do raciocínio e seu fundamento devem ser apresentados.

b) Glossário
Dispensável quando na definição dos termos o autor explicitou todos os conceitos adotados.

c) Bibliografia

d) Índice Remissivo de Assuntos e/ou Autores
É opcional. Entretanto, facilita a pesquisa e utilização do conteúdo do trabalho por estudiosos.

5.4.4 Construção de Conceitos

Os conceitos representam fatos, fenômenos ou os seus aspectos que estão sendo investigados. Em conseqüência, ao formular-se uma proposição, utilizam-se os conceitos como símbolos dos fenômenos que estão sento inter-relacionados.

Trujillo Ferreira considera os conceitos como construções lógicas, estabelecidas de acordo com um sistema de referência e formando parte dele; não são dados pela experiência e, por esse motivo, é preciso procurá-los através da análise. São considerados ou como instrumentos de trabalho do cientista ou como termos técnicos do vocabulário da ciência. Em outras palavras, a imagem que se tem do fato ou fenômeno, captada pela percepção, é que necessita ser objeto de conceituação, pois mediante um dispositivo conceitual podem tornar-se inteligíveis os acontecimentos ou experiências que se dão no mundo real. Assim, "a função da conceituação é refletir, através de conceitos precisos, aquilo que ocorre no mundo dos fenômenos existenciais; a conceituação consiste em ajustar o termo mais adequado, capaz de exprimir, através do seu significado, ao que realmente se oferece na realidade, e não que a realidade existencial tenha que se ajustar ao conceito" (1974:98).

5.4.4.1 CONCEITOS, CONSTRUCTOS E TERMOS TEÓRICOS

A conceituação abrange conceitos, constructos e termos teóricos que se apresentam com grau crescente de abstração. Kaplan (1969:57-59) indica o seguinte *continuum:*

a) *conceitos de observação direta,* colocados no degrau inferior da escala de abstração, descrevendo um fenômeno (ou objeto) através da enumeração de seus detalhes perceptíveis. *Exemplos:* cavalo, criança, peso;

b) *conceitos de observação indireta,* aos quais, além da enumeração dos detalhes perceptíveis (com ou sem instrumentos adequados), acresce-se uma conclusão acerca dos detalhes com o conceito escolhido. *Exemplos:* moléculas, genes, eclipse solar. Na escala de abstração, os conceitos de observação indireta encontram-se no degrau intermediário e, juntamente com os de observação direta, dão esquemas descritivos;

c) *constructos,* em nível mais elevado de abstração, primeiro passo em direção à formulação de uma teoria. São elaborados, criados ou adotados, tendo em vista determinada finalidade científica, de forma consistente e sistemática. Em primeiro lugar, referem-se a esquemas teóricos, relacionando-se de diversas formas a vários outros constructos e, em segundo, definidos e especificados de forma que possam ser observados e medidos. *Exemplos:* energia, atitude, motivação;

d) *termos teóricos,* situados no último nível de abstração, consistindo em relações entre conceitos e constructos. *Exemplos:* capitalismo, anomia, libido, superego, nível energético, salto quântico.

5.4.4.2 DEFINIÇÃO OPERACIONAL

A definição operacional segue o caminho inverso do percorrido pela conceituação. Pode ser que o estudioso já encontre um sistema de conceitos e constructos adequados e válidos para sua pesquisa. Para realizar observações, classificações, medições etc., necessita decompor esses conceitos e constructos até atingir os fatos, fenômenos, comportamentos e atividades reais.

Os passos a serem dados na definição operacional foram descritos por Lazarsfeld (Boudon et alii, 1979:I 36-41):

a) *representação, acompanhada de imagens do conceito,* que geralmente não é muito precisa, porque ou é preexistente ou nasce da própria observação. *Exemplo:* "moral da empresa" representada pelo "modo pelo qual os empregados vêem ou se relacionam com a empresa";

b) *especificação* ou a descoberta dos componentes, elementos ou aspectos do conceito, isto é, suas dimensões. *Exemplo:* no conceito de "desenvolvimento" encontramos as dimensões "ritmo", "setores", "classes sociais" e outras;

c) *escolha dos indicadores das dimensões,* considerados como dados observáveis, que permitem apreender as dimensões, a presença ou ausência de determinado atributo. *Exemplo:* considera-se um indivíduo "prudente" desde que cumpra um certo número de atos (indicadores) rotulados como característicos de pessoas prudentes, em oposição à pessoa imprudente;

d) *formação dos Índices,* isto é, o ato de sintetizar os dados obtidos ao longo das etapas precedentes. *Exemplo:* no conceito de "desenvolvimento", se se escolher como dimensão o "ritmo" e, como indicador, o "grau de inflação", pode-se ter como índice o "custo de vida".

5.4.5 Construção dos Argumentos

Na elaboração de teses deve-se fazer uso do raciocínio lógico para se chegar a conclusões válidas. A argumentação tem em vista justificar e persuadir, objetivando convencer o leitor em relação a determinadas idéias ou posições.

5.4.5.1 CONCEITO E NATUREZA DA REFLEXÃO

Refletir é pensar sobre um assunto com a finalidade de alcançar uma conclusão pessoal. A distinção entre a reflexão e o simples pensar significa chegar a uma conclusão de cunho pessoal. Em conseqüência, quem reflete faz a sua seqüência de idéias: pode-se chegar a conclusões novas através da reflexão, de forma dedutiva, partindo do geral para o particular (preponderante nas ciências formais: Matemática e Lógica e na Filosofia) ou através da indução, isto é, partindo do particular para o geral (ciências fatuais: naturais e sociais).

Tanto nas ciências formais quanto nas fatuais, a reflexão é imprescindível. Nas últimas, as hipóteses científicas, confirmadas experimentalmente, e as grandes invenções exigem não apenas a observação mas também a reflexão; nas ciências formais, cujo caráter é puramente especulativo e racional, a presença da reflexão é mais decisiva porque é exclusiva.

Para Fragata (1980:50-60), a reflexão, para que atinja nível científico, deve apresentar as seguintes qualidades básicas:

a) **Penetração** – ir ao âmago da questão, para atingir os aspectos ocultos, a fim de descobrir coisas novas.
b) **Persistência** – ir até às últimas conseqüências, com constância, para realmente chegar à parte central da questão.
c) **Precisão** – agir com lógica, seguindo um esboço determinado e sem se afastar dele. De outra forma, perde-se por caminhos que não são possíveis de percorrer com profundidade.
d) **Calma** – evitar envolvimento, pois as emoções prejudicam o raciocínio.

5.4.5.2 ESTRUTURA DO DESENVOLVIMENTO DA ARGUMENTAÇÃO

O objetivo da tese da argumentação é o de convencer, afirmando ou contestando proposições, isto é, questões que envolvem divergências de opinião possibilitando ao autor uma tomada de posição favorável ou contrária.

Salvador (1980:185-188) apresenta dois tipos de argumentação: informal e formal.

A. **Argumentação Informal**
Compõe-se de declarações seguidas de provas, obedecendo às seguintes fases.

a) *Declaração de uma proposição ou opinião* – a validade de uma proposição pode ser comprovada, quando apresentada como opinião pessoal; contestada ou refutada, se atribuída a outra pessoa.

b) *Concordância ou discordância pessoal* – quando trata de provar uma opinião, de início, enumeram-se as razões que lhe conferem uma aparência de falsidade, para contestá-las; ao contrário, quando se deseja refutá-la, apresentam-se as razões que pareçam negar a tese, para, mais tarde, comprová-las.

c) *Refutação ou aprovação* – quando se trata de defender uma tese, opõe-se aos argumentos que parecem negá-la apresentando outros que a confirmem, obviamente mais numerosos e consistentes. Age-se de forma contrária, quando se deseja negar uma tese: opõe-se aos argumentos que parecem prová-la apresentando os que a contestam.

d) *Conclusão* – síntese da proposição inicial e dos argumentos que a aprovam ou refutam.

B. **Argumentação Formal**

Difere da informal no que diz respeito aos objetivos. Compõe-se das seguintes fases:

a) *Argumentação de uma proposição* – a forma da apresentação deve possibilitar a divergência de opiniões tanto no caso em que se deseja comprová-la quanto refutá-la.

b) *Análise da proposição* – em primeiro lugar, define-se com precisão o significado da proposição e de seus termos, indicando claramente a posição que se deseja adotar ou rejeitar. A seguir, examinam-se criticamente as proposições opostas, visando: aceitar uma e rejeitar outra (proposições contraditórias), refutar ambas (posição contrária) ou propor uma solução intermediária (esquema dialético: tese, antítese e síntese).

Em geral, o ser humano tem a tendência de aceitar, em uma discussão, a última proposição apresentada. Em conseqüência desse fato, deve-se, no caso de proposições contrárias ou contraditórias, examinar primeiro aquela que se deseja refutar e por último a que se pretende aceitar.

c) *Formação de argumentos* – consiste em apresentar as provas ou as razões que confirmam a posição assumida, ou contestam as idéias que se deseja refutar.

"No caso de uma tese, a demonstração tanto pode significar a refutação das afirmações julgadas inconsistentes quanto a confirmação da proposição adotada. Não é suficiente enunciar as proposições que nos convêm, ainda quando estas tenham a seu favor a falência das razões contrárias ou a falência das teses opostas. É necessário demonstrá-la positivamente." (Salvador, 1980:187).

Os argumentos devem ser expostos em ordem gradativa, indo dos mais frágeis aos mais consistentes, levando em consideração que as pessoas fixam-se mais nos últimos.

d) *Conclusão* – síntese, decorrência natural das provas apresentadas, que expressa claramente a essência da posição adotada ou refutada.

5.4.5.3 TIPOS DE ARGUMENTAÇÃO

A construção do corpo do trabalho pode conter argumentos de oposição, de progressão e por cronologia (Galliano, 1979:30-31).

a) **Construção por oposição**
É o desenvolvimento do pensamento dialético. Consiste na apresentação de duas posições fundamentais, referentes aos enfoques de um tema. Ressaltando-se as oposições ou contradições, surgem novos elementos convergentes ou divergentes entre si, cuja função é comprovar ou rejeitar hipóteses, idéias etc., ou servir de argumentos complementares para as mesmas. Procede-se da seguinte forma: os aspectos que se opõem frontalmente são desenvolvidos em separado (tese e antítese), depois analisados em conjunto, objetivando a confrontação e a integração (síntese).

b) **Construção por progressão**
Os diferentes elementos são relacionados, levando-se em consideração uma seqüência lógica, de forma a evidenciar sempre a relação entre um elemento e seu antecedente. Os aspectos positivos e negativos de um elemento não devem aparecer uns após os outros, mas entrelaçados em relações comparativas.

c) **Construção por cronologia**
O menos satisfatório dos tipos. O desenvolvimento da idéia obedece rigorosamente à seqüência temporal dos acontecimentos.

5.4.6 Redação

A redação do trabalho científico consiste na expressão, por escrito, dos resultados da investigação. Trata-se de uma exposição bem fundamentada do material recolhido, estruturado, analisado e elaborado de forma objetiva, clara e precisa.

Há três tipos de redação (Salvador, 1980:192):

a) **Coloquial** – informal, popular.
b) **Literária** – estética, elegante.
c) **Técnica** – cognoscitiva e racional

O trabalho científico utiliza linguagem técnica (acadêmica e didática), cuja finalidade é transmitir conhecimentos.

A linguagem científica deve, portanto, ser a mais didática possível. Requer linguagem perfeita em relação às regras gramaticais, evitando não só o vocabulário popu-

lar, vulgar, mas também o pomposo. Se uma das finalidades é a objetividade, o trabalho científico deve ter caráter impessoal.

5.4.6.1 REGRAS PARA A REDAÇÃO

Técnica de redação no trabalho científico requer a observância das seguintes normas:

a) Saber o que vai escrever e para quê.
b) Escrever sobre o que conhece.
c) Concatenar as idéias e informar de maneira lógica.
d) Respeitar as regras gramaticais.
e) Evitar argumentação demasiadamente abstrata.
f) Usar vocabulário técnico quando estritamente necessário.
g) Evitar repetição de detalhes supérfluos.
h) Manter a unidade e o equilíbrio das partes.
i) Rever o que escreveu.

5.4.6.2 ESTILO

Embora cada pessoa tenha um estilo próprio, devem-se observar os seguintes aspectos, na redação de um trabalho científico:

a) Clareza e objetividade.
b) Linguagem direta, precisa e acessível.
c) Frases curtas e concisas.
d) Simplicidade, evitando-se estilo prolixo, retórico ou confuso.
e) Vocabulário adequado.

LITERATURA RECOMENDADA

ASTI VERA, Armando. *Metodologia da pesquisa científica.* Porto Alegre: Globo, 1976. Terceira Parte.

BARRASS, Robert. *Os cientistas precisam escrever:* guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979. Capítulos 4, 5, 6, 7, 8 e 12.

BARQUERO, Ricardo Velilla. *Como se realiza um trabalho monográfico.* Barcelona: EUNIBAR. Segunda Parte, Capítulos 1 a 5.

CERVO, Amado Luis, BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica:* para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. Capítulo 5, item 2.1.

FRAGATA, Júlio. *Noções de metodologia:* para a elaboração de um trabalho científico. Porto: Tavares Martins, 1980. Capítulo 3.

GAGLIANO, A. Guilherme (Org.). *Método científico:* teoria e prática. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979. Segunda Parte, Capítulo 10.

LEITE, José Alfredo Américo. *Metodologia de elaboração de teses.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. Capítulos 5 e 7.

MARINS, Joel, CELANI, Maria Antonieta Alba. *Subsídio para redação de tese de mestrado e de doutoramento.* 2. ed. São Paulo: Cortez & Morales, 1974. Capítulo 4.

REHFELDT, Gladis Knak. *Monografia e tese:* guia prático. Porto Alegre: Sulina, 1980. Primeira Parte, Capítulos 6, 7 e 8.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia:* elementos de metodologia do trabalho científico. 3. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973. Terceira Parte, Capítulos 1 e 2.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica:* elaboração de trabalhos científicos. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980. Segunda Parte, Capítulo 1.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico:* diretrizes para o trabalho didático-científico na universidade. 6. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1982. Capítulos 5, 6 e 7.

6

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1 INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO TEXTO

A indicação bibliográfica no texto assim como as notas de rodapé ou notas no final dos capítulos referem-se principalmente às citações feitas ao longo do trabalho.

6.1.1 Citações

As citações são elementos retirados de fontes bibliográficas e documentais, úteis ou necessárias para o desenvolvimento do raciocínio do leitor e corroboração das idéias do autor.

Há duas formas de fazer citações: transcrição literal ou síntese da idéia expressa. Em ambos os casos, a fonte deve ser identificada.

Características:

a) quando literal, a citação deve ser copiada ao pé da letra e colocada entre aspas. Apresentando o texto erro tipográfico ou do autor citado, em relação a determinadas palavras, ou havendo estranheza do autor do trabalho quanto às palavras ou expressões empregadas, após as mesmas deve ser colocado o termo *sic,* em minúsculas e entre colchetes, significando que o transcrito encontrava-se *assim mesmo* no original;

   Exemplo:

   "A crítica dialética é conhecida como demolição de todos os conceitos estabelecidos, adquiridos, cristalizados, mumificados [sic] e dos quadros de referências teóricas."

b) quando se extrai uma parte ou parágrafo de um texto, em citação literal, o mesmo pode perder seu significado. Dessa forma, necessita-se, para sua compreensão, de um esclarecimento, o qual deve ser intercalado, entre colchetes;

Exemplo:

"Essa hipótese [estratégica] surge graças ao caráter aleatório dos processos dinâmicos reais; esse caráter aleatório implica uma exploração do campo dos possíveis, no qual a imaginação do pesquisador é um guia precioso embora pouco controlável."

c) quando já se encontram palavras ou trechos, em uma passagem citada literalmente, colocadas entre aspas pelo autor, estas transformam-se em apóstrofos;

Exemplo:

"A ligação dos quadros de referência com o pólo teórico nem por isso deixa de ser orgânica; eles fornecem a este último 'hipóteses de pesquisa' ou 'genéricas'."

d) quando em uma passagem, citada de forma literal, deseja-se suprimir uma ou mais palavras, por não interessar a sua transcrição, tal omissão deve ser indicada por reticências, precedidas e seguidas por espaços, no início e final do texto e entre parênteses, no meio;

Exemplo:

"As diferentes escalas de observação criam fenômenos diversos e (...) existem estruturas novas, descobertas a cada novo nível de análise..."

e) quando se pretende dar ênfase a palavras ou techos de uma citação literal, deve-se sublinhá-la (grifá-la) indicando a transformação com a expressão "o grifo é meu" ou "o grifo é nosso" colocada imediatamente após a citação, entre parênteses;

Exemplo:

"A refleção crítica só se desenvolve em oposição a *còrpos teóricos estabelecidos,* a experiências já conhecidas" (o grifo é nosso).

f) quando se citam textos em língua estrangeira, os mesmos devem ser traduzidos para figurarem no corpo do trabalho, pois este tem de ser escrito em uma só língua. Havendo interesse especial em apresentar a versão original, esta deve constar das notas de rodapé ou notas no final dos capítulos;

g) quando a citação literal ultrapassa três linhas, para alguns especialistas, ela deve ser colocada em parágrafo especial, cuja margem esquerda coincide com o parágrafo utilizado no trabalho, e o parágrafo do texto citado deve adentrar-se tantos espaços quantos são utilizados para o parágrafo normal (5, 7 ou 10). O espaço entre as linhas deve ser menor do que o apresentado no texto. Em trabalhos publicados ou naqueles datilografados em máquinas com tipos cambiáveis, podem-se utilizar letras menores na citação. Tais recursos podem, segundo alguns autores, dispensar as aspas, mas não o julgamos conveniente. Por outro lado, este realce da citação não é obrigatório.

Exemplo:

A definição prévia, assinala Durkheim, constrói novos objetos, isto é, novas relações entre os aspectos das coisas. Mas definir não é o objetivo, apenas o meio:

"... A preocupação com a definição rigorosa permanece inútil e mesmo enganadora enquanto o princípio unificador dos objetos submetidos à definição não foi submetido à crítica."

h) quando a citação não é literal, mas consiste em síntese da idéia expressa, o texto é escrito normalmente. As alterações e os acréscimos não devem, entretanto, desvirtuar o sentido do texto original. Não esquecer a indicação da fonte.

6.1.2 Indicação da Fonte das Citações

A indicação bibliográfica no texto ainda não foi regulamentada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas e, por esse motivo, segue o modelo americano, mais difundido entre os cientistas.

Apresenta três informações entre parênteses: a) sobrenome do autor; b) ano de publicação da obra; e c) número(s) da(s) página(s) citada(s). Os demais dados referentes à obra serão encontrados na bibliografia final; os citados permitem a identificação da obra em questão nessa relação final.

a) Sobrenome do autor:

- Quando não consta do texto, deve vir entre parênteses. *Exemplo:*

"O conhecimento supõe e exige três elementos, a saber: o sujeito, ou seja, a consciência cognoscente, o objeto, ou aquilo a que o sujeito se dirige para conhecer, e a imagem, que representa o ponto de coincidência entre o objeto e sujeito" (Ruiz, 1979:86).

- Quando aparece no texto deixa de ser incluído entre parênteses. *Exemplo:*

Para Ruiz (1979:86), "o conhecimento ...". Ou: Segundo Ruiz, "o conhecimento ..." (1979:86).

- Quando ao autor citado pertence o capítulo ou parte de onde se retirou a citação, mas o autor (ou organizador) do livro é outro, deve-se usar a partícula In, seguida de dois pontos. *Exemplo:*

(Abramo In: Hirano, 1979:22). Ou: (In: Hirano, 1979:22).

- Quando a citação desejada refere-se às idéias de um autor citado por outro, emprega-se o termo Apud. *Exemplo:*

  (Popper Apud Hegenberg, 1979:38). Ou: (Apud Hegenberg, 1979:38).

- Quando os autores são dois, a indicação dos respectivos sobrenomes vem separada por virgula. O mesmo ocorre quando são três os autores. *Exemplo:*

  (Cervo, Bervian, 1978:30).

- Quando são quatro ou mais autores, cita-se o sobrenome do primeiro, seguido da expressão "et al." *Exemplo:*

  (Souza et al., 1976:14).

b) **Ano de publicação da obra:**
- O ano de publicação da obra permite, quando um autor tem mais de uma obra consultada, identificar aquela que está sendo utilizada. *Exemplos:*

  (Bunge, 1976:27) e (Bunge, 1980:64).

- Por sua vez, quando um mesmo autor tem mais de uma obra publicada, no mesmo ano, e elas foram consultadas, as letras minúsculas a, b, c etc. identificam as sucessivas obras. *Exemplos:*

  (Bunge, 1974a:12) e (Bunge, 1974b:208).

  É evidente que na bibliografia final a data de publicação das obras deve vir acompanhada das mesmas letras identificativas.

c) **Número(s) da(s) página(s).**
- Quando o trecho citado encontra-se em duas ou mais páginas consecutivas, indicam-se as mesmas separadas por um hífen. *Exemplo:*

  (Salvador, 1980:59-60).

- No caso de duas páginas não consecutivas, as mesmas são indicadas separadas pela partícula "e". *Exemplo:*

  (Salvador, 1980:14 e 26).

- No caso em que a idéia citada encontra-se disseminada em várias páginas, podem-se também acrescentar, depois do número da primeira, as palavras "e seguintes", de forma abreviada. *Exemplo:*

  (Severino, 1982:171 e seg.)

- Quando a obra citada compõe-se de dois ou mais volumes, a indicação do volume, em número romano, precede a da(s) página(s). *Exemplo:*

(Hegenberg, 1976:I 81) e (Hegenberg, 1976:II 164-168)

Outra forma de fazer indicação bibliográfica no texto é numerar a bibliografia final, depois de colocados os livros ou outras fontes em ordem alfabética. Dessa maneira, quando no texto faz-se referência a determinada passagem ou ela é colocada em forma de citação, basta indicar o número da obra citada e o(s) número(s) da(s) página(s), separados por dois pontos.

Exemplo:

> "A significação de um termo teórico é fixada tanto pelas unidades horizontais quanto pelas verticais da estrutura conceitual e só a estrutura como um todo, quando muito repousa sobre um solo empírico firme" (55:57).

A indicação bibliográfica no texto facilita a parte mecanográfica, pois prescinde das notas de rodapé. Entretanto, refere-se tão-somente às fontes das citações contidas no texto. Como diversos tipos de trabalhos exigem, por parte do autor, a definição de conceitos e termos utilizados na obra, apresentação de considerações complementares que, se indicadas no texto, interromperiam o desenrolar do raciocínio, a indicação completa do(s) parágrafo(s) de onde se tirou uma citação e a versão original de uma citação traduzida no texto, torna-se necessário complementar este tipo de indicação bibliográfica com notas ao final dos capítulos ou, o que é menos indicado, ao final do trabalho. O número de chamada das notas pode vir, em trabalhos datilografados, entre parênteses, após a palavra que se deseja definir, quando no meio da frase, ou depois da mesma, mas antes do ponto final. Em obras para publicação dá-se preferência ao número colocado depois da palavra ou do ponto, acima da metade da linha.

Exemplo:

> O conceito terá sido especificado verticalmente quando um conjunto de indicadores (36) tiver sido associado ao termo teórico que é sua contrapartida simbólica.
>
> Cada enunciado descritivo corresponde a um conjunto de fatos, de ocorrências singulares, de acontecimentos possíveis ou ocorridos (37).
>
> A especificação permite caracterizar de maneira clara os elementos do campo técnico de investigação (38).

A seqüência da numeração, quando as notas são colocadas ao final do trabalho, acompanha toda a obra. Por sua vez, as notas ao final do capítulo facilitam a numeração, pois a mesma se inicia em cada novo capítulo.

6.2 NOTAS DE RODAPÉ

Em virtude da não-regulamentação da indicação bibliográfica no texto pela ABNT, complementada com notas ao final dos capítulos, ainda se usam, em muitos casos, as notas de rodapé, apesar de todas as dificuldades mecanográficas que tal prática ocasiona.

6.2.1 Finalidades

As notas de rodapé possuem as seguintes finalidades:

a) indicar a fonte de uma citação. Imprescindível do ponto de vista da integridade científica, impede que se tomem por nossas as idéias de outro autor: nas citações literais, as aspas servem de indicação de autoria estranha, mas, na síntese de idéias, o indicativo é a fonte de consulta; além dessa função, as notas de rodapé podem: identificar a obra, para uma possível comprovação; fornecer subsídios para uma retomada do assunto ou aprofundamento de certos aspectos; auxiliar o estudioso do assunto a descobrir outras fontes de consulta; revelar a abrangência da pesquisa do autor;

b) definir conceitos e termos utilizados. Apesar de todo trabalho científico inserir-se no âmbito de uma teoria mais ampla, cujos conceitos, constructos e termos teóricos são, em geral, claramente definidos, muitas vezes de forma operacional, é possível apresentarem-se as seguintes condições, que exigem uma nova ou mais detalhada definição: existência de "lacunas" no conhecimento, derivadas de conceituação incorreta: necessidade de "clarificação" dos conceitos; possibilidade de definir mais especificamente um conceito já existente ou incorporar-lhe novos significados; exigência de redefinição do conceito para torná-lo mais operacional;

c) inserir considerações complementares. Muitas vezes, com vistas ao aprofundamento do assunto por parte do leitor, certas explicações pessoais do autor, ou indicações de aspectos da teoria de base, fazem-se necessárias ou são complementares para uma melhor compreensão. Sua inclusão no texto pode interromper a seqüência do raciocínio e, por esse motivo, figuram no rodapé;

d) apresentar a passagem completa de onde se retirou a citação. No desenrolar do raciocínio, é possível que se faça necessário incluir a citação de algumas palavras ou frases incompletas de outro autor. A explanação do mesmo, sendo importante para se compreender a seleção do que foi citado, aparece nas notas de rodapé, para não onerar desnecessáriamente o desenvolvimento do próprio texto;

e) indicar a versão original de citações traduzidas no texto. Importante para confirmar a fidedignidade da tradução.

6.2.2 Disposição

O final do texto é separado das notas de rodapé por um travessão, e as mesmas se iniciam 1 cm abaixo deste, obedecendo à linha da margem esquerda, com exceção do número de chamada, que apresenta também uma entrada de 1 cm. O número de chamada, como já foi dito, aparece nos textos datilografados entre parênteses, no meio da frase ou precedendo o ponto final, e nos textos impressos, após o ponto ou palavra, acima da metade da linha. Apresenta-se em ordem crescente no interior de cada capítulo; deve-se evitar o uso de asteriscos e uma numeração só, para todo o trabalho.

Exemplo:

---

14. O conceito de ciência aqui adotado refere-se à sua natureza e não à sua abrangência ou objeto. Dessa forma pode ser compreendido como um conjunto de enunciados lógica e dedutivamente justificados por outros enunciados.

Quando um trabalho é impresso ou datilografado em máquina com tipos cambiáveis, as notas de rodapé devem figurar com tipo menor do que o utilizado no texto e apresentando espaço simples entre as linhas. A última característica é aplicada em obras datilografadas com máquinas de tipos fixos.

Apesar do nome – notas de rodapé – quando se trata de trabalhos datilografados, as dificuldades para se calcular o espaço necessário levam alguns autores a recomendar a apresentação das mesmas no verso da página anterior, iniciando-se no meio da mesma. Consideramos mais aconselhável que, sob o nome genérico de "notas", venha ao final de cada capítulo (e não ao final da obra).

6.2.3 Indicação das Fontes das Citações

Nas notas de rodapé os elementos constitutivos da citação bibliográfica também são três: a) nome completo do autor; b) título da obra; e c) número(s) da(s) página(s), plenamente suficientes para identificar a obra na bibliografia final, onde figuram os demais elementos indicativos. Os vários itens citados devem ser separados por vírgula.

a) **Nome completo do autor**

- a entrada dá-se pelo nome e não pelo sobrenome; este último vem em maiúsculas;

  Exemplos:

  12. Luíz REY, *Como redigir trabalhos científicos*, p. 71.
  13. Imídeo Giuseppe NÉRICI, *Introdução à lógica*, p. 123.

- quando o nome do autor precede imediatamente a chamada, não precisa ser repetido na nota de rodapé;

Exemplo:

Para Salvador, 14 "as explicações probabilísticas distinguem-se das explicações dedutivas em razão do grau de aceitabilidade das conclusões".

---

14. *Métodos e técnicas da pesquisa bibliográfica,* p. 157.

- quando a obra e de dois autores (ou três), os nomes vêm separados por vírgula;

Exemplo:

---

15. Joel MARTINS, M. Antonieta Alba CELANI, *Subsídios para redação de tese de mestrado e doutoramento,* p. 23.

- havendo quatro ou mais autores, utiliza-se, depois do nome completo do primeiro, a expressão "et al.";

Exemplo:

---

16. Elza Salvatori BERQUÓ et al., *Bioestatística,* p. 82.

- quando a citação se refere à parte de uma obra, onde o autor difere daquele em cujo nome aparece o trabalho, quer este seja autor, organizador, redator etc., indica-se o nome do autor da parte seguido da partícula "In" e do nome do autor da obra após dois pontos;

Exemplo:

---

17. Oracy NOGUEIRA In: Sedi HIRANO, *Pesquisa social,* p. 8.

- em citações de segunda mão, isto é, idéias de um autor citado por outro, após o nome do autor da citação coloca-se o termo "Apud", seguido do nome do autor da obra;

Exemplo:

---

18. John DEWEY Apud Franz Victor RUDIO, *Introdução ao projeto de pesquisa científica,* p. 17.

- quando em notas sucessivas, na mesma página, são citadas obras diferentes de um mesmo autor, o nome deste pode ser substituído pela expressão "Idem" ou sua abreviatura "Id". (= o mesmo autor);

Exemplo:

---

19. Mario BUNGE, *La investigación científica,* p. 118.
20. Idem, *Epistemologia,* p. 37.
21. Idem, *Teoria e realidade,* p. 203.

- de forma semelhante, quando em notas sucessivas, sempre colocadas na mesma página, faz-se referência à mesma obra do autor, variando-se apenas a página de onde se tira a citação, além da expressão "Idem" utiliza-se "Ibidem", ou sua forma abreviada "Ib." ou "Ibid." (= na mesma obra);

Exemplo:

---

22. Pedro DEMO, *Metodologia científica em ciências sociais*, p 112.
23. Id., Ibid., p. 118.
24. Id., Ibid., p. 112.

Alguns autores recomendam o uso da expressão "ob. cit." (= na obra citada), após o nome do autor, com a finalidade de indicar uma obra daquele autor que foi citada pela última vez, quer no capítulo, quer no trabalho. A comodidade, no caso, é do autor e do responsável pela parte mecanográfica, pois tal prática elimina a necessidade da repetição do título da obra; entretanto, para o leitor surgem dificuldades: deve retornar ao local em que o trabalho foi citado, para identificá-lo. Apesar dessa dificuldade, a utilização da expressão é generalizada. É evidente a impossibilidade do uso de "ob. cit." quando se consulta mais de um trabalho do mesmo autor.

b) **Título da obra**

- o título da obra citada é destacado, aparecendo em negrito ou em itálico nas obras impressas ou datilografadas em máquinas com tipos cambiáveis; nas que têm tipos fixos, o título deve ser sublinhado;
- apenas a palavra inicial tem sua primeira letra em maiúscula; todas as demais, com exceção do nome de países e Estados, assim como de nomes próprios, vêm em minúsculas.
- quando o título vem acompanhado de subtítulo, só o primeiro consta da nota de rodapé.

c) **Número(s) da(s) página(s)**

- abrangendo a citação duas ou mais páginas, indica-se o número da primeira e da última, separados apenas por hífen.

Exemplo:

---

25. José Carlos KOCHE, *Fundamentos de metodologia científica*, p. 71-78.

- quando as idéias citadas se encontram disseminadas em várias passagens da obra, não sendo possível identificar as páginas, por não serem consecutivas, em vez da numeração utiliza-se o termo "passim".

Exemplo:

26. Pedro MARINHO, *A pesquisa em ciências humanas,* passim.

- quando a obra citada se apresenta em dois ou mais volumes, a indicação do volume consultado precede a da(s) página(s), utilizando-se a abreviação "v.", e numerando-os com algarismos arábicos.

Exemplo:

27. Leônidas HEGENBERG, *Etapas da investigação científica,* v. 2, p. 121-127.

Quando a referência bibliográfica diz respeito a artigos de publicações periódicas, os elementos exigidos são mais numerosos: a) nome do autor; b) título do artigo sem destaque; c) nome da publicação (negrito, itálico ou sublinhado); d) número do volume em arábico, precedido da abreviatura "v"; e) número do fascículo, precedido da abreviatura "n."; e f) número(s) da(s) página(s) precedido(s) de dois pontos. Todos os elementos, menos o último, são separados por vírgula. É evidente que na bibliografia final a indicação deve ser completa, não se restringindo aos elementos acima citados.

Exemplo:

28. Antonio DELORENZO NETO, Em busca de um modelo urbano, *Ciências econômicas e sociais,* v. 6, n. 2:14.

6.3 BIBLIOGRAFIA FINAL

A bibliografia final, parte essencial de qualquer trabalho científico, tem como finalidade fornecer um conjunto de indicações precisas e minuciosas que permitem ao leitor identificar todas as fontes bibliográficas e/ou documentais, no todo ou em parte, utilizadas como fonte de citações ou consulta, para a elaboração da obra. É por esse motivo que a mesma pode ser subdividida em *geral* e *específica,* entendendo-se pela primeira todas as fontes que abordam de forma global o tema desenvolvido e, pela segunda, aquelas que são mais estritamente relacionadas com o assunto.

Muitos autores recomendam a separação, na referência bibliográfica final, de livros, revista e publicações avulsas, jornais, documentação primária e cartográfica.

6.3.1 Publicações Avulsas Consideradas no Todo

Inclui: livros, folhetos, separatas etc.

Elementos essenciais:

a) autor da publicação (seguido de ponto e dois espaços);

b) título da publicação (em negrito, itálico ou sublinhado, seguido de ponto e dois espaços);

c) número da edição (a partir da segunda, seguido de ponto, espaço, "ed." e espaço);

d) local de publicação (seguido de dois pontos);

e) editor (seguido de vírgula);

f) ano de publicação (seguido de ponto).

Elementos complementares:

a) tradutor, prefaciador, introdutor etc. (entre o título e o número da edição, quando houver, ou local de publicação, em caso de primeira edição, seguido de ponto);

b) número de páginas (após o ano de publicação, seguido por "p." e espaço) ou de volumes (havendo mais de um: após o ano de publicação, seguido de "v." e espaço);

c) título da série (coleção, cadernos etc.) e número da publicação na série (entre parênteses, após o item anterior, separados por vírgula e seguidos de ponto).

Exemplos:

BOUDON, Raymond. *A desigualdade das oportunidades:* a mobilidade social nas sociedades industriais.

ou

BOUDON, Raymond. *A desigualdade das oportunidades:* a mobilidade social nas sociedades industriais. Trad. Carlos Alberto Lamback. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981. 284 p. (Coleção Sociedade Moderna, 1).

FLIPPO, Edwin B. *Princípios de administração de pessoal.* 2. ed. São Paulo: Atlas, 1980.

ou

FLIPPO, Edwin B. *Princípios de administração de pessoal.* Trad. Auriphebo Simões. 2. ed. São Paulo. Atlas, 1980. 2 v.

CUVILLIER, Armand. *Manual de sociologia.* Coimbra: Coimbra Editora. 1965.

ou

CUVILLER, Armand. *Manual de sociologia.* Trad. Fernando de Miranda. Coimbra: Coimbra Editora, 1965. 3 v. (Coleção Coimbra Editora, 11, 12 e 13).

6.3.2 Publicações Avulsas Consideradas em Parte

Inclui: livros, folhetos, separatas etc., sendo que as divisões podem ser em partes, capítulos, itens, fragmentos etc.

Elementos essenciais:

a) autor da parte referenciada (seguido de ponto e dois espaços);

b) título da parte referenciada (quando tiver; sem destaque, seguido de ponto e dois espaços);

c) autor da publicação (ou organizador, compilador, diretor etc., precedido de "In" e seguido de dois-pontos e dois espaços; quando o autor for o mesmo da parte referenciada, substitui-se seu nome por um travessão de cinco espaços);

d) título da publicação (em negrito, itálico ou sublinhado, seguido de ponto e dois espaços);

e) número de edição (a partir da segunda, seguido de ponto, espaço, "ed." e espaço);

f) local de publicação (seguido de dois pontos);

g) editor (seguido de vírgula);

h) ano de publicação (seguido de ponto);

i) indicação do volume onde consta a parte referenciada, se houver mais de um (precedido de "v." e seguido de vírgula);

j) indicação da parte, capítulo, item etc., onde consta a parte referenciada (separados por vírgula e o último seguido por vírgula);

l) indicação das páginas inicial e final onde consta a parte referenciada (separada por hífen, precedidas de "p." e seguidas de ponto).

Exemplos:

ABRAMO, Perseu. Pesquisa em ciências sociais. In: HIRANO, Sedi (Org.). *Pesquisa social:* projeto e planejamento. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. Parte I, cap. 2, p. 21-88.

HEGENBERG. Leônidas. Generalidades nomológicas e acidentais. In:————. *Etapas da investigação científica*. São Paulo: EPU, EDUSP, 1976. v. 2, cap. 2, item 2.3, p. 42-44.

FERNANDES, Florestan. Conceito de sociologia. In: CARDOSO, Fernando Henrique, IANNI, Octávio (Orgs.). *Homem e sociedade*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1968. Parte 1, cap. 1, p. 25-34.

6.3.3 Artigos de Periódicos

Elementos essenciais:

a) autor do artigo (seguido de ponto e dois espaços);

b) título do artigo (sem destaque, seguido de ponto e dois espaços);

c) título do periódico (em negrito, itálico ou sublinhado, seguido de ponto e dois espaços);

d) local de publicação (seguido de vírgula);

e) número do volume (precedido de "v." e seguido de vírgula);

f) número do fascículo (precedido de "n." e seguido de vírgula);

g) números das páginas, inicial e final, do artigo referenciado (precedidos de "p.", separados por hífen e seguidos de vírgula);

h) data do volume ou fascículo (o ano da publicação é precedido pelo(s) mês(es), se houver, abreviado(s) e separado(s) por barra transversal, e o ano seguido de ponto).

Exemplos:

DELORENZO NETO, Antonio. Da pesquisa nas ciências sociais. *Ciências econômicas e sociais.* Osasco, v. 5, n. 1 e 2, p. 7-66, jan./jul. 1970.

MARIN, Dinael. Sociedade tradicional e industrial. *Ciências políticas e sociais.* São Paulo, v. 1, n. 1, p. 12-17, 2º sem. 1972.

PINHO, Diva Benevides. Psicossociologia do comportamento econômico. *Sociologia.* São Paulo, v. 30, p. 13-29, 1980.

6.3.4 Artigos de Jornais

Elementos essenciais:

a) autor do artigo (seguido de ponto e dois espaços);

b) título do artigo (sem destaque, seguido de ponto e dois espaços);

c) título do jornal (em negrito, itálico ou sublinhado, seguido de vírgula);

d) local de publicação (seguido de vírgula);

e) data (dia, mês e ano, sem a partícula "de", seguido o ano de ponto);

f) página(s) do artigo referenciado (primeira e última, separadas por hífen, precedidas do número ou título do caderno, seção, suplemento etc. e por "p." e seguidas por ponto).

Exemplos:

RODRIGUES, Leôncio Martins. O sindicalismo corporativo no Brasil. *Jornal da Tarde,* São Paulo, 29 nov. 1980. p. 2-4.

TADEU, Lúcio Cesar. A medicina da Amazônia. *O Estado de São Paulo,* São Paulo, 21 dez. 1980. p. 23.

LUCAS, Fabio. O escritor e o leitor. *O Estado de São Paulo,* São Paulo, 13 fev. 1983, Cultura, p. 11.

FERNANDES, Florestan. Pacto social? *Folha de S. Paulo.* São Paulo, 24 set. 1990. Caderno A, p. 2.

6.3.5 Autor

A entrada de uma referência bibliográfica inicia-se pelo autor, que pode ser pessoa(s) física(s) ou entidade coletiva.

6.3.5.1 PESSOA FÍSICA

a) quando se trata de um único autor, menciona-se primeiro seu sobrenome, impresso em versal ou versalete, ou datilografado em maiúsculas, seguido de vírgula e do(s) prenome(s);

b) quando se trata de autor com sobrenome composto, ou seja, o sobrenome do pai preceder o da mãe (autores espanhóis e italianos, principalmente), ou por constituírem unidade semântica, ligados ou não por hífen, ambos vêm em versal ou versalete, ou datilografado em maiúsculas;

c) fazem parte do sobrenome os elementos designativos de parentesco e, por esse motivo, não podem iniciar a referência bibliográfica;

d) considera-se como autor o editor intelectual (Ed.), o compilador (Comp.), o organizador (Org.), o diretor (Dir.) etc., cuja condição é especificada depois do(s) prenome(s), entre parênteses;

e) nos casos em que são indispensáveis à identificação do autor os títulos nobiliárquicos, universitários, profissionais etc., são indicados depois do(s) prenome(s), separados por vírgula;

f) quando se trata de dois ou três nomes, todos podem ser citados, separados por vírgula, precedendo os sobrenomes;

g) quando se trata de mais de três autores, cita-se o primeiro, seguido de "et al".;

h) entretanto, quando a identificação da obra o exigir, todos os autores são citados, o sobrenome precedendo o(s) prenome(s), separados os autores por vírgula;

i) quando um autor tem várias obras citadas sucessivamente, nas referências seguintes à primeira, o nome deve ser substituído por um travessão de cinco espaços.

Exemplos:

a) WITT, Aracy.
SEVERINO, Antonio Joaquim.
BOTTOMORE, T.B.

b) ASTI VERA, Armando.
TRUJILLO FERRARI, Alfonso.
CASTELO BRANCO, Camilo.
FREIRE-MAIA, N.

c) DELORENZO NETO, Antonio.
BLALOCK Jr., H.M.

d) HIRANO, Sedi (Org.).
GURVITCH, George (Dir.)

e) PIERSON, Donald, Ph.D.
VASCONCELOS, José, Pe.

f) COHEN, Morris, NAGEL, Ernest.
TRIPODOI, Tony, FELLIN, Phillip, MEYER, Henry.

g) BRUYNE, Paul et al.

h) SELLTIZ, Claire: JAHODA, Marie; DEUTSCH, Morton: COOK, Stuart. W.

i) POPPER, Karl R. *A lógica da pesquisa científica.*
——— . *A lógica das ciências sociais.*
——— . *Conjeturas e refutações.*

6.3.5.2 ENTIDADE COLETIVA

a) quando uma obra é publicada por uma entidade coletiva, tal como associações, institutos e semelhantes, a entidade é tratada como autor, aparecendo seu nome em versal ou versalete, ou datilografado em maiúsculas, até o primeiro ponto ou vírgula;

b) quando a entidade coletiva é o órgão administrativo de um país, Estado, província, município etc., ou é órgão subordinado ou divisão administrativa, tendo uma denominação genérica como departamento, divisão, diretoria, serviço, setor, seção etc., a ordem de apresentação é: país (ou Estado etc.), órgãos, repartições, separados por ponto, aparecendo em versal ou versalete, ou datilografado em maiúsculas apenas o primeiro item:

c) procede-se da mesma forma, iniciando a referência com o nome da unidade geográfica de origem, em versal ou versalete, ou datilografado em maiúsculas, quando se trata de universidade, colégio, biblioteca, museu, conservatórios etc.;

d) por sua vez, se a entidade coletiva possuir uma denominação específica que a identifique (embora vinculada a um órgão maior), entra-se diretamente em seu nome.

e) o nome da unidade geográfica deve figurar na forma tradicional portuguesa, ou, no caso de países conhecidos por siglas tradicionais, por essas siglas.

Exemplos:

a) ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS.

b) BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Diretoria do Ensino Básico.
SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Chefia do Ensino Superior.

c) SÃO PAULO. Universidade de São Paulo. Faculdade de Economia. Biblioteca.

d) INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Brasil)
INSTITUTO MÉDICO LEGAL (SP)

e) GRÃ-BRETANHA (e não *United Kingdom of Great Britain and North Ireland* ou Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte).
EUA (e não Estados Unidos da América).
URSS (e não Rússia ou União das Repúblicas Socialistas Soviéticas).

6.3.6 Título

a) o título deve ser reproduzido tal como se encontra na publicação, em negrito, itálico ou sublinhado;

b) os subtítulos somente são transcritos quando contiverem informações essenciais para o conteúdo da obra. Nesses casos, devem ser separados do título por ":" e aparecem sem destaque;

c) tanto o título quanto o subtítulo são escritos em minúsculas, com exceção da primeira letra do título e de nomes de países, estados ou municípios;

d) os títulos de obras sem autoria conhecida devem iniciar a referência, apresentando-se a primeira palavra em versal ou versalete, ou em maiúsculas;

e) o título de várias edições da mesma obra, quando consultadas, deve ser substituído (assim como o nome do autor), por um travessão de cinco espaços, seguido da indicação da edição e demais elementos.

Exemplos:

a) CASTRO, Cláudio, de Moura. *A prática da pesquisa.*

b) BARBOSA FILHO, Manuel. *Introdução à pesquisa:* métodos, técnicas e instrumentos.

c) MARINHO, Inezil Penna. *Introdução ao estudo da metodologia científica.*

MARCONI, Marina de Andrade. *Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista.*

d) HABITAÇÃO coletiva.

As favelas na região metropolitana de São Paulo.

e) ASTI VERA, Armando. *Metodologia da pesquisa científica.* Porto Alegre: Globo, 1976.

——— . 5. ed. Porto Alegre, Globo, 1979.

ACKOFF, Russel. *Planejamento de pesquisa social.* São Paulo: Herder, EDUSP, 1967.

——— . 2. ed. E.P.U., EDUSP, 1975.

6.3.7 Edição

a) indica-se o número da edição, a partir da segunda, seguido de ponto e da palavra "edição" abreviada;

b) após o número da edição, indicam-se, quando for o caso, os acréscimos e alterações (optativo).

Exemplos:

a) 2. ed.

b) 4. ed. rev. ampl.
3. ed. rev. aum.

6.3.8 Local de Publicação

a) o nome do local de publicação (cidade) deve ser indicado da mesma forma pela qual figura na publicação referenciada;

b) surgindo como local o nome de cidades homônimas, à designação deve seguir-se o dos respectivos estados ou países, abreviados ou não, na língua da publicação referenciada;

c) quando, como local de publicação, aparece mais de uma cidade, deve-se indicar apenas a primeira;

d) não sendo possível determinar o local de publicação, indica-se "s.l.", entre colchetes.

Exemplos:

a) São Paulo:
New York:

b) Cambridge, Mass.: e Cambridge, Great Britain:; San Juan, Chile: e San Juan, Porto Rico:

c) Lisboa (e não Lisboa e Coimbra),

d) [s.l.]

6.3.9 Editor

a) o nome do editor deve ser indicado tal como aparece na publicação referenciada, mas o prenome é abreviado e suprimem-se elementos designativos de natureza jurídica ou comercial, quando dispensáveis à identificação;

b) quando a publicação é editada por duas entidades, ambas podem ser identificadas, separadas por vírgula;

c) quando as duas editoras são estabelecidas em cidades diferentes, indica-se ambas da seguinte forma: nome da cidade, vírgula, nome da editora, ponto-e-vírgula, nome da segunda cidade, vírgula, nome da segunda editora;

d) não se indica o nome do editor quando ele figura como autor;

e) na falta de editor, pode-se indicar, o impressor; não havendo menção de nenhum dos dois, indica-se "s.ed." entre colchetes.

Exemplos:

a) J. Olympio (e não Livraria José Olympio Editora),
Atlas (e não Editora Atlas S.A.),
Zahar (e não Zahar Editores),
Ed. Coimbra (e não Coimbra Editora Ltda.),
Ed. Souza (e não Editora Souza Ltda.),

b) T.A. Queiroz, EDUSP,

c) Caxias do Sul, UCS; Porto Alegre, EST,
Lisboa, Presença; São Paulo, Martins Fontes,

d) ENDES, Juan, ed. *Metodologia de la ciencia.* Buenos Aires, 1968.

e) [s. ed.]

6.3.10 Data

a) o ano de publicação é sempre indicado em algarismos arábicos, sem espacejamento;

b) não aparecendo a data, indica-se entre colchetes a provável, seguida de "?";

c) quando aparecem dois ou mais anos consecutivos, utiliza-se hífen ou barra transversal.

Exemplos:

a) 1975. (e não 1.975, 1 975, MCMLXXV)
b) [1989?]
c) 1981-2 ou 1981/2.
1968-70 ou 1968/1970.

6.3.11 Outros Elementos

O local de publicação, o editor e a data são considerados notas tipográficas. Quando não aparecem na publicação, deve-se indicar "s.n.t.".

Entre as notas bibliográficas, número de páginas ou de volumes e ilustrações, o primeiro é o mais importante. Com um só volume, indica-se o número de páginas, seguido de abreviatura "p"; com dois ou mais volumes, aponta-se o número destes, vindo a seguir a abreviatura "v".

Exemplos:

321 p. ou 3 v.

Quando se trata de teses não publicadas ou de trabalhos mimeografados, tal condição deve ser indicada no final, entre parênteses.

Exemplos

LAKATOS, Eva Maria. *O trabalho temporário:* nova forma de relações sociais no trabalho. Tese (Livre-docência em Sociologia). São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979. 2 v.

SIQUEIRA, L. Mesquita. *Pesquisa bibliográfica em tecnologia.* São José dos Campos, ITA, 1969 (Mimeografado).

Quaisquer casos não especificados nesse resumo podem ser encontrados nas *Normas ABNT sobre documentação,* edição atualizada de 1978.

LITERATURA RECOMENDADA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Referências bibliográficas. Rio de Janeiro, 1989. NBR 6023.

KURY, Adriano da Gama. *Elaboração e editoração de trabalhos de nível universitário:* especialmente na área humanística. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980. p. 30-59.

LEITE, José Alfredo Américo. *Metodologia de elaboração de teses.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. Capítulo 7.

MARTINS, Joel, CELANI, Maria Antonieta Alba. *Subsídio para redação de tese de mestrado e de doutoramento.* 2. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Capítulo 4.

REHFELDT, Gládis Knak. *Monografia e tese:* guia prático. Porto Alegre: Sulina, 1980. Capítulo 4.

REY, Luis. *Como redigir trabalhos científicos.* São Paulo: Edgard Blücher, 1978. Capítulo 5, item 5.8.

RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica:* guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1979. Apêndice.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica:* elaboração de trabalhos científicos. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980. Segunda Parte, Capítulo 3, itens 4 e 5.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico:* diretrizes para o trabalho didático-científico na universidade. 6. ed. São Paulo: Ed. Cortez, Autores Associados, 1982. Capítulo 5, item 2.

BIBLIOGRAFIA

ACKOFF, Russel L. *Planejamento de pesquisa social.* São Paulo: Herder, EDUSP, 1967.

——— . 2. ed. São Paulo: EPU, EDUSP 1975

ALFONSO, Juan Maestre. *La investigación enantropologia social.* Madrid: Akal, 1974.

ALVES, Danny José. *O teste sociométrico:* sociogramas. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1974.

AMARAL, Hélio Soares do. *Comunicação, pesquisa e documentação:* método e técnica de trabalho acadêmico e de redação jornalística. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

ANDER-EGG, Ezequiel. *Introducción a las técnicas de investigación social:* para trabajadores sociales. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

ARAUJO, Manuel Mora y et al. *El análisis de datos en la investigación social.* Buenos Aires: Nueva Vision, 1973.

ASTI VERA, Armando. *Metodologia da pesquisa científica.* Porto Alegre: Globo, 1976.

——— . 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

AUGRAS, Monique. *Opinião pública:* teoria e pesquisa. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

AZEVEDO, Amilcar Gomes, CAMPOS, Paulo H. B. *Estatística Básica* 3. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BABINI, José. *El saber.* Buenos Aires: Nueva Visión, 1957.

BARBOSA FILHO, Manuel. *Introdução à pesquisa:* métodos, técnicas e instrumentos. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

BARQUERO, Ricardo Velilla. *Como se realiza um trabajo monografico.* EUNIBAR, 1979.

BARRASS, Robert. *Os cientistas precisam escrever:* guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979.

BASTOS, Lília da Rocha et al. *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações.* Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BEATTIE, John. *Introdução à antropologia social.* São Paulo: Nacional, EDUSP, 1971.

BERQUÓ, Elza Salvatori. *Bioestatística.* São Paulo: E.P.U., 1980.

BEST, J. W. *Como investigar en educación.* 2. ed. Madrid: Morata, 1972.

BLALOCK, Jr., H. M. *Introdução à pesquisa social.* 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BLOOM, Benjamim S. et. al. *Taxomania de los objetivos de la educación:* la classificación de las metas educacionales. Buenos Aires: El Ateneo, 1971.

BOTTOMORE, T. B. *Introdução à sociologia.* Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

BOUDON, Raymond. *Métodos quantitativos em sociologia.* Petrópolis: Vozes, 1971.

BOURDON, Raymond et al. *Metodologia de las ciencias sociales.* 2. ed. Barcelona: Laia, 1979. 3 v.

BOYD, Jr., Harper W., WESTFALL, Ralph. *Pesquisa mercadológica:* testos e casos 3. ed. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1978.

BRUYNE, Paul de et al. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais:* os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BUNGE Mario. *Teoria y realidad.* Barcelona: Ariel, 1972.

———. *La ciencia su método y su filosofia.* Buenos Aires: Siglo Vinte, 1974.

———. *La investigación científica:* su estratégia y su filosofia. 5. ed. Barcelona: Ariel, 1976.

———. *Epistemologia;* curso de atualização. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1980.

CALDERON, Alor C. *Antropolgia social.* 4. ed. México: Oasis, 1971.

CAMPBELL, Donald T., STANLEY, Julian C. *Delineamentos experimentais e quase-experimentais de pesquisa.* São Paulo: E.P.U., EDUSP, 1979.

CAPALBO, Creusa. *Metodologia das ciências sociais:* a fenomenologia de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Antares, 1979.

CARDOSO, Clodoaldo M. DOMINGUES, Muricy. *O trabalho científico:* fundamentos filosóficos e metodológicos. Bauru: Jalovi, 1980.

CASTAGNINO, Raul H. *Análise literária.* São Paulo: Mestre Jou, 1968.

CASTRO, Cláudio de Moura. *A prática da pesquisa.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978a.

———. *Estrutura e apresentação de publicações científicas.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978b.

CERRONI, Humberto. *Metodologia y ciencia social.* Barcelona: Martinez Roca, 1971.

CERVO, Amado Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica:* para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

CLARK, Maria Angélica Gallardo. *La praxis del trabajo social en una dirección científica:* teoria, metodologia, instrumental de campo. Buenos Aires: Ecro, 1973.

COHEN, Morris, NAGEL, Ernest. *Introdución a la lógica y al método científico.* 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1971, 2 v.

DANIELLI, Irene. *Roteiro de estudo de metodologia científica.* Brasília: Horizonte, 1980.

DAVIS, James A. *Levantamento de dados em sociologia:* uma análise estatística elementar. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

DELORENZO NETO, Antonio. Da pesquisa nas ciências sociais. Separata *Ciências Econômicas e Sociais.* Osasco, v. 5, n. 1 e 2, p. 7-66, jan./jul. 1970.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais.* São Paulo: Atlas, 1981.

DUVERGER, Maurice. *Ciência política:* teoria e método. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDEZ, Juan Antonio Rodrigues. *A hipótese na investigação científica.* o problema da formulação da hipótese e a qualidade da pesquisa. Dissertação (Mestrado em Metodologia Científica) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979.

FESTINGER, Leon, KATZ, Daniel. *A pesquisa na psicologia social.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método.* esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FLESCH, Rudolf. *The art of clear thinking.* London: Collica Books, 1951.

FONSECA, Edson Nery. *Problemas de comunicação da informação científica.* São Paulo: Thesaurus, 1975.

FRAGATA, Júlio S. I. *Noções de metodologia:* para elaboração de um trabalho cinetífico. Porto: Tavares Martins, 1980.

GALLIANO, A. Guilherme (Org.). *O método científico:* teoria e prática. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979.

GALTUNG, Johan. *Teoria y métodos de la investigación social.* 5. ed. Buenos Aires: EUDEBA, 1978. 2 v.

GATTI, BernardeteA., FERES, Nagib Lima. *Estatística básica para ciências humanas.* São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

GIBSON, Quentin. *La lógica de la investigación social.* 2. ed. Madrid: Tecnos, 1964.

GIDDENS, Antony. *Novas regras do método sociológico:* uma crítica positiva das sociologias compreensivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GLOCK, Charles Y. *Diseño y análisis de encuestas en sociologia.* Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e ciências humanas.* Lisboa: Presença, 1972. 2 v.

GOODE, William J. & HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social.* 2. ed. São Paulo: Nacional, 1968.

——— . 3. ed. São Paulo: Nacional, 1969.

GRAWITZ, Madeleine. *Métodos y técnicas de las ciencias sociales.* Barcelona: Hispano Europea, 1975. 2 v.

HARLOW, Eric, COMPTON, Henry. *Comunicação:* processo, técnicas e práticas. São Paulo: Atlas, 1980.

HEGENBERG, Leônidas. *Explicações científicas:* introdução à filosofia da ciência. 2. ed. São Paulo: E.P.U. EDUSP, 1973.

——— . *Etapas da investigação científica.* São Paulo: E.P.U., EDUSP, 1976. 2 v.

HIRANO, Sedi (Org.). *Pesquisa social:* projeto e planejamento. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

HOFMANN, Abraham. *Los gráficos en las gestions.* Barcelona: Técnicos, 1974.

HYMAN, Herbert. *Planejamento e análise da pesquisa:* princípios, casos e processos. Rio de Janeiro: Lidador, 1967.

KAPLAN, Abraham. *A conduta na pesquisa:* metodologia para as ciências do comportamento. São Paulo: Herder, EDUSP, 1969.

——— . 2. ed. São Paulo: E.P.U., EDUSP, 1975.

KAUFMANN, Feliz. *Metodologia das ciências sociais.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KERLINGER, Fred N. *Fondations of behavioral research.* New York: Holt Rinehart and Winston, 1973.

——— . *Metodologia da pesquisa em ciências sociais:* um tratamento conceitual. São Paulo: E.P.U., EDUSP, 1980.

KIRSTEN, José Tiacci et al. *Estatística para as ciências sociais:* teoria e aplicações. São Paulo: Saraiva, 1980.

KNELLER, George F. *A ciência como atividade humana.* Rio de Janeiro: Zahar, São Paulo: EDUSP, 1980.

KOCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica.* 3. ed.Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre, EST, 1979.

KORN, Francis et al. *Conceptos y variables en la investigación social.* Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.

KOURGANOFF, Wladimir. *La investigación científica.* Buenos Aires: EUDEBA 1959.

KRUSE, Herman C. *Introdución a la teoria científica del serviço social.* Buenos Aires: ECRO, 1972.

KURY, Adriano da Gama. *Elaboração e editoração de trabalhos de nível universitário:* especialmente na área humanística. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1980.

LAKATOS, Eva Maria. *O trabalho temporário:* nova forma de relações sociais no trabalho. Tese (Livre-docência em Sociologia) – Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979. 2. v.

———— . *Sociologia geral.* 4. ed. São Paulo: Atlas, 1981.

LARROYO, Francisco. *Pedagogia de la enseñansa superior.* 2. ed. México: 1964.

LEBRET, L. J. *Manual de encuesta social.* Madrid: Rialp, 1961. 2 v.

LEITE, José Alfredo Américo. *Metodologia de elaboração de teses.* São Paulo: Mc-Graw-Hill do Brasil, 1978.

LODI, João Bosco. *A entrevista:* teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

LUNDENBERG, George A. *Técnica da la investigación social.* México: Fondo de Cultura Económica, 1949.

MAIR, Lucy. *Introdução à antropologia social.* 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MANN, Peter H. *Métodos de investigação sociológica.* Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MANZO, Abelardo J. *Manual para la preparación de monografias:* una guia para apresentar informes y tesis. Buenos Aires: Humanitas, 1971.

———— . 2. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1973.

MARCONI, Marina de Andrade. *Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista.* São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

MARINHO, Inezil Penna. *Introdução ao estudo da metodologia científica.* Brasília: Brasil, s.d.

MARINHO, Pedro. *A pesquisa em ciências humanas. Petrópolis: Vozes, 1980.*

MARTINS, Joel, CELANI, M. Antonieta Alba. *Subsídio para redação de teses de mestrado e doutoramento.* 2. ed. São Paulo: Cortez & Morales, 1979.

MARQUEZ, A.D. *Educación comparada:* teoría y metodologia. Buenos Aires:Anteco, 1972.

MEDEIROS, João Bosco. *Técnicas de redação.* 3. ed. São Paulo: Atlas, 1988.

MINICUCCI, Agostinho. *Dinâmica de grupo:* manual de técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1977.

MOISÉS, Massaud. *Guia prático de análise literária.* São Paulo: Cultrix, 1970.

MONTENEGRO, E. J. *Estatística montada passo a passo.* São Paulo: Centrais Impressora Brasileira, 1981.

MORAES, Irany Novah. *Elaboração da pesquisa científica.* 2. ed. São Paulo, Álamo/Faculdade Ibero-American, 1985.

MORAL, Ireneo Gonzales. *Metodologia.* Santander: Sal Terrae, 1955.

MOREIRA, José dos Santos. *Elementos de estatística* São Paulo: Atlas, 1979.

NAGEL, Ernest. *La estructura de la ciencia:* problemas de la lógica de la investigación científica. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 1978.

NÉRICI, Imídeo G. *Metodologia do ensino superior.* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

———. *Introdução à didática geral.* 10. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1971.

———. *Educação e metodologia.* 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973.

NOGUEIRA, Oracy. *Pesquisa social:* introdução às suas técnicas. São Paulo: Nacional, EDUSP, 1968.

NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A aventura sociológica:* objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OGBURN, William F., NIMKOFF, Meyer F. *Sociologia.* 8. ed. Madrid: Aguilar, 1971.

PARDINAS, Felipe. *Metodologia y técnicas de investigación en ciencias sociales.* México: Siglo Veinteuno, 1969.

———. 2. ed. México: Siglo Veinteuno, 1977.

PASTOR, Julio Rey, QUILLES, Ismael. *Diccionário filosofico.* Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1952.

PAULI, Evaldo. *Manual de metodologia científica.* São Paulo: Resenha Universitária, 1976.

PEREIRA, Wlademir. *Manual de introdução à economia.* São Paulo: Saraiva, 1981.

PHILLIPS, Bernard S. *Pesquisa social:* estratégias e táticas. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

PIERSON, Donald. *Teoria e pesquisa em sociologia.* 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

POLANSKY, Norman A. *Metodologia de la investigación del trabajo social.* Madrid: Euramérica, 1966.

RAMON Y CAJAL, Santiago. *Reglas y consejos sobre investigación científica.* 8. ed. Madrid: Beltran Principe, 1940.

———. *Regras e conselhos sobre a investigação científica.* 3. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, EDUSP, 1979.

REHFELDT, Gládis Knak. *Monografia e tese:* guia prático. Porto Alegre: Sulina, 1980.

REY, Luis. *Como redigir trabalhos científicos.* São Paulo: Edgard Blücher, 1978.

RILEY, Matilda White, NELSON, Edward E. *A observação sociológica:* uma estratégia para um novo conhecimento social. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ROSEMBERG, Morris. *A lógica da análise de levantamento de dados.* São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1976.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica.* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

———. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica:* guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1979.

———. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1980.

RUMMEL, J. Francis. *Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação.* 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1977.

SALOMON, Décio Vieira. *Como fazer uma monografia:* elementos de metodologia do trabalho científico. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

——— . 3. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica:* elaboração de trabalhos científicos. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

SCHRADER, Achim. *Introdução à pesquisa social empírica:* um guia para o planejamento, a execução e a avaliação de projetos de pesquisa não experimentais. Porto Alegre: Globo, 1971.

——— . 2. ed. Porto Alegre: Globo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

SELLTIZ, C. et. al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais.* São Paulo: Herder, 1965.

——— . 2. ed. São Paulo: Herder, EDUSP, 1967.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico:* diretrizes para o trabalho científico-didático na universidade. 5. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

——— . 6. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1982.

SIQUEIRA, L. Mesquita. *Pesquisa bibliográfica em tecnologia.* São José dos Campos: ITA, 1969 (Mimeografado).

SOUZA, Aluísio José Maria de et al. *Iniciação à lógica e à metodologia da ciência.* São Paulo: Cultrix, 1976.

SPINA, Segismundo. *Normas gerais para os trabalhos de grau universitário:* um breviário para o estudante de pós-graduação. São Paulo: Fernando Pessoa, 1974.

SUSSAMS, John E. *Como fazer um relatório.* Lisboa: Presença, 1987.

TAGLIACARNE, Guglielmo. *Pesquisa de mercado:* técnica e prática. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1976.

THIOLLENT, Michel J. M. *Crítica metodológica, investigação social & enquete operária.* São Paulo: Polis, 1980.

TRIPODI, Tony et al. *Análises da pesquisa social:* diretrizes para o uso de pesquisa em serviço social e em ciências sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. *Metodologia da ciência.* 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

——— . *Espistemologia e metodologia da sociologia.* Campinas [s.ed.], 1977.

——— . *Metodologia da pesquisa científica.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

VEGA, Javier Lasso de la. *Manual de documentación.* Barcelona: Labor, 1969.

WHITNEY, Frederick L. *Elementos de investigación.* Barcelona: Omega, 1958.

WITT, Aracy. *Metodologia de pesquisa:* questionário e formulário. 2. ed. São Paulo: Resenha Tributária, 1973.

——— . 3. ed. São Paulo: Resenha Tributária, 1975.

YOUNG, Pauline. *Métodos científicos de investigación social.* México: Instituto de Investigaciones Sociales de la Universidade del México, 1960.

ZEISEL, Hans. *Say it with figures.* 4. ed. New York: Harper & Row Publishes, 1957.

ZETTERBERG, Hans. *Teoria y verificación en sociologia.* Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.

Índice Remissivo

ABORDAGEM
Conceitos, 81
Método de –, 105
ABSTRACT, 139
Fonte de informações, 47
ADJETIVAÇÃO
Evitar, 25
ADJETIVOS
Os supérfluos devem ser evitados, 88
ADJETIVOS EXPLICATIVOS
Servem para delimitar sujeito e objeto, 45
ADJETIVOS RESTRITOS
Servem para delimitar sujeito e objeto, 45
AGRADECIMENTOS, 139
ALGARISMOS ARÁBICOS, 137
ALGARISMOS ROMANOS, 137
AMOSTRAGEM
Tipo de –, 108
ANÁLISE
Conceito, 23
Da estrutura, 26
Das relações, 26
Dos elementos, 25
Finalidade, 23
Interpretativa, 28
Não lhe cabe julgar, 25
Para ler proveitosamente, 18
Roteiro, 28
Significado, 23
Temática, 28
Textual, 28
Tipos, 25
ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO
Fase da pesquisa bibliográfica, 48
ANÁLISE DAS RELAÇÕES
Objetivo, 26
ANÁLISE DE TEXTO
Objetivo, 24
ANÁLISE PROGRESSIVA, 50
ANEXOS,134, 139
Tese, 169
ANTEPROJETO
De pesquisa, 99
APÊNDICES, 134, 139
Tese, 169
APÓSTROFO
Uso do –, 178
APUD
Uso de –, 180, 184
ARGUMENTAÇÃO
Estrutura do desenvolvimento, 171
Formal, 172
Informal, 171
Tipos, 173
ARGUMENTO TEÓRICO
Roteiro, 87
Tipo de artigo científico, 86
ARTIGO DE ANÁLISE
Engloba, 87
Roteiro, 87
Tipo de artigo científico, 88
ARTIGO CIENTÍFICO
Agradecimentos, 85
Argumento teórico, 87
Avaliação, 88
Bibliografia, 85
Cabeçalho, 85
Classificatório, 87
Comentários, 85
Conceito, 84
Conclusões, 85
Conteúdo do –, 86

Corpo do artigo, 85
Data, 86
Deve levar em consideração o público a que se destina, 86
Estilo, 88
Estrutura, 85
Introdução, 85
Linguagem correta, 88
Motivação, 88
Necessidade de Esquema, 86
Onde são publicados, 84
Parte referencial, 85
Permitem repetir a experiência, 85
Preliminares, 85
Texto, 85
Tipos, 86
ASPAS
Que se convertem em apóstrofo, 178
Uso obrigatório nas citações, 59
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 55
ASSUNTO
Delimitação, 45
Delimitação – implicações, 45
Determinação das circunstâncias, 46
Fontes, 45
ASTERISCO
Deve ser evitado, 183
ATENÇÃO
Dualidade de leitura, 18
AUTORIDADE
Burocrática, 110
Carismática, 110
Legal, 110
Racional, 110
Tradicional, 110
AVALIAÇÃO
Do roteiro para seminário – critérios, 35
Elemento do roteiro para seminário, 34
AVALIAÇÃO METODOLÓGICA DO TRABALHO, 164

BANCO DE TESE, 48
BIBLIOGRAFIA, 134
Abrange os livros utilizados, 113
Geral e específica, 186
Finalidade, no levantamento bibliográfico, 44
Elemento para identificação da obra, 17
Numerar a bibliografia final, 180
Relação das obras consultadas, 139
Roteiro para seminário, 34
Tese, 169
Tópico de análise, 28
Veja verbete FONTE DAS CITAÇÕES NO TEXTO
BIBLIOGRAFIA FINAL
Ano de publicação, 187
Artigos de jornais, 189
Artigos de periódicos, 189
Autor – entidade coletiva, 191
Autor – pessoa física, 190
Autor de publicação, 186
Data, 194
Edição, 193
Editor, 187, 194
Indicação da parte, capítulo, ítem, 188
Local de publicação, 187, 194
Número da edição, 187
Número de páginas, 187
Parte essencial de qualquer trabalho científico, 186
Prefaciador, 187
Publicações avulsas consideradas no todo, 184
Publicações avulsas consideradas em parte, 188
Quando há autor repetido, de obras diferentes, 188
Separação de livros, revistas, publicações avulsas, jornais, documentação primária e cartográfica, 187
Teses, 195
Título, 197
Título de publicação, 187
Título da série, 187
Trabalhos mimeografados, 194
Tradutor, 187
Uso de S. ed., 194
Uso de s.n.t. (sem nenhuma nota tipográfica), 194
Uso de p., 194
Uso de v., 194
BIBLIOTECA
Preocupação com sua formação, 18

CABEÇALHO
De ficha, 52
CAPA
Exemplo, 141
CAPÍTULOS
Numeração, 138

CATÁLOGOS
Servem para a identificação de obras, 47
CATÁLOGO COLETIVO NACIONAL, 48
CITAÇÕES, 177
Fichas, 59
Esclarecimento inserido em texto transcrito, 177
CITAÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO TEXTO
Através de número referente à lista da bibliografia final, 180
CITAÇÃO COM MAIS DE TRÊS LINHAS, 178
CLASSIFICATÓRIO
Artigo científico, 87
Roteiro do artigo, 87
COLCHETES
Uso, 177
COMENTADOR
Elemento do seminário, 30
COMPILAÇÃO
Fase da pesquisa bibliográfica, 48
COMPLEMENTOS NOMINAIS DE ESPECIFICAÇÃO, 46
COMUNICAÇÃO
Abordagem, 81
Aspectos, 80
Conceito, 79
Conclusão, 81
Desenvolvimento, 81
Elaboração, 83
Estágios, 83
Estrutura, 80, 82
Exemplo, 84
Finalidade, 80
Informações, 80
Introdução, 80
Linguagem, 81
Tipos, 82
COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA
Conceito, 79
COMPREENSÃO
Níveis profundos, 24
CONCEITOS
Função, 169
CONCEITOS DE OBSERVAÇÃO DIRETA, 169
CONCEITOS DE OBSERVAÇÃO INDIRETA, 171
CONCLUSÃO
Roteiro, 34
CONFERÊNCIA
Apresentação, 37
Caráter formal, 37
Conceito, 36
Diretrizes, 36
Exposição, 38
Organização, 36, 38
Pensar com antecedência, 37
Preparação, 37
Tempo, 38
CONFERENCISTA
Deixar seu olhar vagar sobre todos, 37
Evitar cacoetes, 37
Usar vocabulário técnico, 37
CONHECIMENTO
É ampliado pela leitura, 96
CONHECIMENTO CIENTÍFICO, 79
CONSTRUÇÃO DE ARGUMENTOS, 171
CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS
Definição operacional, 169
CONSTRUCTOS, 169, 170
CONTEÚDO
Roteiro, 34
COORDENADOR
Componente do seminário, 30
CORPO DO ARTIGO
Divisão, 86
CRÍTICA
Do texto, 48
Do valor interno do conteúdo, 49
Tipo de leitura, 20
CRÍTICA DA AUTENTICIDADE, 49
CRÍTICA EXTERNA
Definição, 48
CRÍTICA INTERNA
Definição, 49
CRÍTICA DE INTERPRETAÇÃO, 49
CRÍTICA DA PROVENIÊNCIA, 49
CRIATIVIDADE
Necessária ao pesquisador, 103
CURRICULUM VITAE, 38

DATA
Roteiro para seminário, 34
DATA DA PUBLICAÇÃO
Elemento que indica atualização, 17
DATILOGRAFIA
Capítulos, 137
Distribuição do texto – exemplo, 140
Espaço, 137
Margem direita, 137

Numeração das páginas, 137
Parágrafos, 137
DEDICATÓRIA, 139
Exemplos, 146
DEFINIÇÃO OPERACIONAL, 170
DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO, 108
DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO, 108
DESLEALDADE
Defeito da leitura, 20
DICIONÁRIO
Necessário como procedimento de leitura, 24
DIGESTO, 93
DIRETOR
Componente do seminário, 30
DISPERSÃO
Defeito de leitura, 20
DISSERTAÇÃO, 51
Avaliação metodológica do trabalho, 163
Conceito, 158
Conclusões, 162
Contribui de forma substancial na solução de problemas importantes, 159
Desenvolvimento, 162
Escolha do tema, 159
Esquema, 162
Exige defesa de tese, 158
Hipóteses, 161
Introdução, 162
Plano de trabalho, 162
Problemas, 161
Requer Sistematização, 158
Situa-se entre a monografia e a tese, 158
Tem caráter didático, 158
Tipos, 159
Variáveis, 161
DISSERTAÇÃO ARGUMENTATIVA, 159
DISSERTAÇÃO CIENTÍFICA, 159
DISSERTAÇÃO EXPOSITIVA, 159
DISSERTAÇÃO MONOGRÁFICA, 159
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
Requisitos básicos, 81
DOCUMENTAÇÃO DIRETA
Processo de obtenção de dados, 43
DOCUMENTAÇÃO INDIRETA
Processo de obtenção de dados, 43
DOCUMENTOS
Fonte primária, 43
DOIS-PONTOS
Uso de –, 180
ELABORAÇÃO DE TESE
Exige leitura, 17
EMBASAMENTO TEÓRICO
Fundamentação teórica da pesquisa, 110
ÊNFASE, 178
ERROS DE GRAFIA
Uso de *sic*, 59
ERUDIÇÃO
Tipo de leitura, 20
ESPÍRITO CRÍTICO
Para avaliar um texto, 19
ESPÍRITO CRÍTICO EXCESSIVO
Defeito de leitura, 20
ESQUEMA DE DISSERTAÇÃO
Exemplo, 162
ET ALL II
Uso de –, 184
ESTILO
Características, 174
ESTRUTURA
Definição, 26
Dinâmica, 27
Estática, 27
Modalidades, 27
ESTRUTURA DA COMUNICAÇÃO
Apresentação formal, 83
Conteúdo, 83
Folha de rosto, 82
Referência bibliográfica, 83
Sinopse, 82
ESTRUTURA DO PLANO, 26
ESTRUTURA DO PROJETO DE PESQUISA
Objetivo, 102
ESTUDO (DE)
Tipo de leitura, 20
ESTUDO DE TEXTO
Objetivo, 17

FATORES EXTERNOS
Na escolha do tema, 45
FASES DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA
Escolha do tema, 44
FATORES INTERNOS
Na escolha do tema, 44
FICHA
Analítica, 61, 67
Aspecto físico, 52
Cabeçalho, 52
De comentário, 61
Composição, 52

Conteúdo, 57
De conteúdo, 60
Corpo ou texto, 55
De esboço, 60
Estrutura, 52
Importância, 48
Indicação da obra, 56
Instrumento de trabalho imprescindível, 51
Necessidade de especificar local onde se encontra disponível o material, 56
O que permitem, 51
De resumo, 60
Tamanho, 52
FICHA BIBLIOGRÁFICA
Evitar repetições desnecessárias, 59
Exemplo, 62
FICHA CATALOGRÁFICA
Elemento do trabalho científico, 139
Exemplo, 144
Serve para indicar qualificações do autor, 17
FICHA DE CITAÇÕES
Exemplo, 63
FICHA DE COMENTÁRIO
Exemplo, 67
FICHA DE CONTEÚDO
Exemplo, 64
FICHA DE ESBOÇO
Exemplo, 65
FICHAS-GUIAS
Uso de cores, 68
FICHA DE RESUMO
Exemplo, 64
FICHAMENTO
Fase da pesquisa bibliográfica, 48
FICHÁRIO
Arranjo alfabético, 68, 69
Arranjo classificado, 70
Arranjo sistemático, 70
Devem ser diferentes para livros e periódicos, 70
Disposição, 68
FOLHA
Tamanho, 136
FOLHA DE ROSTO, 55
Elementos, 82
Trabalho científico, 137
FONTE
Citação não literal, 179
Tópico da análise, 28
FONTE DAS CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS
Não se repetem números iguais, 180
Quando a obra citada se compõe de dois ou mais volumes, 180
FONTE DAS CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS NO TEXTO
No caso em que a idéia citada se encontra disseminada em várias páginas, 180
Uso de número referente à bibliografia final e número da página, 180
FONTE DAS CITAÇÕES NO TEXTO
Ano de publicação da obra, 179
Autor não consta do texto, 179
Número da página, 180
Quando aparece no texto, deixa de ser incluído entre parênteses, 179
Quando ao autor citado pertence o capítulo, 180
Quando a citação se refere às idéias de um autor citado por outro, 180
Quando o autor tem mais de uma obra publicada em anos diferentes, 180
Quando os autores são dois, 180
Quando o texto citado se encontra em duas ou mais páginas consecutivas, 180
Quando o texto citado se encontra em páginas não consecutivas, 180
Quando um mesmo autor tem mais de uma obra publicada no mesmo ano, 180
Sobrenome do autor, 179
O que compreende, 43
FORMULAÇÃO DO PROBLEMA
Plano de trabalho, 47
FORMULÁRIO DE PESQUISA
Exemplo, 126
FRASE
Necesidade de complementá-la para que o texto não perca o sentido, 60
GENERALIZAÇÃO
Validade, 50
Vantagens, 50
GLOSSÁRIO
Tese, 169
GRUPO
Componente do seminário, 30
HERMENÊUTICA, 49

IBIDEM
Uso de –, 185
IDÉIA PRINCIPAL, 24
IDEM
Uso de –, 184
IDENTIFICAÇÃO
Fase da pesquisa bibliográfica, 47
IMPESSOALIDADE
Caráter do trabalho científico, 173
IN
Uso de –, 184, 188
INCONSTÂNCIA
Defeito de leitura, 20
INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA AO FINAL DOS CAPÍTULOS, 182
INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO TEXTO
Facilidade a parte mecanográfica, 181
ÍNDICE
Idéia da divisão do texto, 17
ÍNDICE DE AUTORES, 140
ÍNDICE-REMISSIVO, 140
Exemplo, 148
Tese, 168
INFORMAÇÃO
Coleta de, 22
INFORME CIENTÍFICO
Conceito, 89
INTENÇÃO
Do autor, 27
Elemento necessário à leitura proveitosa, 19
INTENÇÃO DO AUTOR
Título, 17
INTERPRETAÇÃO
Exigências, 51
Procedimento de leitura, 24
INTRODUÇÃO
Indícios da metodologia, 17
Local onde se colocam os dizeres, 136
Roteiro de seminário, 34
ITÁLICO
Uso em notas de rodapé, 184
INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA
Leitura – fator decisivo, 15

JORNAIS
Fontes importantes de informação, 16
JUSTIFICATIVA
Não apresenta citações de outros autores, 103

LEITOR
Qualidade, 18
LEITURA
Aproveitamento, 16
Como se deve ler, 18
Confiabilidade, 17
Crítica, 20, 21
Cultura geral, 15
De distração, 16
De estudo, 20
De higiene, 21
De informações, 21
De objetivo, 17
De prazer, 21
De reconhecimento, 21, 22
Defeitos a serem evitados, 20
Discutir com os colegas aquilo que se leu, 18
Distração, 21
Entretenimento, 16
Escolha de –, 17
Espécies, 16
Etapas para resumir, 73
Primeira, 73
Segunda, 73
Terceira, 73
Quarta, 73
Exigências na elaboração de tese, 17
Exploratória, 22
Fases da – informativa, 22
Fonte de conhecimento, 15
Fonte de informações básicas, 18
Formas de –, 18
Formativa, 16, 21
Informativa, 21
Interpretativa, 21, 22
Modalidade, 21
Natureza, 16
Necessidade de orientador, 17
Objetivo, 17
Objetivos fundamentais, 17
Operações, 16
Organização, 16
Oval, 17
Passos na busca de material, 17
Por que se deve ler, 18
Pré –, 22
Prévia, 22
Procedimento, 24
Proveitosa, 18
Quando deve ser interrompida, 18

Quando é válida, 15
Reconhecimento, 16
Reflexiva, 21, 22
Regras elementares, 19
Seletiva, 21, 22
Silenciosa, 21
Técnica, 21
Tipos, 20
Valoração, 16
LEITURA - DESCANSO, 21
LEITURA - CRÍTICA, 21
LEITURA - TRABALHO, 21
LER
Como se deve, 18
Significado, 15
LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO
Finalidade, 43
LETRAS MENORES
Uso de –, 178
LINGUAGEM
Comunicação, 81
Do roteiro, 34
LINGUAGEM CIENTÍFICA
Características, 174
Deve ser correta em relação à gramática, 174
LINGUAGEM TÉCNICA
Linguagem do trabalho científico, 173
LIVRO
Como se descobre a abordagem do autor, 17
Escolha é feita pelo título, autor e edição, 17
Tipos, 18
LOCALIZAÇÃO DAS FICHAS BIBLIOGRÁFICAS, 47
LOMBADA, 55

MAIÚSCULAS
Uso em notas de rodapé, 185
MARGEM DIREITA, 136
MÉTODOS DE PROCEDIMENTO, 106
METODOLOGIA
Elemento de análise, 28
Método de abordagem, 106
Métodos de procedimento, 106
Técnicas, 107
Tipo de amostragem, 108
Tratamento estatístico, 108
MINÚSCULAS
Uso em notas de rodapé, 185
MONOGRAFIA, 51
Apresenta provas, 153
Assunto, 156
Bibliografia, 156
Caráter do trabalho – característica essencial, 152
Características, 152
Conceitos, 151
Conclusão, 155
Definição, 151
Desenvolvimento, 155
Escolha de tema, 156
Esquema, 157
Esquema de frases – exemplo, 157
Esquema dos tópicos – exemplo, 157
Estrutura, 155
Expõe interpretações e relações, 153
Expressa uma descoberta verdadeira, 153
Finalidades, 153
Formulação geral, 153
Introdução, 155
Objetivos, 153
Objetivo externo, 153
Objetivo interno, 153
O que é, 152
O que não é, 152
Plano, 157
Pretende ser objetiva, 153
Sentido estrito, 154
Sentido *lato*, 154
Sistematicidade, 153
Tipos, 154
MONOGRAFIA CIENTÍFICA, 155
MONOGRAFIA ESCOLAR, 154

NEGRITO
Uso em notas de rodapé, 185
NOTAS DE RODAPÉ
Artigos de publicações periódicas, 186
Datilografia, 183
Disposição, 183
Finalidade, 182
Impossibilidade de uso de ob. cit., 185
Indicação das fontes das citações, 183
Nome completo do autor, 183
Número de chamada das notas, 181
Número da página, 185
Quando as idéias citadas se encontram disseminadas em várias passagens da obra,185

Quando a obra citada se apresenta em dois ou mais volumes, 186
Título da obra, 185
Veja verbete FONTE DAS CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS NO TEXTO
NUMERAÇÃO DAS PÁGINAS, 137

OBJETO
Delimitação do assunto, 45
OBJETO DE PESQUISA
Problema, 103
OBRAS
Tipos, 18
OBSERVAÇÃO
Direta extensiva, 107
Direta intensiva, 107
OB. CIT.
Impossibilidade de uso, 185
Oferece dificuldades, 185
Uso de –, 185
O GRIFO É MEU, 178
ORELHA
Apreciação da obra, 17

PÁGINA DE APROVAÇÃO, 139
Exemplo, 145
PÁGINA DE ROSTO
Exemplo, 143
PAGINAÇÃO
Resumo da – dos trabalhos científicos, 150
PALAVRAS
Anotar as desconhecidas, 24
Divergências de significados devem ser esclarecidas, 81
Significado deve ser claro, 81
PARÁGRAFOS, 137
PARÊNTESES
Uso, 59, 138
PARTICIPANTES
Roteiro para seminário, 34
PASSIM
Uso de –, 185
PASSIVIDADE
Defeito de leitura, 20
PESQUISA
Bibliografia, 113
Conceitos operacionais e indicadores, 111
Cronograma, 112
Definição dos termos, 111
Embasamento teórico, 110
Estrutura do relatório, 130
Exemplo de relatório, 114
Formulação do problema, 103
Hipótese básica, 104
Hipóteses secundárias, 104
Implica o levantamento de dados, 43
Instrumentos de –, 113
Justificativa, 103
Metodologia, 105
Não parte da estaca zero, 110
Objetivo específico, 102
Objetivo geral, 102
Objeto, 103
Orçamento, 112
Revisão da bibliografia, 110
Tema, 102
Variáveis, 104
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA, 43
Conceito, 43
Escolha do tema, 44
Fases, 44
Fichas, 51
Primeiro passo da pesquisa científica, 44
Resumos, 72
Significado, 43
Tipos, 43
PESQUISA DE CAMPO
A leitura poupa o trabalho de –, 15
Documentação direta, 43
PESQUISA CIENTÍFICA
Caráter interpretativo, 110
PESQUISA DOCUMENTAL, 43
PESQUISA DE LABORATÓRIO
Documentação direta, 43
PESQUISA PILOTO, 129
PESQUISADOR
Necessidade de criatividade, 103
PLANO
Comunicação, 83
Seminário, 34
PLANO DE TRABALHO
Conclusão, 47
Demonstração, 46
Desenvolvimento, 46
Discussão, 46
Elaboração, 46
Explicação, 46
Formulação do problema, 47
Introdução, 46
Precede o fichamento, 46

PRÉ-LEITURA, 21, 22
PREGUIÇA
Defeito de leitura, 20
PRÉ-TESTE, 129
PROBLEMATIZAÇÃO, 28
PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS
Análise de texto, 23
Conferência, 36
Curriculum vitae, 38
Leitura, 15
Seminário, 29
PREFÁCIO
Indício dos objetivos do autor, 18
PROFESSOR
Orientador de leitura, 17
PROJETO
Noções preliminares, 99
PROJETO DE PESQUISA
Apresentação, 99, 100
Bibliografia, 101
Coordenador, 101
Cronograma, 101
Data, 101
Definitivo, 99
Elementos da primeira página, 101
Embasamento teórico, 100
Estrutura, 100
Estudos preliminares, 99
Instrumentos de pesquisa, 101
Justificativa, 100
Local, 101
Metodologia, 100
Objetivo, 100
Orçamento, 101
Passos, 99
Tema, 101
Título, 101
P.
Uso de –, 195
PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS
Artigos científicos, 84
Comunicação, 79
Informe científico, 89
Resenha crítica, 89

RECONHECIMENTO DE FALTA DE CONHECIMENTO
Comunicação, 83
REDAÇÃO
Fase da pesquisa bibliográfica, 51
Impessoalidade, 173
Provisória, 83
Regras, 174
Tipos, 173
Do trabalho, 165
Do trabalho científico, 173
REDAÇÃO FINAL
Recomendação, 24
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA, 55
Indicação no texto, 55
Necessárias para o entendimento da mensagem do autor, 25
Veja verbete FONTE DAS CITAÇÕES NO TEXTO
REFLEXÃO
Ajuda a aprofundar o conhecimento, 19
Conceito e natureza da –, 171
Qualidades básicas, 171
REFLEXÃO CRÍTICA
Elemento de análise, 29
REFLEXÃO DE TESES, 171
RELATOR
Componente do seminário, 30
RELATÓRIO
Abstract, 130, 131
Anexos, 134
Apêndices, 134
Apresentação, 130, 131
Apresentação dos dados e sua análise, 132
Bibliografia, 134
Capa, 130
Conclusões, 133
Deve responder às questões: o que?, por que?, para quê? e para quem?, onde?, como, com quê, quanto e quando?, quem? com quanto?, 99
Embasamento teórico, 132
Interpretação dos resultados, 133
Introdução, 130, 132
Justificativa, 130
Metodologia, 131, 132
Objetivo, 130
Objeto da pesquisa, 131
Página de rosto, 130
Recomendações e sugestões, 134
Revisão da bibliografia, 131
Revisão bibliográfica, 132
Sinopse, 130, 132
Sumário, 130, 132
RELATÓRIO DE PESQUISA
Estrutura, 130

Noções preliminares, 99
RELEITURA, 24
RESENHA
Exemplo, 94
RESENHA CRÍTICA
Conceito e finalidade, 89
Estrutura, 91
Importância, 90
Modelo de –, 92
Não admite o sarcasmo, 90
Não há lugar para perguntas retóricas, 90
Requisitos básicos, 90
RÉSUMÉ, 139
RESUMO
Analítico, 73
Caráter, 72
Como fazê-lo, 73
Conceito, 72
Crítico, 74
Descritivo, 74
Exige quatro leituras, 73
Finalidade, 72
Informativo, 73
Ordem em que aparecem as diferentes partes do texto, 73
Técnicas, 73
Tipos, 74
RESUMO ANALÍTICO
Exemplo, 75
RESUMO CRÍTICO
Exemplo, 77
RESUMO DESCRITIVO
Exemplo, 75
RESUMO INDICATIVO
Exemplo, 75
RESUMO INFORMATIVO
Exemplo, 75
RETICÊNCIAS
Uso de –, 178
RODAPÉ
Notas no texto, 181
Número das chamadas no texto, 181
Uso de parênteses, 181
Veja verbete FONTE DAS CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS NO TEXTO
ROTEIRO
De análise, 28
Não deve ser mero resumo, 33
Procedimento técnico na sua elaboração, 33
ROTEIRO DE SEMINÁRIO
Participantes do grupo, 34
SCANNING
Tipo de leitura, 20
SELEÇÃO
Leitura, 15
Livro: título, autor, edição, 17
SELEÇÃO DE LEITURA
Necessidade, 17
SECRETÁRIO
Componente do seminário, 30
SEMINÁRIO
Clássico, 31
Clássico em grupo, 32
Componentes, 30
Conceito, 29
Duração, 31
Em grupo, 32
Exemplo de roteiro, 32
Exemplo, 35
Finalidade, 29
Modalidade, 31
Objetivo, 29
Roteiro, 32
Técnica, 32
Temas, 31
SIC
Uso de –, 59, 177
SIGNIFICADO (DO)
Tipo de leitura, 20
SINOPSE, 139
Exemplos, 147
Línguas em que deve ser escrita, 82
Sua redação envolve, 82
SÍNTESE, 139
Para leitura proveitosa, 18
SÍNTESE PESSOAL, 28
SKIMMING
Tipo de leitura, 20
S.L.
Uso de –, 193
s.n.t. (sem nenhuma nota tipográfica)
Uso de –, 194
SUBDIVISÕES
Utilização de letras após quatro algarismos, 138
SUBLINHA
Uso em nota de rodapé, 185
SUBTÍTULO
Em nota de rodapé, 185
SUJEITO
Delimitação do assunto, 45

COMPRA

SUMÁRIO, 139
Exemplo, 148
Idéia da divisão e tópicos abordados, 17
SUPRESSÃO
De um ou mais parágrafos, 59
SUPRESSÃO DE PALAVRAS, 178
SUPRESSÃO DE UMA OU MAIS PALAVRAS, 59

TABULAÇÃO
Modelo, 128
TÉCNICA
Conceito, 106
TEMA, 25
Amplo, 45
Comunicação, 83
Delimitação, 102
Devem-se evitar assuntos sobre os quais recentemente foram feitos estudos, 45
Dissertação, 159
Fase da pesquisa bibliográfica, 44
Opção livre, 45
Qualidade, 160
TEORIA DE BASE
Conceito, 110
TERMOS
Necessidade de definição, 110
TERMOS TEÓRICOS, 169
TESE, 52
Apêndice, 169
Apresentação, análise e interpretação de dados, 168
Bibliografia, 169
Conceitos, 165
Construção dos argumentos, 168
Construção de conceitos, 169
Definição do tema, 167
Definição dos termos, 168
Delimitação, 167
Desenvolvimento, 168
Deve ser um estudo da literatura científica, 166
Estrutura, 166
Exige determinadas qualidades do pesquisador, 166
Glossário, 169
Indicação da metodologia, 168
Índice remissivo, 169
Introdução, 167
Justificativa da escolha, 167
Localização no espaço e no tempo, 167
Metodologia, 168
Objetivos, 166, 167
Parte referencial, 169
Redação, 173
Revisão da Literatura, 168
Uso do raciocínio, 171
TESE DE ARGUMENTAÇÃO
Objetivo, 171
TESE DE MESTRADO, 159
Exige muita leitura, 17
TEXTO
Análise do –, 23
Fonte inesgotável de idéias, 15
Identificação, 17
TEXTOS EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 178
TÍTULO
Identificação do texto, 17
Do projeto de pesquisa, 101
TÍTULO DO ARTIGO CIENTÍFICO
Deve corresponder ao conteúdo, 88
TÍTULOS E SUBTÍTULOS
Localização na página, 138
TRABALHO CIENTÍFICO
Anexos, 140
Apêndices, 140
Aspectos gráficos, 137
Bibliografia, 140
Caráter impessoal, 173
Corpo do trabalho, 136
Corpo do –, 139
Dedicatória, 139
Desenvolvimento, 140
Disposição do texto, 137
Dissertação, 158
Elementos da capa, 138
Glossário, 140
Índice de autores, 140
Índice-remissivo, 140
Introdução, 139
Linguagem técnica, 173
Materiais da redação, 137
Monografia, 151
Página de aprovação, 139
Partes, 138
Parte referencial, 138, 139
Preliminares, 138
Questões para a sua avaliação, 89
Sinopse, 139
Subsídios para –, 18

Tese, 165
TRABALHO INTELECTUAL
Exige constância, 20
TRAÇO
Uso nas notas de rodapé, 183
TRADUÇÃO
Só deve ser escolhida aquela que oferece garantia de fidelidade, 17
TRANSCRIÇÃO
Deve ser textual, 59
Pensamento de outro autor, 60
Síntese da idéia expressa, 177
TRANSCRIÇÃO LITERAL, 177
TRATAMENTO ESTATÍSTICO, 108
TRÊS PONTOS, 59

UNIVERSO
Delimitação, 108
V.
Uso de –, 195
VARIÁVEIS
Relação entre –, 105
VELOCIDADE
Elemento necessário à leitura proveitosa, 19
VERBOS ATIVOS
Usá-los nas fichas bibliográficas, 59
VOCABULÁRIO
Pode ser ampliado pela leitura, 15

1992

Impressão e acabamento
(com filmes fornecidos)
EDITORA SANTUÁRIO
Fone (0125) 36-2140
APARECIDA - SP